



The Bard News®



Fundador - J.B Wolf

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Agatha Christie Pag A2

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 10, JUNHO 15, 2026



Os Números Não Mentem:

Como Os Afastamentos Colocam Empresas No Radar Da Nr-1

Por Aline Abreu Santana

COLUNISTA

Uma nova dinâmica da NR-1 expõe uma virada importante no mundo corporativo: o sofrimento psíquico no trabalho deixa de ser tratado como fragilidade individual e passa a exigir leitura estrutural. O texto mostra como afastamentos, absenteísmo e licenças médicas podem revelar uma organização que adoce seus trabalhadores enquanto mantém discursos de cuidado e produtividade.

Leia Mais Pag A29

O Desaparecimento da Moda

Como Forma De Expressão Cultural

Por Mariana Pacheco

COLUNISTA

A moda sempre foi mais do que vestimenta. Ela já serviu como linguagem política, expressão de identidade feminina, marca de poder, símbolo de classe e até como retrato de nações inteiras.

Leia Mais Page A15

COMPORTAMENTO



A História dos Provérbios

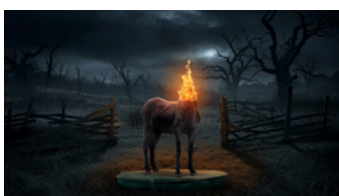
Por Alexandre Câmara

COLUNISTA

Os provérbios são fórmulas curtas que condensam gerações de experiência, moral e humor. O texto mostra como essas sentenças surgiram na oralidade, foram registradas em livros de alfabetização, ganharam novas roupagens nas redes sociais

Leia Mais Pag A24

Tradições Lendárias do Folclore Brasileiro



Por Beth Baltar

COLUNISTA

O folclore brasileiro reúne saberes, medos, encantos e memórias que atravessam gerações por meio da oralidade. Neste texto, Beth Baltar apresenta algumas das lendas mais conhecidas da cultura popular, como Saci Pereré, Curupira, Mula sem Cabeça, Lobisomem, Boitatá e Boto, mostrando como essas narrativas misturam imaginação, natureza, moralidade e identidade nacional. O resultado é um percurso vivo por personagens que habitam o imaginário do país e ajudam a explicar como o Brasil conta a si mesmo.

Leia Mais Pag A14

CULTURA

COMPORTAMENTO



Pequenos Atos de Bondade

Que Transformam Comunidades

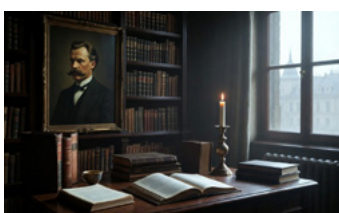
Por Sandra Santiago

COLUNISTA

Em um mundo atravessado por desigualdades, violência e indiferença, o texto defende que pequenos atos de bondade não são gestos ingênuos, mas forças reais de transformação social. A autora articula filosofia, ética e experiência concreta para mostrar que empatia, gentileza, solidariedade e doação podem reconstruir vínculos humanos.

Leia Mais Pag A25

FILOSOFIA



O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer:

Análise e Interpretação Nietzscheana

Por Stella Gaspar

COLUNISTA

Obras de Arthur Schopenhauer, marcada pelo pessimismo e pela ênfase na vontade como força fundamental, influenciou profundamente Friedrich Nietzsche, que o considerava um "educador filosófico".

Leia Mais Pag A16

SAÚDE & BEM-ESTAR



O Valor do Silêncio

para a Saúde Mental e Espiritual

Por Drika Gomes

COLUNISTA

Em um mundo saturado de estímulos, o silêncio deixa de ser vazio e passa a ser ferramenta de reorganização cerebral, regulação emocional e reconexão espiritual. O texto mostra como pausas silenciosas ativam o sistema parassimpático, reduzem a hiperatividade da amígdala e favorecem a neuroplasticidade.

Leia Mais Pag A28



Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf

EDITOR CHEFE



1911

Maurice Maeterlinck (Bélgica)



1912

Gerhart Hauptmann (Alemanha)



Leia Mais Pag A10 e A11

EDUCAÇÃO



Tecnologias Assistivas:

Inovação a Serviço de Alunos com Necessidades Especiais

Por Jeane Tertuliano

COLUNISTA

A escola ainda funciona como um modelo de "normalidade" que exclui quem tem necessidades diferentes. O texto de Jeane Tertuliano mostra como as tecnologias assistivas – leitores de tela, legendas, comandos de voz, agendas visuais – podem transformar a aprendizagem, tornando a acessível, participativa e justa.

Leia Mais Pag A18

EDUCAÇÃO

Olhos nas telas e estantes emboloradas? O futuro das bibliotecas na era digital

Por Renata Munhoz

COLUNISTA

Pag A19

EDUCAÇÃO

O papel da família na formação educacional

Por Magna Aspásia

COLUNISTA

Pag A20

CURIOSIDADES

Por que apertamos as mãos? A origem do cumprimento mais comum do mundo.

Por Stella Gaspar

COLUNISTA

Pag A22

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!


Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





Agatha Christie, A Rainha do Crime que Desvendou a Alma Humana em Cada Mistério



 Torquay, Condado de Devonshire - Inglaterra

LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Em uma estante qualquer do mundo, é provável que haja ao menos um livro de Agatha Christie. Em trens, aeroportos, salas de espera, bibliotecas e plataformas digitais, suas histórias seguem circulando como se nunca tivessem envelhecido. A autora inglesa, nascida em 1890, atravessou guerras, mudanças de século e revoluções tecnológicas sem perder o posto de romancista mais vendida de todos os tempos, atrás apenas da Bíblia e de Shakespeare. Muito além dos truques de enredo, Christie construiu uma obra que, sob a máscara do entretenimento, investiga a fundo o que leva pessoas aparentemente comuns a cometerem atos extremos. Em cada assassinato cuidadosamente arquitetado, o que está em jogo não é só a solução de um crime, mas a dissecação da alma humana.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em Torquay, no litoral do sul da Inglaterra, em uma família de classe média alta. A casa ampla, o jardim, a presença constante de livros e o incentivo à imaginação criaram um terreno propício para a futura escritora. Diferentemente de muitas crianças de sua época, ela não frequentou a escola formal nos primeiros anos. Foi educada em casa pela mãe e por preceptores, o que lhe deu uma certa liberdade intelectual. Gostava de ler, inventar histórias e montar pequenas encenações. Ainda menina, escreveu seus primeiros contos e poemas, mais por diversão do que por qualquer ambição profissional. A literatura entrou em sua vida como brincadeira, mas a solidez de sua formação cultural seria decisiva quando, mais tarde, ela transformasse essa inclinação em ofício.

A juventude de Agatha coincidiu com um período de profundas transformações na sociedade britânica. O fim da era vitoriana, as disputas coloniais e a tensão crescente que culminaria na Primeira Guerra criavam um ambiente de instabilidade. Em 1914, já casada com o piloto Archibald Christie, ela se vê diretamente envolvida no esforço de guerra. Voluntária se como enfermeira e, depois, como assistente em uma farmácia hospitalar. É aí que um detalhe aparentemente técnico se converte em arma literária poderosa. Trabalhando com medicamentos, ela aprende sobre composição, dosagens e efeitos de diversos venenos. Essa experiência se tornará marca registrada de muitos de seus mistérios, em que o frasco aparentemente inofensivo pode esconder a chave de um assassinato perfeito.

Foi nesse contexto que Agatha começou a escrever seu primeiro romance policial. O misterioso caso de Styles, publicado em 1920,

apresenta o detetive belga Hercule Poirot, um refugiado da guerra com bigode impecável, senso de ordem quase obsessivo e confiança absoluta em suas "células cinzentas". Poirot se tornaria um dos personagens mais emblemáticos da ficção criminal, protagonizando dezenas de romances e contos. O que conquista o leitor, porém, não é apenas sua capacidade de montar o quebra cabeça lógico. É também o contraste entre a aparência afetada, quase caricata, e uma percepção aguda do comportamento humano. Poirot observa detalhes, modos, microexpressões, silêncios. Enxerga, sob a superfície da educação britânica, os impulsos menos confessáveis.

Alguns anos depois, Agatha cria Miss Jane Marple, introduzida em contos e consolidada em romances a partir da década de 1930. Em St Mary Mead, vila fictícia onde mora, essa senhorinha aparentemente frágil observa a vida alheia com uma atenção que beira o microscópico. Sua técnica de investigação parte de um princípio simples e perturbador: a natureza humana é a mesma em qualquer lugar. O que acontece em pequena escala na vila, com suas fofocas, adultérios, pequenas maldades e solidariedades genuínas, acontece também em trens, cruzeiros, hotéis de luxo e casarões rurais. Miss Marple resolve crimes relacionando cada situação a um caso que já viu na comunidade, como se o grande mundo não passasse de uma versão ampliada de seu pequeno universo.

Esse olhar sobre a constância dos motivos humanos é um dos pilares do estilo Christie. Em sua obra, as pessoas matam por ganância, ciúme, medo, vingança, desejo de liberdade, humilhação acumulada. Raramente seus assassinos são monstros absolutos. São vizinhos, parentes, amigos, pessoas que convivem cordialmente com as vítimas até o limite. É justamente essa proximidade que causa estranhamento. Ao contrário de narrativas em que o mal vem de fora, nos romances de Christie o crime brota de dentro da própria rede de relações. O assassino esteve ali, participando da conversa, à mesa do jantar, dividindo a carruagem, sentado na poltrona ao lado. A descoberta final não revela apenas quem matou, mas desmonta a ilusão de que conhecíamos de fato aqueles personagens.

Do ponto de vista técnico, Christie domina com rigor a engrenagem do mistério clássico. Suas tramas costumam se organizar em torno de um crime fechado no espaço e no tempo. Um trem parado pela neve, um navio em viagem, uma mansão isolada, uma ilha cercada de mar. Essa delimitação cria um laboratório narrativo. Se apenas determinadas pessoas poderiam ter cometido o crime, a questão passa a ser quais mentiram, quem encenou o quê, quem tinha meios, motivo e oportunidade. O leitor recebe, ao longo da história, as mesmas pistas que o detetive. A sensação de jogo justo, ainda que repleto de "red herrings" estratégicos, é central para o pacto de leitura. Quando a solução é revelada, o bom leitor sente, ao mesmo tempo, surpresa e reconhecimento. Nada estava escondido, mas a autora conduziu o olhar para longe dos detalhes cruciais.

A vida pessoal de Agatha, porém, não foi tão linear quanto suas arquiteturas de enredo. Em 1926, ela vive um dos episódios mais misteriosos de sua própria biografia. No mesmo ano em que sua mãe morre e seu casamento entra em colapso, com Archibald declarando estar apaixonado por outra mulher, Agatha desaparece. Seu carro é encontrado abandonado,

e uma operação de busca mobiliza policiais, bombeiros e voluntários. Onze dias depois, ela surge em um hotel, registrada com o sobrenome da amante do marido. Alega não se lembrar de nada. Até hoje, não há consenso sobre o que ocorreu. Colapso emocional, estratégia inconsciente de fuga, ato deliberado para dramatizar o abandono, todas essas hipóteses já foram levantadas. O fato é que, nesse período, a autora experimentou na pele o tipo de enigma que costumava criar para seus personagens.

Passado o escândalo, a vida segue. O casamento termina em divórcio. Em 1930, Agatha se casa com o arqueólogo Max Mallowan, bem mais jovem, e passa a acompanhá-lo em expedições ao Oriente Médio. Essas viagens não são mero detalhe biográfico, mas alimento direto para sua ficção. Cenários como o Nilo, o Oriente Express, sítios arqueológicos na Mesopotâmia e hotéis no deserto aparecem em romances marcantes. Morte no Nilo, Assassinato no Oriente Express, Morte na Mesopotâmia e outros títulos transportam o leitor para paisagens que a autora conheceu de perto. A combinação de exotismo e observação minuciosa do comportamento em ambientes de luxo ou isolamento cria atmosferas que se tornaram marcas registradas.

O sucesso comercial de Agatha Christie é um fenômeno em si. Estima-se que seus livros tenham vendido cerca de dois bilhões de cópias, número que a coloca em patamar raríssimo. Suas obras foram traduzidas para dezenas de idiomas e adaptadas em todas as mídias: cinema, rádio, televisão, séries, peças, quadrinhos. A Ratoeira, peça escrita inicialmente como presente de aniversário para a rainha Mary, tornou-se a produção teatral com maior tempo em cartaz contínuo da história, em Londres. Mesmo com tantas adaptações, há algo na experiência de ler que continua insubstituível. O leitor entra numa espécie de laboratório moral em que precisa avaliar falas, gestos, silêncios, vidas progressas. A cada capítulo, é convidado a montar o tabuleiro de suspeitos em sua própria mente.

Por trás da mecânica impecável, o que sustenta a vitalidade da obra de Christie é a

compreensão de que o crime, em suas histórias, é sempre um ato profundamente humano. Não há complacência com o ato em si, mas há um esforço para mostrar o contexto emocional que o torna possível. Um herdeiro humilhado por toda a vida, uma esposa manipulada, uma pessoa que vê seu futuro ameaçado, um segredo que, se revelado, destruiria uma reputação. Esses elementos criam tensão antes que qualquer arma apareça. Quando o crime finalmente acontece, ele parece quase inevitável dentro daquele sistema de relações. O leitor, levado a entender os motivos, é confrontado com uma pergunta desconfortável: até que ponto, em certas circunstâncias extremas, qualquer pessoa estaria a salvo de atravessar a linha?

Outra dimensão relevante é como Agatha Christie retrata a sociedade de seu tempo. Em seus romances, vemos a Inglaterra em transformação, com o declínio de aristocratas endividados, a ascensão da classe média, o impacto das guerras, o choque entre tradições rígidas e um mundo em rápida mudança. Os crimes, muitas vezes, são sintomas dessas tensões. Um casamento disputado, um casamento visto como escada social, um segredo ligado à guerra, tudo isso é canal para conflitos. Ao compor seus elencos de suspeitos, a autora coloca lado a lado ricos e pobres, nobres e empregados, ingleses e estrangeiros, homens e mulheres de diferentes gerações. A investigação do detetive é também uma investigação sobre a hierarquia social e suas fraturas.

Seus personagens femininos merecem destaque. Além de Miss Marple, que subverte expectativas sobre idade e gênero, há uma galeria de mulheres complexas. Viúvas que aparentam fragilidade, mas conduzem os fios da trama com frieza. Jovens aparentemente ingênuas, mas capazes de decisões extremas. Mulheres presas a casamentos sem amor, para as quais o crime surge como saída desesperada. Ao mesmo tempo em que trabalha dentro de convenções de gênero de sua época, Christie insere rachaduras nessa estrutura. Suas figuras femininas não são apenas vítimas, mas também agentes. Podem amar, manipular, mentir, proteger, destruir.

Nos bastidores desse universo ficcional, estava uma escritora de hábitos disciplinados. Agatha Christie escrevia com regularidade, muitas vezes em condições pouco glamourosas, como em quartos de hotel durante viagens. Planejava tramas em cadernos, explorando diferentes possibilidades de culpados e construções de pistas. Em entrevistas, costumava minimizar seu próprio talento, descrevendo-se como alguém que contava histórias para o público se divertir. Essa modéstia, no entanto, não enganava quem analisava a engenhosidade de suas estruturas narrativas. Por trás da aparente simplicidade, há um trabalho de relojoeiro.

Agatha morreu em 1976, aos 85 anos, deixando um catálogo que continua a ser relido, adaptado e reinterpretado. Em um século em que o gênero policial se fragmentou e ampliou, incorporando violência gráfica, realismo brutal e questões sociais explícitas, seus romances podem parecer, à primeira vista, mais contidos. No entanto, seguem exercendo fascínio porque oferecem algo raro: a combinação entre jogo intelectual, construção precisa de suspense e uma percepção aguda dos pequenos segredos que movem as pessoas. Em cenários que vão de vilarejos a trens de luxo, ela mostra que o verdadeiro palco do crime é sempre o mesmo, a mente humana.

Em última análise, chamar Agatha Christie de Rainha do Crime é reconhecer mais do que sua habilidade em matar personagens com engenho. É reconhecer sua capacidade de, sob o disfarce de enigmas e pistas, examinar as fissuras da respeitabilidade, os impulsos escondidos sob o verniz da civilidade, os pactos silenciosos que sustentam famílias e comunidades. Ao nos convidar a decifrar quem matou quem, ela nos convida também a olhar para as zonas obscuras que todos, em algum grau, carregamos. Talvez seja por isso que, mesmo depois de tantos livros lidos, tantos culpados desmascarados, ainda voltamos a ela. Em cada mistério resolvido, permanece a sensação de que a pergunta mais profunda não é apenas "quem fez?", mas "por que alguém faria?". E, enquanto essa pergunta continuar nos assombrando, Agatha Christie seguirá viva em cada página que se abre.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/05/2026"

Edições 2026

10ª EDIÇÃO - JUNHO



10ª EDIÇÃO - JUNHO



9ª EDIÇÃO - MAIO



8ª EDIÇÃO - ABRIL



7ª EDIÇÃO - MARÇO



6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



5ª EDIÇÃO - JANEIRO



























The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 10, JUNHO 15, 2026

COLONISTAS FIXOS: Publicados

-  J.B Wolf 
-  Jeane Tertuliano 
-  Stella Gaspar 
-  Beth Baltar 
-  Mariana Pacheco 
-  Drika Gomes 
-  Alexandre Câmara 
-  Edna Lessa 
-  Sandra Santiago 
-  Aline A. Santana 
-  Renata Munhoz 
-  Magna Aspásia 

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



CLIQUE AQUI

EDITAL SUBMISSÃO:



INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 10 - Junho /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design: Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF 

Colaboradores: [Convitados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



Agatha Christie: A Rainha do Crime que Desvendou a Alma Humana em Cada Mistério



O refúgio vigiado da monarquia: a verdadeira história do Castelo de Balmoral, o “retiro” mais político da Escócia



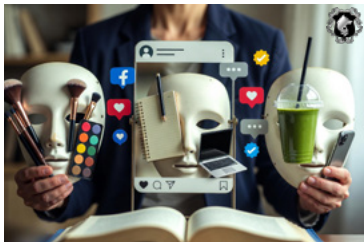
A fábrica de reis: como a Catedral de Reims forjou o mito da França ao longo de mil anos de coroações



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Maurice Maeterlinck : 1911



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Gerhart Hauptmann : 1912



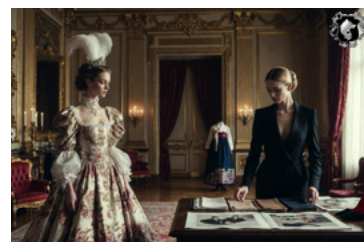
Linhas Cruzadas: O Javanês Nosso De Cada Dia



CONTO: O Café Passagem - Capítulo 9: O Irmão



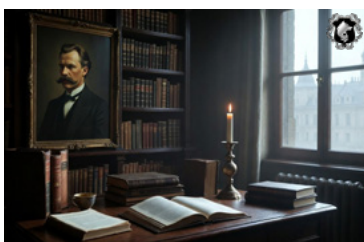
Tradições Lendárias Do Folclore Brasileiro



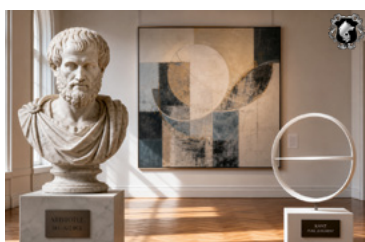
O Desaparecimento Da Moda Como Forma De Expressão Cultural



A transmissão da cultura ocidental: por que o passado importa mais do que nunca?



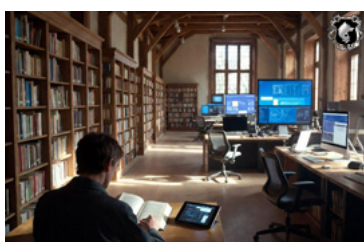
O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer: Análise e Interpretação Nietzscheana



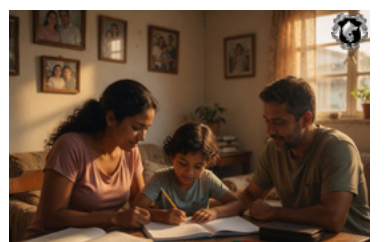
A Filosofia do Belo na Arte: Aristóteles vs. Kant



Tecnologias Assistivas: Inovação a Serviço de Alunos com Necessidades Especiais



Olhos nas telas e estantes emboloradas? O futuro das bibliotecas na era digital



O papel da família na formação educacional



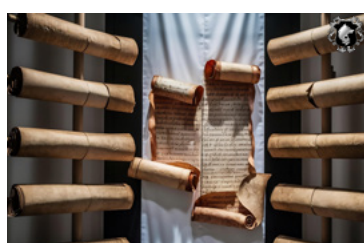
A educação como caminho de liberdade, inclusão e debate peda-gógico



Por que apertamos as mãos? A origem do cumprimento mais co-mum do mundo.



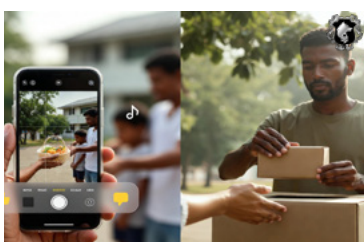
A Sinfonia da Alma: como ordens religiosas desvendam o poder curativo do som mui-to antes da ciência



A História dos Provérbios: Pequenas Sentenças, Grandes Valores



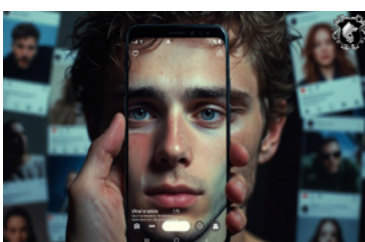
Pequenos Atos De Bondade Que Transformam Comunidades



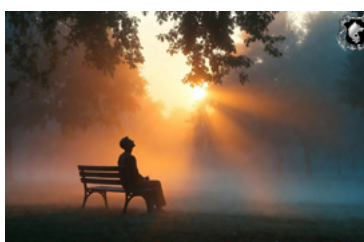
O Fenômeno do “Eu Compensador”: Virtudes Altruístas ou Exibição Digital?



O fim da cortesia: a civilização em conflito com a impaciência



Narcisismo digital: quando a vida vira espetáculo permanente



O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Os Números Não Mentem: Como Os Afastamentos Colocam Empresas No Radar Da Nr-1

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

f @neri.cappellari

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração.

Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seletivo e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

POEMAS

Recomeço

Ao pôr do sol de mais um dia,
o mar se estende em silêncio.
É possível ouvir as ondas que cantam
no gesto imparável de ir e voltar.

Então, meu coração entende:
nada se perde, em tudo se aprende.
Viver é a arte corajosa
de sempre recomeçar.

No céu, o reflexo do mar que acolhe.
Entre o azul profundo
e a fluidez do tempo,
minhas dores encontram abrigo.

E descubro que Deus habita
A paz que se refaz ao entardecer.
Meu olhar se expande no horizonte
e vejo que a vida sabe diminuir o passo
quando é preciso escutar o coração.



POETA
Edna Lessa



@ednalessa_escritora

POEMAS

Hino às Graças Silenciosas da Existência



POETA
J.B. Wolf



@poetajbwolf

Gratidão, ó virtude sublime e esquecida,
que habitas nos recantos humildes da alma,
ensinas ao coração a linguagem sagrada
de reconhecer bênçãos nas pequenas coisas.

És tu quem transforma o pão simples
em banquete de reis agradecidos,
quem faz do orvalho matinal
lágrimas de alegria derramadas pelos céus.

Ó gratidão, mestra da contemplação,
revelas que cada respiração é dádiva,
cada batida do coração uma sinfonia
composta pela generosidade divina.

Nas mãos calejadas que construíram
o teto que hoje me abriga,
vejo tua presença silenciosa
tecendo fios de reconhecimento eterno.

Agradeço aos que partiram antes
por terem plantado árvores cujas sombras
hoje refrescam minha jornada terrena,
por terem sido pontes sobre abismos do tempo.

Gratidão aos que chegaram depois,
trazendo risos que ecoam pelos corredores
da memória, renovando esperanças
que julgava perdidas para sempre.

Que sejas, ó gratidão bendita,
o altar onde deposito diariamente
as flores colhidas no jardim da vida,
perfumando a existência com tua fragrância eterna.

POEMAS

Ainda Pássaro



POETA
Arcely Soares



@ms_arely

Impediram-me de voar,
Mas Eu, sou um pássaro.

Arrancaram-me o ninho,
Mas eu sou um pássaro.

Tentaram calar o meu canto,
Mas eu sou um pássaro!

Escureceram o meu céu,
Mas eu ...sou ...um pássaro.

Embaraçaram o meu pouso,
Mas eu sou um pássaro.

O que quer que façam,
Eu continuo sendo um pássaro.

Com tudo me deparo,
Com nada nunca paro.

POEMAS

Comportamentos diferentes



POETA
Beatriz F. Santos



@biabfsantos

As pessoas mudaram tanto
Ao longo de anos, que não foram séculos
Senão décadas, mas poucas!
O comportamento, as relações, o
isolamento

O sofrimento que, aos outros, é um sorriso
Uma máscara continua
Uma arrogância que engana
Uma vida que já não é a conta gotas
Onde cabe o sofrimento
E onde este é o peso maior.

Pessoas que se exibem mais do que têm fé
Que não olham, não esperam e não ouvem
Que comportamentos são estes?
Onde a criança dança e fala co estranhos,
A adolescente leva o corpo à mostra

E serve de aposta
O sentimento rompe
E a sociedade aplaude
Que é tudo isto?!
O fim do mundo ou o mundo à beira do
abismo..?

Miniconto



POETA & ESCRITOR
J.B. Wolf

@poetajbwolf

Dragon

Sua sombra engoliu a lua,
seu hálito fogo
consumiu o chão,
e assim fez-se medo e
escuridão.



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 37ª edição Maio e Junho



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:
"O Papel da Tipografia na Democratização da
Informação no Brasil

[Clique aqui para acessar](#)

Em Processo Editorial - 38ª edição Julho e Agosto 2026 Lançamento dia 12 de Julho



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento do palácio no século
de Lacerda e Cabral"

EM BREVE
[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto - 39ª edição Setembro e Outubro 2026 Início dia 06 de Junho | Término dia 31 de Julho



INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

[Clique aqui para acessar](#)

[Site da Revista The Bard](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Edital Aberto](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Instagram](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Canal no Instagram](#)

[Clique aqui para acessar](#)

[Canal no Whatsapp](#)

[Clique aqui para acessar](#)



CASTELOS & CATEDRAIS

O refúgio vigiado da monarquia: a verdadeira história do Castelo de Balmoral, o “retiro” mais político da Escócia

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“Longe dos holofotes de Londres, o Castelo de Balmoral é vendido ao público como um simples refúgio de verão da família real britânica.”



Quando se fala em monarquia britânica, a imagem que costuma surgir é a de palácios urbanos como Buckingham ou Windsor, cercados de guardas e multidões. Balmoral, no nordeste da Escócia, parece o oposto disso: um castelo de granito cinza incrustado em uma paisagem de colinas verdes, rios frios e céu frequentemente carregado. Oficialmente, é a residência de férias da família real. Historicamente, porém, Balmoral é muito mais do que um cenário bucólico para fotografias: é um laboratório discreto onde a monarquia experimenta formas de se mostrar humana, próxima e “normal”, sem deixar de cuidar dos seus próprios interesses políticos.



A relação da realeza com Balmoral começa em meados do século XIX, quando a rainha Vitória e o príncipe Albert procuram um refúgio fora do eixo Londres-Windsor. A Escócia, recém-inventada como destino romântico graças à literatura de Walter Scott, oferecia o pacote completo: paisagens dramáticas, tradição de clãs, castelos antigos e uma cultura distinta, mas já integrada ao Reino Unido. Em 1848, o casal arrenda a propriedade de Balmoral e, em 1852, compra o terreno definitivamente. O castelo antigo, considerado pequeno e pouco funcional, é demolido; no lugar, ergue-se a atual construção em estilo baronial escocês, projetada pelo arquiteto William Smith, com forte interferência do próprio Albert.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/05/2026”

Não foi uma escolha inocente. Ao adotar a estética “escocesa” como parte do imaginário da monarquia, Vitória e Albert sinalizavam que a Escócia não era apenas periferia do império, mas parte integrante da narrativa britânica. Ao mesmo tempo, a compra da propriedade com recursos privados, e não da Coroa, garantia ao casal uma espécie de território “seu”, menos sujeito a protocolos oficiais. Essa ambiguidade, ser ao mesmo tempo símbolo de união e espaço privado, acompanha Balmoral até hoje.



O dia a dia no castelo vitoriano, descrito em detalhes nos diários da rainha e em relatos de visitantes, misturava rusticidade encenada e conforto cuidadosamente planejado. Caçadas a veados, passeios de carruagem, piqueniques à beira de rios gelados e bailes com música folclórica escocesa criavam a imagem de uma família real “simples”, que apreciava o campo e a vida ao ar livre. Por trás dessa aparente informalidade, havia uma estratégia: aproximar a figura da monarca de seus súditos ao mostrar uma rainha que também se molhava na chuva, tropeçava na lama e chorava a morte do marido.

Após a morte de Albert, em 1861, Balmoral se torna também espaço de luto. Vitória passa longas temporadas no castelo, recolhida, vestida de preto, recebendo poucos visitantes. Ali, ela constrói monumentos em honra ao marido e se refugia de uma opinião pública que, por vezes, a acusava de reclusão excessiva. Do ponto de vista histórico, Balmoral assume, então, um novo papel: não apenas refúgio de lazer, mas cenário de uma monarquia que precisa reaprender a se comunicar com o país em tempos de imprensa mais agressiva e de crescente debate político.

Ao longo do século XX, o castelo mantém essa função ambivalente. Sob Jorge V e Jorge VI, continua sendo espaço de caça, pesca e contato com a natureza, mas também de reuniões informais com ministros e conselheiros. Não há atas nem discursos dorida proferidos na varanda, mas as conversas que acontecem em salões aquecidos, após um dia nas montanhas, podem influenciar decisões em Londres. Balmoral é, nesse sentido, um “palácio sem tribuna”: um lugar onde o poder circula de forma menos visível, protegido pela neblina escocesa e pela etiqueta de que, ali, o clima é “de férias”.

Com a ascensão de Elizabeth II, em 1952, Balmoral ganha ainda mais centralidade emocional. Para a jovem rainha, que conheceu Albert apenas pela memória da bisavó, o castelo representa principalmente continuidade familiar. É lá que ela passa, ano após ano, parte de suas férias, convivendo com filhos, netos, cães e cavalos. Fotografias oficiais e documentários cuidadosamente editados mostram a monarca dirigindo jipes em estradas de terra, acendendo churrasqueiras, caminhando com lenço na cabeça e roupas simples. A mensagem é clara: a “rainha do século XX” é também uma senhora de campo que gosta de uma rotina quase doméstica, ainda que cercada de guardas e mordomos.



Não por acaso, alguns dos momentos mais delicados da relação entre a família real e a opinião pública recente têm Balmoral como pano de fundo. O mais emblemático é o período imediatamente após a morte da princesa Diana, em 1997. Quando a notícia do acidente em Paris chega, Elizabeth II está em Balmoral com os netos, William e Harry. A decisão de permanecer

no castelo, protegendo os meninos do frenesi midiático, é interpretada inicialmente por parte da imprensa e da população como frieza e distanciamento. Vê-se apenas um castelo fechado, bandeira do Reino Unido tremulando, enquanto multidões se reúnem em Londres.



Dias depois, a rainha volta à capital, faz um discurso televisionado e visita os tributos florais diante de Buckingham, recuperando parte da confiança da opinião pública. Mas o episódio deixa uma marca na imagem de Balmoral: para alguns, é o lugar onde a família se fecha demais; para outros, é o último reduto de uma intimidade necessária. Essa tensão entre “refúgio” e “fortaleza de isolamento” acompanha qualquer análise séria sobre o papel político do castelo.

Nos últimos anos, Balmoral voltou às manchetes como cenário de transições geracionais. Foi lá que Elizabeth II passou seus últimos dias em 2022 e onde morreu, tornando a propriedade, de repente, não apenas um lugar de férias, mas palco de um momento de ruptura histórica. As imagens do caixão deixando o castelo e percorrendo as estradas escocesas rumo a Edimburgo reataram a ligação entre monarquia e paisagem, poder e território. A escolha de permanecer em Balmoral até o fim pode ser lida como um gesto político: a rainha que dedicou a vida ao Reino Unido escolheu encerrar sua história no lugar onde, paradoxalmente, sempre tentou ser mais pessoa e menos instituição.

Do ponto de vista arquitetônico, Balmoral não é um castelo medieval no sentido estrito. Construído no século XIX, ele mistura linguagem gótica, torres e ameias com planta pensada

para conforto vitoriano. Há torres de aparência defensiva que jamais viram um canhão, janelas amplas demais para resistir a um cerco e espaços internos que privilegiam salões, quartos e circulação suave. É uma fortaleza de aparência, não de função. E é justamente aí que reside seu interesse para um historiador de castelos: Balmoral é o exemplo perfeito de como, na modernidade, a estética medieval é ressignificada para expressar prestígio, tradição e identidade nacional, mesmo quando a função militar já não existe.

Na vida cotidiana da região, o castelo também é um grande empregador e um fator econômico relevante. Parte de suas terras é usada para agricultura, manejo de florestas e criação de gado. A presença da monarquia atrai turistas que, mesmo sem acesso ao interior em determinados períodos, percorrem as estradas, visitam vilarejos próximos e alimentam uma cadeia econômica de hotéis, restaurantes e serviços. A paisagem “intocada” de Balmoral é, em boa medida, fruto de uma gestão ativa, na qual interesses ambientais, econômicos e simbólicos precisam conviver.

Para a Escócia, a existência de um grande castelo “privado” da família real em seu território é, ao mesmo tempo, motivo de orgulho e assunto sensível. Em tempos de debates sobre independência e devolução de poderes, a imagem da monarquia caçando veados nas Highlands contrasta com a realidade de um país que busca maior autonomia política. Ainda assim, muitas lideranças nacionalistas evitam bater de frente diretamente com Balmoral: sabem que, para boa parte da população, aquele castelo é menos um símbolo de dominação estrangeira e mais um elemento consolidado da paisagem afetiva escocesa.

Ao olhar para Balmoral com a lente de um historiador e de um jornalista, o que se vê, portanto, não é apenas um cartão-postal bucólico, mas um palco onde se encena, há mais de 150 anos, uma complexa coreografia de poder e intimidade. Ali, a monarquia tenta convencer o público de que, por trás das coroas e dos protocolos, existe uma família que também precisa de descanso, luto e silêncio. Ao mesmo tempo, é justamente dessa aura de normalidade cuidadosamente construída que deriva grande parte da força simbólica da instituição.



Talvez seja essa a grande lição de Balmoral: em um mundo em que o poder é cada vez mais vigiado, todo “retiro” é, inevitavelmente, um palco. E, na Escócia, poucas estruturas combinam tão bem a solidez da pedra com a sutileza da imagem quanto esse castelo erguido à sombra das montanhas, onde a monarquia britânica, ano após ano, vai para descansar – e, discretamente, continuar governando sua própria narrativa.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/05/2026”

CASTELOS & CATEDRAIS



A fábrica de reis: como a Catedral de Reims forjou o mito da França ao longo de mil anos de coroações



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/05/2026"

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

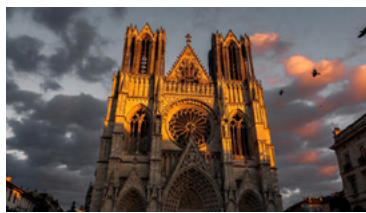
POR

The Bard News, Redação

"Por séculos, nenhum rei da França se considerou plenamente legítimo até atravessar, em Reims, o corredor de pedra que leva ao altar e à ampola do santo óleo."



Vista de longe, a Catedral de Reims é uma floresta de pedra que se ergue sobre os telhados da cidade da Champanhe. Suas torres recortam o céu de forma tão marcante que, para muitos franceses, a silhueta do edifício é quase tão emblemática quanto a da Torre Eiffel. Mas, ao contrário do monumento metálico de Paris, a catedral não nasceu para celebrar um progresso técnico. Ela nasceu para algo muito mais antigo e delicado: afirmar, diante de todos, que a realeza francesa era escolhida, ungida e confirmada sob o olhar de Deus.



A ligação entre Reims e o poder real remonta à época em que a palavra "França" ainda não tinha o significado atual. Em 496, de acordo com a tradição, Clóvis, rei dos francos, foi batizado ali pelo bispo Remígio. A cena, meio histórica, meio mítica, fixou a ideia de que a monarquia franca, e depois francesa, tinha uma origem cristã, quase sagrada. Séculos mais tarde, quando a atual catedral gótica começou a ser erguida, no início do século XIII, os construtores trabalhavam sobre camadas de memória: havia ali uma catedral anterior, românica, destruída por um incêndio em 1210, e antes dela, igrejas mais antigas. Reims não escolheu a realeza; foi a realeza que, aos poucos, passou a depender daquele lugar para se legitimar.

A construção do edifício atual, iniciada em 1211, coincide com um período de consolidação do poder capetíngio. Reis como Filipe Augusto e Luís VIII ampliavam territórios, disciplinavam a nobreza e enfrentavam rivais poderosos, como o rei da Inglaterra. Uma catedral monumental, em uma cidade com a aura do batismo de Clóvis, era o cenário perfeito para encenar a continuidade histórica da dinastia. O gótico de Reims, com suas linhas ascendentes, arcobotantes finos e vitrais abundantes, não é apenas um estilo: é uma linguagem visual para dizer que a monarquia se ergue acima da violência feudal e se apresenta como eixo de ordem e harmonia.



O interior, com sua nave alta e clara, foi pensado para acolher um ritual preciso: a coroação. No grande dia, o rei entrava pela porta norte, acompanhado de sua comitiva e do alto clero. No coro, diante do altar, recebia a unção com a Santa Ampola, um frasco de óleo supostamente trazido por uma pomba do céu na época do batismo de Clóvis. O gesto, repetido por quase todos os reis franceses a partir de Luís, o Piedoso, fazia de Reims uma espécie de oficina de legitimidade. Ali, um príncipe se tornava "rei muito cristão", título tradicional dos monarcas franceses.

A coroação de Carlos VII, em 1429, é talvez o momento mais famoso da história da catedral. Em plena Guerra dos Cem Anos, com boa parte do território sob controle inglês ou borgonhês, o príncipe herdeiro era ridicularizado como "rei de Bourges", uma figura sem poder real. Foi a intervenção de Joana d'Arc, camponesa que afirmava receber visões divinas, que mudou o jogo. Depois de uma série de vitórias improváveis, ela convenceu Carlos a marchar até Reims, atravessando regiões ainda hostis. A coroação, celebrada em 17 de julho daquele ano, sob o olhar da jovem guerreira, transformou um pretendente vacilante em rei consagrado. Do ponto de vista político, não resolvia a guerra imediatamente, mas dava a Carlos uma autoridade espiritual que nenhum decreto poderia criar.

Ao longo dos séculos, quase todos os reis franceses, com raras exceções, seguiram o roteiro da "fabricação" em Reims. Isso fez da cidade e de sua catedral não apenas um centro religioso, mas um lugar de poder paralelo. Arcebispos de Reims tomaram-se figuras influentes, intermediando conflitos entre a Coroa e a nobreza, participando de negociações diplomáticas, presidindo cerimônias que, em termos de impacto simbólico, valiam mais do que tratados escritos. Em um tempo em que a maioria não sabia ler, a imagem do rei ajoelhado diante do altar, recebendo a coroa e o óleo sagrado, valia como prova concreta de sua legitimidade.

Arquiteticamente, a catedral traduz essa centralidade por meio de uma profusão de detalhes que falam tanto ao olho quanto à mente. A fachada ocidental, com seus portais esculpidos, apresenta um verdadeiro teatro de figuras bíblicas, anjos músicos, profetas e reis.

Entre os elementos mais emblemáticos está o chamado "Anjo Sorridente", esculpido no século XIII. Sua expressão serena e enigmática foi, ao longo do tempo, interpretada como símbolo da Reims "acolhedora", da alegria espiritual ou até de uma certa ironia diante dos dramas humanos. Quando a cabeça desse anjo foi arrancada e quebrada por um bombardeio alemão em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial, a imagem do rosto estilhaçado sobre o chão virou um ícone da destruição cultural provocada pela guerra moderna.

A Primeira Guerra foi um capítulo particularmente cruel para a catedral. Reims, próxima da frente de batalha, foi bombardeada repetidas vezes. Os telhados pegaram fogo, vitrais medievais se estilhaçaram, esculturas foram decapitadas, e o interior sofreu danos graves. Para muitos franceses, assistir à catedral, berço de reis, símbolo nacional, sendo perfurada por projéteis era como ver a própria França ser atingida no coração. A imprensa da época explorou amplamente esse símbolo, transformando Reims em prova da "barbárie inimiga". A reconstrução, ao fim do conflito, tornou-se questão de honra nacional, com apoio financeiro inclusive de países estrangeiros, como os Estados Unidos.



A Revolução Francesa, décadas antes, já havia ferido severamente o orgulho de Reims. Em 1793, no auge do fervor antimonárquico, a Santa Ampola foi quebrada publicamente, num gesto que pretendia romper com a sacralização da realeza. A catedral, despojada de muitos de seus tesouros, foi transformada em celeiro e espaço profano. Ainda assim, a estrutura

sobreviveu, e fragmentos do óleo supostamente milagroso foram preservados e reutilizados, simbolicamente, em cerimônias posteriores, como a sagração de Carlos X em 1825. Essa insistência em recuperar, mesmo mutilada, a tradição de Reims, revela a dificuldade francesa em decidir, de uma vez por todas, o que fazer com seu passado monárquico.



Hoje, a catedral é menos um palco de coroações, que já não acontecem e mais um imenso arquivo de memórias. Ela acolhe turistas, fiéis, estudantes de arquitetura e curiosos que se deixam hipnotizar pelos vitrais reconstruídos. A luz que entra pela rosácea ocidental e pelas janelas do coro já não ilustra apenas cenas bíblicas; ela também atravessa a imagem de um país que passou por monarquia absoluta, revolução, império, república, ocupação estrangeira, guerras mundiais e integração europeia. Reims sobreviveu a tudo isso, adaptando-se, sendo restaurada, reinterpretada, filmada, fotografada.

Para o historiador, o maior interesse talvez esteja justamente nessa capacidade de Reims de condensar em um único edifício a longa e conturbada relação da França com a ideia de poder. Cada pedra queimada, cada anjo reconstruído, cada vitral substituído é um comentário sobre o que se deseja lembrar e o que se prefere apagar. A coroação de Carlos VII com Joana d'Arc foi monumentalizada; a execução de Luís XVI, cujo corpo jamais viu Reims, é lembrada por contraste, como o fim violento de um sistema que a catedral ajudou a legitimar. O templo continua ali, mas a teologia política que ele servia foi parcialmente desmontada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/05/2026"



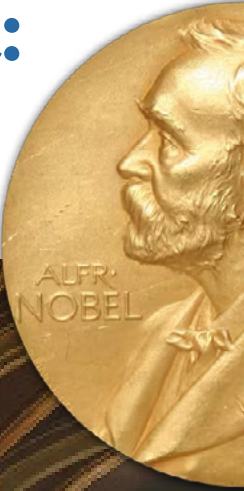
Ainda assim, ao entrar na nave silenciosa, é difícil não sentir a persistência de uma certa sacralidade do poder. Mesmo em uma república laica, seus presidentes seguem visitando a catedral em datas significativas, discursos oficiais evocam o lugar como marco da história comum, e cerimônias civis e religiosas dividem o espaço com eventos culturais. O edifício que antes ungia reis hoje acolhe concertos, celebrações ecumênicas e encontros que tentam dar um sentido compartilhado a um país fragmentado.

A Catedral de Reims, portanto, deixou de ser apenas a "fábrica de reis" para se tornar uma espécie de espelho de longa duração da França. Nela se veem, ao mesmo tempo, o brilho do gótico, o fogo da guerra, o martelo revolucionário e o andaime do restaurador. Em um mundo que muda rapidamente, ela segue lembrando que o poder, para se sustentar, sempre precisou de rituais, símbolos e cenários. E poucos cenários foram tão eficazes em fabricar legitimidade e em sobreviver à sua própria obsolescência, quanto esse colosso de pedra e vidro plantado no coração da Champanhe.

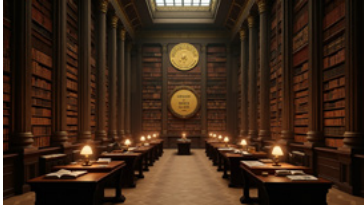


NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1911 – Maurice Maeterlinck (Bélgica)



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Maurice Maeterlinck:
o poeta do invisível que fez do silêncio uma forma de teatro



Quando a Academia Sueca anunciou, em 1911, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para Maurice Maeterlinck, muita gente, fora dos círculos teatrais, correu atrás de informações. Um belga escrevendo em francês, ligado ao simbolismo, autor de peças em que quase nada “acontece” no sentido convencional e, ainda assim, tudo vibra em tensão. Ao justificarem a escolha, os membros da Academia falaram em “produção literária de múltiplas faces, impregnada de imaginação poética e, em especial, por suas obras dramáticas, que revelam um senso de beleza raro e um profundo sentimento de mistério”.

Era uma forma elegante de dizer que estavam premiando alguém que tinha ousado transformar o teatro em lugar do indizível, da angústia quieta, do medo que não se explica por causas externas. Em uma época em que os palcos ainda eram dominados por dramas realistas, com conflitos nítidos e reviravoltas visíveis, Maeterlinck deslocou o foco: interessava-lhe menos o que se via e mais o que se pressentia. Sua obra é uma longa tentativa de escutar aquilo que parece sussurrar por baixo da vida cotidiana: o tempo, a morte, o acaso, aquilo que ele chamava de “o invisível”.

Infância em Gand e o encontro com o simbolismo

Maurice Maeterlinck nasceu em 1862, em Gand, então parte da Bélgica recém-independente. Vinha de uma família burguesa de língua francesa, ligada ao direito e ao comércio. O ambiente doméstico era confortável, mas não particularmente literário. Como muitos jovens de sua classe, foi encaminhado para estudos jurídicos e chegou a se tornar advogado. Parecia destinado a uma carreira sólida, previsível, respeitável.

Mas a literatura, que desde cedo o atraía, foi ganhando espaço. Em viagens a Paris, Maeterlinck entrou em contato com o simbolismo francês, movimento que reagia ao naturalismo e ao cientificismo dominantes, propondo uma arte que tentasse sugerir, mais do que descrever, os estados da alma. Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e outros poetas o impressionaram profundamente. Viu ali um caminho possível: o de uma escrita que não fosse escrava da realidade visível.

Desencantado com o exercício da advocacia, Maeterlinck começou a escrever de modo sistemático. Seus primeiros textos ainda eram poemas, mas logo o teatro se impôs como campo privilegiado. Não o teatro de grandes gestos, porém. Ele queria algo mais raro: um palco onde as pessoas falassem pouco, mas carregassem consigo o peso do que não se diz. Em vez de heróis e vilões em choque, personagens simples, quase passivos, atravessando situações em que a verdadeira força em jogo parecia vir de fora deles, como se o destino, o tempo ou alguma presença impalpável ocupassem o centro da cena.

Pelléas et Mélisande e o nascimento do “teatro estático”

A peça que consolidou Maeterlinck como dramaturgo foi “Pelléas et Mélisande”, escrita em 1892. À primeira vista, a trama pode soar quase banal: Golaud, um príncipe de um reino indefinido, encontra no bosque uma jovem misteriosa, Mélisande, casa-se com ela e, com o tempo, ela e Pelléas, meio-irmão de Golaud, desenvolvem uma ligação afetiva que o marido enciumado não suporta. O enredo parece próximo de um triângulo amoroso clássico, com ciúme e tragédia.

Mas nada, ali, é tratado como melodrama. As falas são curtas, cheias de pausas. As personagens nunca dizem exatamente o que sentem; hesitam, murmuram, sugerem. O cenário, uma espécie de castelo antigo cercado de florestas e fontes, contribui para a sensação de sonho ou pesadelo. Há cenas em que praticamente nada acontece em termos de ação externa, mas o espectador, se entrar na cadência do texto, sente o clima de opressão aumentar.

Maeterlinck chamaria esse tipo de dramaturgia de “teatro estático”. Não se trata de ausência de movimento físico, mas de recusa de uma progressão baseada em grandes eventos. O que se move é o clima, o peso de uma presença silenciosa, a sensação de que algo inevitável, e não totalmente compreensível, se aproxima. Os personagens parecem mais sujeitos a forças que não dominam do que autores plenos de seus atos.

O impacto de “Pelléas et Mélisande” foi grande, sobretudo entre artistas. Claude Debussy transformou a peça em ópera, talvez a mais célebre adaptação musical de um texto simbolista, estreada em 1902. Na música de Debussy, como no texto de Maeterlinck, importa mais a atmosfera do que o melodrama. Essa cooperação indireta entre literatura e música ajudou a fixar a reputação de Maeterlinck como um dos nomes centrais do simbolismo europeu.

O pássaro azul e a busca pela felicidade

Se “Pelléas et Mélisande” é a peça que melhor representa o lado sombrio e opressivo da obra de Maeterlinck, “O pássaro azul”, escrita em 1908, mostra uma outra faceta, mais luminosa, ainda que igualmente metafísica. A peça conta a história de duas crianças, Tytyl e Mytyl, que partem em uma jornada para encontrar o pássaro azul da felicidade. Acompanham nas figuras alegóricas como a Luz, o Tempo, a Noite, e a própria Morte, em uma viagem que atravessa diferentes planos da existência.

À primeira vista, pode parecer um conto de fadas moralizante. No entanto, Maeterlinck evita lições óbvias. A peça sugere que a felicidade não está em um lugar distante, mas é algo que se reconhece naquilo que se tem, que se vive, que se perdeu. O pássaro azul, quando finalmente parece ter sido capturado, escapa. A mensagem, mais do que consoladora, é inquietante: não há posse definitiva daquilo que chamamos de felicidade. Ela é, em grande medida, exercício de percepção.

“O pássaro azul” fez enorme sucesso, especialmente entre públicos jovens e famílias. Montada em vários países, adaptada para cinema ao longo do século XX, a peça deu a Maeterlinck uma popularidade que outras obras suas, mais densas e sombrias, não alcançaram. A Academia



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAL, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

Sueca, ao considerar o conjunto de sua produção, certamente levou em conta esse trabalho, em que a imaginação poética se aliava a um impulso mais claramente “edificante”, em sintonia com o gosto da época por obras que pudessem ser vistas também como parábolas morais.

Teatro do mistério, ensaios do invisível

Para além das peças mais famosas, Maeterlinck desenvolveu, em ensaios e textos teóricos, uma reflexão insistente sobre aquilo que chamava de “o trágico cotidiano”. Diferentemente da tragédia clássica, em que grandes acontecimentos irrompem na vida de personagens excepcionais, o trágico cotidiano, para ele, está na consciência difusa de que somos cercados por forças que não dominamos: a morte, o acaso, a doença, o envelhecimento, o tempo que passa e altera tudo sem aviso.

Em livros como “O tesouro dos humildes”, “A inteligência das flores” e “A vida das abelhas”, ele mistura observações sobre a natureza, reflexões filosóficas e tentativas de captar uma espécie de sabedoria silenciosa presente no mundo. Ao escrever sobre abelhas, por exemplo, não está interessado apenas na biologia da colmeia, mas no que aquele microcosmo sugere sobre organização, sacrifício, instinto, coesão e perigo.

Esse tipo de ensaio, meio científico, meio meditativo, conquistou muitos leitores no começo do século XX, especialmente em um público burguês que buscava, na literatura, alguma forma de orientação espiritual fora das instituições religiosas tradicionais. Maeterlinck, sem ser teólogo nem pregador, oferecia uma visão de mundo em que o mistério não se confundia com superstição, e a razão não excluía o assombro.

Ao mesmo tempo, essa inclinação ao “espiritualismo laico” seria alvo de críticas

posterior. Pensadores mais rigorosos, tanto à direita quanto à esquerda, veriam nessas obras uma espécie de religiosidade vaga, pouco ancorada em análise social concreta ou em filosofia consistente. Ainda assim, seu impacto sobre leitores comuns e sobre o imaginário artístico do período foi inegável.

O Nobel de 1911 e a consagração de um clima

A premiação de Maurice Maeterlinck em 1911 pode ser lida como uma espécie de coroamento de uma fase da literatura europeia em que o simbolismo e a exploração do “indizível” ganharam destaque. Em vez de premiar romancistas de grande fôlego épico ou poetas de retórica expansiva, a Academia optou por alguém que havia trabalhado precisamente no registro oposto: a sugestão, o silêncio, a pausa.

Naquele momento, a escolha parecia acertada para muitos. Maeterlinck representava um tipo de arte que havia marcado profundamente o fim do século XIX e a virada para o XX. Suas peças eram montadas em diversos países; sua colaboração indireta com a música de Debussy e com outros compositores ampliava seu alcance; seus ensaios encontravam eco em leitores interessados em uma espiritualidade fora dos moldes tradicionais.

Com o passar do tempo, no entanto, sua posição no panteão literário ficou menos evidente. O advento de outras vanguardas, como o expressionismo, o futurismo, o surrealismo, além da consolidação de dramaturgos como Ibsen, Tchekhov e, mais tarde, Brecht e Beckett, mudou o eixo da discussão teatral. O “teatro estático” de Maeterlinck, que em seu tempo fora visto como ousado, pareceu, a alguns, menos radical do que experiências posteriores.

Ainda assim, sua contribuição permanece. Ele ajudou a abrir caminho para formas de

teatro em que a ação externa é mínima, e o drama se concentra em estados de espírito, em atmosferas opressivas ou iluminadas, em dúvidas que não se resolvem por uma mera reviravolta. Certos ecos de sua obra podem ser encontrados na sugestão silenciosa de Tchekhov, na espera carregada de sentido de Beckett, em encenações contemporâneas que trabalham com o vazio e o quase nada como recursos expressivos.

Ler Maeterlinck hoje pode ser um exercício de paciência e de afinação de escuta. Seu texto não oferece a recompensa imediata de enredos agitadíssimos ou de discursos contundentes. Ele pede que o leitor ou espectador aceite entrar em um espaço de sombra, onde o que importa muitas vezes é aquilo que não se diz. Em tempos de excesso de informação e de ruído constante, essa disponibilidade para o silêncio e para o subtom talvez seja mais rara, mas também mais necessária.

A escolha da Academia, em 1911, ao consagrar Maurice Maeterlinck, registra para sempre, na história do Nobel, a importância de uma literatura que ousou fazer da demora, da insinuação e do mistério a sua matéria principal. É a lembrança de que, entre as muitas funções da arte, uma delas é justamente nos treinar para perceber o que há de mais delicado, mais frágil e mais difícil de formular na experiência humana. E nisso, com todos os limites que o tempo revelou, Maeterlinck foi, de fato, um mestre.



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1912 – Gerhart Hauptmann (Alemanha)



Gerhart Hauptmann: o dramaturgo que deu voz às feridas sociais da Alemanha industrial



Quando a Academia Sueca escolheu Gerhart Hauptmann para o Nobel de Literatura de 1912, não premiou apenas um escritor de renome. Premiou, de certo modo, o principal nome do naturalismo alemão, um dramaturgo que havia colocado nas tábuas do palco as tensões da modernidade industrial, a miséria urbana, o choque entre classe, desejo e moral social. Hauptmann era,

naquele início de século, uma figura central da literatura de língua alemã, alguém que havia entendido cedo que o teatro podia ser mais do que entretenimento burguês; podia ser também denúncia, espelho e incômodo.

A justificativa da Academia falava em reconhecimento à sua “rica, variada e notável produção no campo da arte dramática”. A formulação é diplomática, mas o sentido é claro: Hauptmann representava o encontro entre técnica literária, ousadia temática e sensibilidade para os dramas concretos do tempo histórico em que viveu. Era, entre os laureados de sua geração, um caso especial, porque sua obra nascia do atrito entre a grande tradição dramática alemã e a emergência de uma nova Europa, marcada por fábricas, desemprego, alcoolismo, exploração e desintegração de velhos vínculos comunitários.

A formação de um autor à beira do abismo social

Gerhart Johann Robert Hauptmann nasceu em 1862, em Obersalzbrunn, na Silésia, região então pertencente ao Império Alemão, hoje parte da Polônia. Vinha de uma família relativamente modesta, proprietária de hotel, o que lhe deu contato com diferentes tipos sociais desde cedo. Esse detalhe biográfico não é secundário. Ao contrário de muitos escritores vindos diretamente da elite universitária, Hauptmann cresceu observando o vaivém de hóspedes, empregados, comerciantes, viajantes e figuras periféricas, um material humano que mais tarde reapareceria em suas peças e romances.

Sua juventude foi marcada por tentativas diversas. Estudou em escolas técnicas, tentou a escultura, viajou, buscou direção. Em Roma, entrou em contato com correntes artísticas e intelectuais que o aproximaram de uma sensibilidade mais moderna. O caminho para a literatura não foi linear nem precoce no sentido

romântico do “gênio nato”, mas amadureceu por meio de experiências concretas e de uma observação atenta da realidade social.

Na Alemanha do final do século XIX, o naturalismo estava se consolidando como movimento literário e artístico que queria romper com a idealização. Não bastava mais falar de heróis e nobres dilemas morais em abstração. Era preciso mostrar o corpo, o ambiente, a herança, o determinismo social, a fome, a doença, a fábrica, o alcoolismo, a degradação. Hauptmann tornou-se, talvez mais do que qualquer outro dramaturgo alemão, a expressão teatral mais forte desse impulso.

Os tecelões e a entrada da miséria no palco

A peça que o lançou de vez para o centro da cena literária foi “Os tecelões”, de 1892. Baseada na revolta dos tecelões da Silésia em 1844, a obra rompeu com boa parte do teatro convencional de sua época. Em vez de concentrar a ação em um protagonista individual de grande porte, Hauptmann apresentou o sofrimento coletivo de operários esmagados por salários miseráveis, fome e desespero.

Essa decisão formal é crucial. O drama não está apenas em um herói trágico, mas em uma classe inteira em estado de ruína. As falas dos personagens, o ambiente sufocante, a progressão da revolta, tudo contribui para mostrar o colapso de uma ordem social que já não consegue sustentar nem a dignidade mais básica dos que trabalham. Não há romantização da classe operária, nem idealização da rebelião, mas uma exposição severa da violência estrutural do sistema.

A peça causou escândalo e admiração. Para alguns, era teatro demasiadamente “sujo”, “baixo”, incapaz de oferecer a elevação moral esperada do palco. Para outros, era exatamente o que o teatro

precisava fazer. A miséria entrou na cena alemã de modo brutal, e Hauptmann passou a ser visto como um autor disposto a não desviar os olhos do que a burguesia preferia manter fora de vista.

Essa coragem não era gratuita. Hauptmann sabia que o realismo social, quando levado a sério, irrita porque impede a acomodação. Em “Os tecelões”, a revolta não surge do nada. Ela é produzida por um sistema de exploração que espreme os corpos e destrói qualquer expectativa de justiça. Ao tornar isso visível, o dramaturgo também obrigava o público a encarar sua própria posição.

Antes do amanhecer e o drama da degeneração

Se “Os tecelões” firmou Hauptmann como dramaturgo social, “Antes do amanhecer”, de 1889, já apontava o caminho. A peça trata de uma família em colapso moral e físico, marcada pelo alcoolismo, pela herança genética e pela devastação social. O naturalismo, ali, aparece em sua forma mais crua: a tese de que não somos seres isolados, mas criaturas profundamente moldadas por ambiente, herança e condição material.

O que torna essa peça relevante hoje não é apenas a famosa polêmica de sua estreia, mas a precisão com que Hauptmann observa a corrosão da vida doméstica. Não há uma moralização grosseira sobre “bons costumes perdidos”; há um estudo duro de como a modernidade, quando desigual e sem amparo, rompe as estruturas mínimas de convivência.

Esse interesse pela degradação humana não deve ser confundido com pessimismo barato. Hauptmann não escreve para dizer que tudo está perdido, mas para mostrar que os indivíduos não vivem em abstração. O meio social pesa, e pesa muito. No palco, isso se traduz em corpos fatigados, falas interrompidas, vergonha, desejo, ressentimento e pequenos gestos de humilhação que se acumulam até formar explosão.

O teatro alemão, com Hauptmann, deixou de ser mero espaço de declamação e se tornou laboratório de tensões sociais. A burguesia foi obrigada a assistir a sua própria imagem deformada pelas condições materiais que sustentava. Era difícil sair de uma peça de Hauptmann sem levar junto algum desconforto.

Entre realismo, simbolismo e ambição épica

Embora associado ao naturalismo, Hauptmann não ficou preso a uma única fórmula. Uma de suas qualidades mais interessantes é justamente a capacidade de mover-se entre registros diferentes. Em algumas obras, aproxima-se do simbolismo; em outras, arrisca formas mais líricas ou míticas; em outras ainda, busca uma amplitude quase épica.

Essa mobilidade impede que ele seja reduzido a mero “cronista da miséria”. Há, em sua produção, uma ambição estética maior, um desejo de dar conta da complexidade da existência moderna sem abandonar o rigor dramático. Em textos posteriores, ele explora temas históricos e lendários, além de questões morais e religiosas, mostrando que sua curiosidade literária ia além da denúncia social imediata.

Esse ponto é importante porque ajuda a entender por que o Nobel o escolheu. A Academia não estava premiando apenas um autor engajado nas feridas da industrialização, mas uma obra que combinava força de observação, variedade formal e uma presença incontestável no teatro europeu. Hauptmann representava, na visão dos jurados, a maturidade de uma literatura que sabia olhar o presente sem perder a ambição artística.

Ainda assim, sua fama inicial se associou sobretudo à dureza do naturalismo. E isso teve consequências para a recepção posterior. Quando correntes modernistas mais radicais apareceram, o naturalismo de Hauptmann passou a parecer, a alguns críticos, datado ou excessivamente preso ao documento social. Mas essa leitura esquece que, para sua época, a entrada de classes subalternas no palco foi uma revolução.

O Nobel de 1912 e o peso da Alemanha literária

Ao premiar Gerhart Hauptmann em 1912, a Academia Sueca reconhecia não apenas um autor individual, mas a centralidade da literatura

alemã no cenário europeu. A Alemanha era então um dos grandes centros de produção intelectual do continente, e Hauptmann ocupava posição singular dentro desse quadro. Sua obra já havia sido amplamente discutida, encenada e traduzida. Era uma escolha com forte peso simbólico.

Nesse sentido, o Nobel de Hauptmann é também um marco da consolidação do prêmio como instituição que não queria apenas celebrar beleza abstrata, mas legitimar certos retratos da modernidade. A dramaturgia dele oferecia isso em dose forte: o palco deixava de ser espaço de refinamento social e se tornava arena de conflito entre classes, crenças, heranças e impulsos.

A recepção foi majoritariamente positiva, embora não isenta de críticas. Havia quem considerasse que o autor, apesar da relevância, não tinha a mesma estatura poética de certos nomes ignorados pela Academia. Esse tipo de discussão acompanharia o Nobel por décadas, e Hauptmann seria um dos primeiros casos em que a pergunta “merecia ou não merecia?” convivia com o reconhecimento inequívoco da importância histórica do premiado.

Do ponto de vista do próprio autor, o prêmio consolidava uma trajetória que já havia passado por enorme prestígio, mas também por debates estéticos acalorados. Hauptmann não era um estrepante, mas uma figura madura, no auge de sua reputação. O Nobel veio como coroação de uma obra que, goste-se dela ou não, havia mudado o teatro alemão.

O que fica de Hauptmann hoje

Ler Hauptmann hoje é, antes de tudo, lembrar que o teatro pode ser um instrumento de pressão moral e social sem perder densidade artística. “Os tecelões” ainda impressiona pela capacidade de dar forma à revolta coletiva sem transformá-la em propaganda tosca. “Antes do amanhecer” continua perturbador por sua visão sem concessões da vida doméstica corroída. E outras peças do autor mantêm interesse justamente porque trabalham numa zona de fronteira entre documento e arte.

Claro, seu naturalismo pode soar distante para leitores acostumados à velocidade das narrativas contemporâneas. Mas há algo de fundamental em sua recusa da superficialidade. Hauptmann quer que o espectador veja a estrutura, o peso, a origem das dores. Seu teatro não se contenta com sentimentos isolados; ele quer o contexto.

Talvez por isso seu legado, embora menos celebrado fora do meio especializado, continue importante para quem tenta entender como a literatura europeia enfrentou a modernidade industrial. Hauptmann não “resolve” nada. Ele mostra. E, ao mostrar com tanta insistência as feridas sociais da Alemanha, deixou uma obra que ainda conversa com debates muito atuais sobre desigualdade, exclusão e violência estrutural.

No conjunto dos laureados do Nobel, Gerhart Hauptmann ocupa um lugar decisivo. Foi um daqueles escritores que provaram que a arte podia olhar de frente a lama sem perder grandeza. Em 1912, a Academia Sueca reconheceu isso. E, mais de um século depois, ainda vale a pena ler suas peças como testemunho de uma época em que a literatura decidiu descer ao chão e ouvir as vozes que a Europa preferia esquecer.



LITERATURA

LINHAS CRUZADAS: O Javanês Nosso De Cada Dia



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho

@prof.alineabreu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

vídeos, até perceber que não era falta de prática. Era incoerência. O discurso técnico não correspondia ao resultado concreto. Depois de alguns meses, publicou uma análise cuidadosa, sem escândalo, apenas mostrando que as classificações de cor eram frequentemente equivocadas. A resposta da legião digital veio pronta: inveja, perseguição, recalque, hater.

A autoridade, em nossos dias, não precisa ser provada. Basta ser repetida.

Quando a influenciadora enfim se pronunciou, fez isso como quem lança mais um produto. Sentou-se diante da câmera, respirou fundo, pôs uma música delicada ao fundo e contou, emocionada, que tinha daltonismo. Disse que sua trajetória era de superação, que aprendera a "sentir as cores de outra maneira", que sua sensibilidade ia além do olhar comum e que as críticas eram capacitistas. Chorou no momento exato. A caixa de comentários, comovida, transformou falha técnica em narrativa inspiradora.

Ninguém perguntou o essencial: se ela não distinguia cores com precisão, por que vendia um curso justamente sobre teoria das cores como conhecimento técnico confiável?

É nesse ponto que essa história deixa de ser apenas sobre maquiagem.

No fundo, a questão ultrapassava os erros de combinação. O que chamava atenção era a facilidade com que a aparência de domínio ocupava o lugar do conhecimento. Alguns termos técnicos, uma fala segura, uma boa iluminação e a aprovação apressada do público bastavam para sustentar uma autoridade que, na prática, não se confirmava. A falha não estava só na maquiagem, mas no modo como se consome prestígio.

Há situações assim que parecem saídas do universo irônico de Lima Barreto. Como em "O Homem que Sabia Javanês", o valor não se firma necessariamente no saber verdadeiro, mas nos sinais sociais que convencem os outros de que ele existe. Muda o cenário, mudam os instrumentos, muda até a embalagem da fraude, porém permanece essa disposição coletiva de admirar quem fala com firmeza sobre aquilo que quase ninguém se dispõe a verificar.

Nesse caso, a internet apenas atualiza o mecanismo. O que antes dependia do encanto de um título raro ou de uma suposta erudição, agora se apoia em filtros, vídeos curtos, engajamento e prova social.

E, assim, entre corretivos errados e aplausos certos, segue triunfando mais um talento nacional: o dom de ensinar exatamente aquilo que nunca se aprendeu.

O Guru que Nunca Tinha Tempo

Ele ensinava que o segredo da vida estava em acordar às cinco da manhã.

Dizia isso em vídeos curtos, com voz firme, olhar descansado e uma mesa impecavelmente organizada ao fundo, onde repousavam um

notebook aberto, uma xícara de café e um livro estrategicamente posicionado para parecer lido. Falava de disciplina como quem tivesse assinado um pacto pessoal com o relógio. Para cada problema moderno, tinha uma fórmula simples: rotina matinal, bloco de foco, lista de prioridades, jejum de distrações, respiração consciente e, se necessário, um curso avançado em doze módulos com certificado e acesso vitalício.

As pessoas gostavam dele porque parecia ter vencido o caos. Não apenas o caos da agenda, mas o caos da vida. Enquanto o resto do mundo corria atrás de notificações, boletos, cansaço e culpas acumuladas, ele surgia na tela com a serenidade plastificada de quem havia descoberto um método infalível. Não vendia só produtividade. Vendia a fantasia de uma existência encaixada.

Vieram as palestras. Depois, os convites para empresas, mentorias exclusivas, entrevistas, participação em podcasts e fotos em aeroportos com legendas sobre propósito, constância e alta performance. Sua agenda era tão cheia que se tornou prova do próprio sucesso. Se estava sempre correndo, pensavam todos, era porque tinha muito a ensinar.

Ninguém suspeitava que, por trás das postagens sobre organização, havia um pequeno desmoronamento cotidiano.

O guru perdia prazos com frequência. Esquecia reuniões. Chegava atrasado aos próprios compromissos sobre gestão do tempo. Mandava mensagens pedindo desculpas por "imprevistos de agenda", expressão elegante que cobre, no vocabulário corporativo, desde confusão pessoal até desordem crônica. Dependia de dois assessores para lembrar horários, confirmar presença em eventos, reenviar links, remarcar encontros e avisá-lo, com alguma antecedência, daquilo que ele mesmo havia prometido fazer.

Seus seguidores acreditavam estar diante de um mestre da rotina. Seus assistentes sabiam que ele mal conseguia atravessar a terça-feira sem socorro.

Mas talvez isso não surpreendesse tanto, se as pessoas se interessassem menos pelo brilho do método e mais pela experiência concreta de quem o anunciava. O prestígio moderno, porém, não costuma exigir coerência. Exige vocabulário, repetição e boa embalagem. Um homem fala com gravidade sobre foco, cita dois autores estrangeiros, pronuncia "priorização" com convicção e pronto: instala-se a autoridade.

A essa altura, a produtividade já havia deixado de ser prática para virar estética.

Era preciso parecer organizado. Ter planilhas coloridas, planner importado, fones de ouvido discretos, fotos diante do computador, frases motivacionais e uma expressão permanente de cansaço nobre, daquele tipo que transforma exaustão em troféu. O importante já não era cumprir bem o dia, mas comunicar ao mundo que se estava administrando o tempo com excelência. E, se sobrasse espaço, monetizar isso.

Foi uma ex-assessora quem deixou escapar, sem querer, a engrenagem da farsa. Em uma entrevista menor, daquelas que quase ninguém

vê, comentou entre risos que o especialista em alta performance esquecia de tudo, confundia datas, perdia voos e precisava ser lembrado até das pausas para almoço. Disse aquilo com leveza, como quem conta uma excentricidade de pessoa famosa. A internet, que escolhe a indignação conforme a conveniência, transformou o caso em curiosidade passageira.

Houve quem defendesse o palestrante com entusiasmo. Diziam que ele era genial demais para lidar com detalhes. Outros afirmavam que isso apenas provava sua humanidade. Alguns chegaram a sustentar que delegar a própria agenda era, no fundo, uma grande demonstração de inteligência produtiva. A contradição, em vez de abalar a imagem, foi absorvida por ela. O mercado sempre encontra um modo de transformar falha em estratégia.

O mais curioso não era a desordem do palestrante, mas a facilidade com que ela se tornava invisível diante do prestígio já montado ao seu redor. Lima Barreto percebeu isso com precisão: uma vez aceito como autoridade, o sujeito passa a ser sustentado menos pelo que sabe do que pela disposição dos outros em acreditar. No caso do guru, não era preciso governar a própria rotina. Bastava falar dela com firmeza, cercar-se dos sinais certos de sucesso e deixar que a admiração pública concluísse o resto.

Mudam-se os cenários, modernizam-se os instrumentos, mas sobrevive a mesma disposição coletiva de admirar quem fala com segurança sobre aquilo que poucos se dão ao trabalho de verificar. O antigo encanto diante do saber raro talvez tenha apenas trocado de roupa. Hoje veste camiseta neutra, usa relógio inteligente, publica rotina às cinco da manhã e ensina, entre um atraso e outro, como dominar o próprio tempo.

No fim, o guru não perdeu público. Ganhou mais. Reapareceu com uma palestra renovada sobre "os bastidores da produtividade real", confessou suas dificuldades, emocionou a plateia e lançou um novo programa, agora mais humano, mais maduro, mais autêntico. As inscrições esgotaram-se em poucas horas.

Talvez porque, no fundo, o público não compre exatamente a verdade. Compra a forma mais confortável de acreditar nela.

O Nutricionista de Internet

Ele começou com um vídeo segurando um copo verde.

Não era um copo qualquer. Era daqueles longos, transparentes, que deixam o líquido aparecer como promessa. Dentro, uma mistura espessa de couve, limão, gengibre, clorofila, água alcalina e alguma outra palavra que parecia científica o suficiente para não ser contestada. Ele sorriu para a câmera com a serenidade de quem não apenas havia vencido a fome, mas decifrado o corpo humano. Disse que aquilo "desinflamava", "desintoxicava" e "reativava o metabolismo". Em menos de um minuto, o café da manhã de gerações inteiras parecia ter se tornado um erro histórico.

Dias depois, já não era apenas um criador de conteúdo. Era uma autoridade em saúde alimentar.

Seu perfil cresceu como crescem certas certezas digitais: rápido, liso e sem o peso da dúvida. Vieram os antes e depois, os depoimentos de seguidores agradecidos, os "protocolos exclusivos", os cardápios anti-inchaço, o desafio de 21 dias, o e-book para secar comendo, as aulas sobre alimentos inflamatórios e os vídeos em que apontava, com expressão grave, os perigos escondidos no prato comum das pessoas comuns. O arroz virou suspeito. O feijão passou a ser questionável. A banana dependeu de contexto. O pão tornou-se quase um crime moral.

Ele falava como quem havia recebido uma revelação.

Cada alimento tinha destino, pecado e salvação. Havia os que limpavam, os que intoxicavam, os que curavam silenciosamente e os que sabotavam o organismo sem que ninguém percebesse. O seguidor, já cansado do próprio corpo e da própria culpa, entregava-se com alívio àquela voz firme que oferecia ordem onde antes havia só confusão. Pouca coisa seduz mais do que alguém que transforma a complexidade da vida em lista de "sim" e "não".

O detalhe incômodo é que ele não era nutricionista.

Não tinha formação na área, não possuía registro profissional, não se apoiava em estudo sério nem em acompanhamento clínico. O que tinha era repertório de rede social. Reunia pedaços de vídeos estrangeiros, frases soltas de artigos que não lia até o fim, termos repetidos à exaustão por influenciadores maiores e uma impressionante habilidade para falar de metabolismo como quem comenta intimidades de velho conhecido. Sabia, sobretudo, escolher palavras que brilham mais do que explicam: detox, inflamação, bioindividualidade, reset, limpeza, protocolo, galinha metabólica.

Com isso, montava cardápios milagrosos para gente que ele nunca viu.

Havia dietas para desinchar em três dias, recuperar autoestima em cinco, redefinir o organismo em uma semana e "renascer metabolicamente" em vinte e um dias. A promessa era sempre alta, a base sempre fraca e a culpa sempre transferida para o seguidor. Se não funcionasse, era porque a pessoa não teve disciplina. A internet adora soluções mágicas, mas aprecia ainda mais responsabilizar a vítima quando a mágica falha.

Foi uma nutricionista de verdade quem começou a desmontar, aos poucos, o castelo de quem do especialista. Em vídeos pacientes, explicava que o corpo humano não funciona como ralo entupido a ser "desintoxicado" por suco, que dietas radicais podem causar prejuízos reais, que alimentação não se resume a modismos e que saúde não cabe em slogans reciclados. Falava com cuidado, citava fundamentos, ponderava contextos. Naturalmente, teve menos alcance.

A rede preferia o homem do copo verde.

Ele era mais simples, mais seguro, mais direto. Não dizia "depende"; dizia "faça". Não mencionava individualidade clínica; oferecia fórmula. Não estudava a pessoa; enquadrava a pessoa no roteiro já pronto. E, como acontece tantas vezes, a firmeza da fala foi tomada como prova de competência. A clareza performada venceu a responsabilidade real.

O mais inquietante não era apenas a fragilidade das orientações, mas a rapidez com que tudo se revestia de prestígio. Aos moldes de Lima Barreto em "O Homem que Sabia Javanês", o valor daquela figura parecia nascer menos do conhecimento efetivo do que da sua boa representação. Bastavam o vocabulário técnico, a estética do autocontrole e a segurança da fala para que o público aceitasse como ciência aquilo que mal passava de encenação.

E o encanto era grande.

Leitura Completa
no Site

LITERATURA

CONTO: Café Passagem - Capítulo 9: O Irmão

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação

Capítulo 8: Investigação

Luísa decide investigar Daniel para conhecer "a pessoa por trás do mistério". Conversa com Dona Carmen, proprietária do Café Passagem, que confirma que Daniel frequenta o local há três anos, sempre escrevendo sobre "uma mulher que ainda não chegou". Visita a editora onde ele trabalha e descobre que Roberto, o editor-chefe, considera Daniel um profissional excepcional com intuição aguçada para evitar projetos problemáticos, habilidade que diminuiu nas últimas semanas. Na biblioteca municipal, Dona Marta lembra que Daniel pesquisava obsessivamente sobre tempo e fenômenos inexplicados durante a adolescência. Todas as fontes confirmam a versão de Daniel e sua mudança recente de comportamento. Luísa conclui que ele é exatamente quem diz ser, e se prepara para o jantar com uma nova confiança na autenticidade dele.

O Café Passagem
Capítulo 9: O Irmão

Miguel Carvalho estava no meio de uma cirurgia quando recebeu a mensagem de Daniel: "Preciso conversar. É sobre ela."

Como neurocirurgião, Miguel estava acostumado a lidar com situações complexas e delicadas, mas quando se tratava de seu irmão mais novo e suas "peculiaridades", sentia-se sempre desarmado. Respondeu rapidamente: "Termino às 18h. Te encontro em casa."

Aos 35 anos, Miguel havia construído uma vida meticulosamente normal. Casado com Ana, pai de dois filhos, dono de uma carreira respeitada, ele representava tudo que Daniel nunca conseguira ser: estável, previsível, firmemente ancorado na realidade.

Mas Miguel guardava um segredo que nem a esposa conhecia: ele também havia herdado o dom da família.

Quando chegou ao apartamento de Daniel às sete da noite, Miguel encontrou o irmão caminhando de um lado para outro da sala, visivelmente agitado.

— Ela investigou — Daniel disse sem preâmbulos. — Luísa passou o dia inteiro pesquisando sobre mim.

— Como você sabe?

— Dona Carmen me ligou. Disse que Luísa esteve no café fazendo perguntas. Roberto da editora também mencionou que uma mulher foi lá procurando informações sobre mim.

Miguel se serviu de um copo d'água e se sentou no sofá.

— E isso te incomoda?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

— Deveria incomodar?

— Daniel, você contou para uma mulher que pode ver o futuro. É natural que ela queira verificar se você não é um maluco perigoso.

— Mas se ela descobrir que...

— Que o quê? Que você é exatamente quem diz ser? — Miguel estudou o rosto do irmão. — Daniel, o que realmente te preocupa?

Daniel parou de caminhar e se sentou na poltrona em frente ao irmão.

— Estou com medo de perdê-la.

— Por causa do dom?

— Por causa da falta dele. Miguel, eu não consigo mais ver nada. É como se... como se uma parte de mim tivesse simplesmente desaparecido.

Miguel suspirou. Era a conversa que vinha adiando há anos.

— Daniel, preciso te contar uma coisa.

— O quê?

— Eu também tenho o dom.

Daniel o encarou como se tivesse levado um soco.

— Como assim?

— Sempre tive. Desde os quinze anos, como você. Mas aprendi a controlá-lo, a... desligá-lo quando necessário.

— Isso é possível?

— Para mim, foi. Descobri que podia escolher quando usar e quando não usar. Por isso consegui ter uma vida normal, uma carreira, uma família.

Daniel se levantou bruscamente.

— E você nunca me contou? Todos esses anos eu me senti como um freak, como se fosse o único...

— Porque você nunca quis uma vida normal! — Miguel se levantou também. — Você se agarrou ao dom como se fosse sua identidade. Eu tentei te mostrar outras possibilidades, mas você sempre escolheu viver no futuro em vez de viver o presente.

— Não era uma escolha! As visões simplesmente vinham!

— Vinham porque você permitia. Porque, no fundo, era mais fácil viver em um mundo de possibilidades do que enfrentar a realidade.

Daniel sentiu como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés.

— Você está dizendo que eu podia ter controlado isso o tempo todo?

— Estou dizendo que talvez você não quisesse controlar. Daniel, você passou quinze anos escrevendo sobre uma mulher que nem conhecia. Isso não é dom, é fuga.

— Fuga de quê?

Miguel hesitou, mas decidiu que era hora da verdade completa.

— Da vida real. Dos relacionamentos reais. Do risco de se machucar de verdade.

Daniel se sentou novamente, a cabeça entre as mãos.

— Então você acha que Luísa é apenas... o quê? Uma fantasia que se materializou?

— Acho que Luísa é a primeira pessoa real que você permitiu entrar na sua vida. E isso te apavora tanto que você preferiu perder o dom a correr o risco de descobrir que ela pode não ser perfeita.

— Ela é perfeita.

— Ninguém é perfeito, Daniel. E é isso que torna o amor real interessante.

Daniel ergueu a cabeça para olhar o irmão.

— Como você fez? Para desligar as visões?

— Prática. Meditação. E principalmente, escolha consciente de viver o presente. Quando conheci Ana, decidi que queria construir um futuro com ela, não apenas observá-lo acontecer.

— E você nunca sentiu falta?

— Às vezes. Especialmente no trabalho — seria útil saber como uma cirurgia vai terminar antes de começar. Mas aprendi que a incerteza também tem seu valor. Ela nos mantém atentos, nos força a dar o melhor de nós.

Daniel ficou em silêncio por um longo momento.

— Miguel, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você consegue ver alguma coisa sobre mim e Luísa?

Miguel sorriu tristemente.

— Não funciona assim, Daniel. Não consigo ver o futuro de pessoas que amo. É como se o amor criasse uma zona cega nas visões.

— Por quê?

— Porque quando amamos alguém de verdade, o futuro deixa de ser algo que observamos e passa a ser algo que construímos juntos.

Daniel absorveu as palavras do irmão. Tudo fazia sentido agora: por que as visões sobre Luísa haviam parado, por que se sentia perdido, por que tinha tanto medo.

— Ela vai jantar comigo hoje à noite — disse finalmente.

— E como se sente em relação a isso?

— Aterrorizado. E empolgado. E... vivo. Mais vivo do que me senti em anos.

Miguel sorriu.

— Então você já tem sua resposta.

— Qual resposta?

— Se vale a pena trocar a certeza do futuro pela aventura do presente.

Daniel olhou para o relógio. Eram sete e quarenta.

— Preciso ir. Vou buscá-la às oito.

— Daniel?

— Sim?

— Se você quiser, posso te ensinar a controlar o dom. Para que você possa escolher quando usar e quando não usar.

— E se eu escolher nunca mais usar?

— Então você será apenas um homem normal, apaixonado por uma mulher normal, tentando construir uma vida normal juntos.

— Isso soa... assustador.

— E maravilhoso?

Daniel sorriu pela primeira vez desde que chegara.

— E maravilhoso.

Quando Daniel saiu do apartamento de Miguel, sentia-se como se tivesse acabado de acordar de um sonho de quinze anos. Pela primeira vez, entendia que o dom não era uma bênção ou uma maldição — era uma escolha.

E ele estava pronto para fazer uma escolha diferente.

No caminho para buscar Luísa, parou em uma floricultura e comprou um buquê de margaridas brancas. Não porque havia visto em uma visão que ela gostaria, mas porque eram simples e bonitas, como o momento que estavam prestes a viver.

Quando tocou a campainha do apartamento dela, Daniel Carvalho não era mais o homem que via o futuro. Era apenas um homem que havia decidido que o presente era o único tempo que realmente importava.

E pela primeira vez em quinze anos, isso era mais que suficiente.

Lá em cima, Luísa olhou pela janela e viu Daniel parado na calçada, segurando flores e parecendo mais nervoso que ela jamais o havia visto. Sorriu, pegou a bolsa e desceu as escadas.

Não sabia o que o futuro reservava para eles. Mas pela primeira vez na vida, isso não a assustava.

Na verdade, mal podia esperar para descobrir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

CULTURA

Tradições Lendárias do Folclore Brasileiro



Por Beth Baltar
COLUNISTA

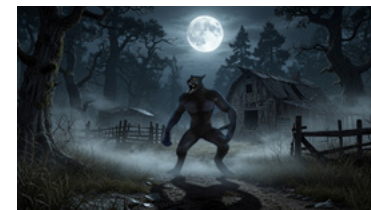
Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

📧 @beth_baltar



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

Lenda Do Lobisomem



É a história de um homem mordido por um lobo, se transforma, em encruzilhadas, todas as noites de lua cheia e volta ao normal quando amanhece o dia. Tem características de homem e de lobo. É um monstro violento que se alimenta de sangue. Reza a lenda que quando uma mulher tem sete filhas e o oitavo é homem, esse será o lobisomem. Como também se manifesta em crianças não batizadas. Para combatê-lo, deve ser atingido com objetos e balas de prata ou de fogo.

Lenda Do Boitatá

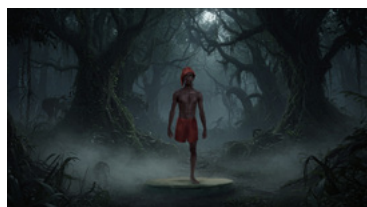
O Boitatá é um personagem representado por uma grande serpente de fogo, protetora dos animais e matas, daqueles que realizam queimadas nas florestas. Ela assustava as pessoas que iam às florestas durante à noite. Na narrativa folclórica, as pessoas que olhavam para ela ficavam cegas e loucas. Também é conhecido por Baitatá, Biatatá, Bitatá e Batatão. Existem algumas versões sobre esta lenda e em uma delas trata de uma grande cobra que vivia adormecida em um tronco e faminta, ao despertar comia os olhos dos animais.

Lenda Do Boto

O Boto é o animal dos rios da Amazônia, cuja lenda também é conhecida como "boto cor-de-rosa" ou "Uaiará". Ele sai dos rios e transforma-se em um homem atraente, com o objetivo de seduzir as mulheres, levando-as para o fundo dos rios para acasalar. Ele costuma aparecer nas festas juninas, elegantemente vestido de branco e chapéu, para esconder um buraquinho que tem na cabeça para respirar. Ao levar a moça para o rio, engravida e nunca mais volta a vê-la. Quando uma criança nasce de pai desconhecido, muitos usam a expressão "a criança é filha do boto", para justificar uma gravidez fora do casamento. Uma curiosidade sobre a lenda é que os homens que iam à festa junina com chapéu, tinham que retirar para comprovar que não era o boto.

Existem muitas outras Lendas e personagens do folclore brasileiro, cujas histórias de seres sobrenaturais ocupam espaços da cultura popular e do imaginário do povo brasileiro de diversas regiões.

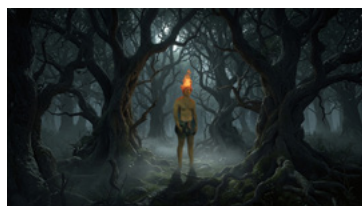
Lenda Do Saci Pererê



Uma das lendas brasileiras mais conhecida. É representada por um menino negro com uma perna só, fuma cachimbo, tem poderes mágicos com seu gorro vermelho, brinçalhão, travesso, gosta de assustar pessoas e de brincar com os animais, surgindo como um redemoinho. Suas principais travessuras são: fazer tranças no rabo dos animais durante a noite, esconder objetos (como os dedos das costureiras), assobiar de maneira muito estridente para assustar os viajantes, trocar o recipiente de sal pelo de açúcar e distrair as cozinheiras para elas queimarem a comida. É considerado o guardião das ervas e das plantas medicinais, conhece as técnicas de preparo e sabe como utilizar as plantas para fins medicinais. Segundo a lenda, para capturar o Saci Pererê, deve aremessar uma peneira nos redemoinhos de vento e após a captura retirar o gorro para prendê-lo em uma garrafa.

A lenda é contada em todas as regiões brasileiras e, por isso, a estória modifica-se conforme o local. Em alguns lugares, ele possui nomes diferentes como: Saci-Cererê, Matimpererê, Matita Perê, Saci-Saçurá e Saci-Triquerê.

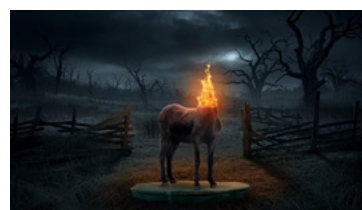
Lenda Do Curupira



O Curupira tem os cabelos vermelhos e os pés voltados para trás, cujas pegadas têm o objetivo de enganar os exploradores e destruidores da natureza. É um personagem folclórico considerado o guardião da fauna e da flora. Adora fumar, beber pinga e vive nas florestas. A curiosidade é uma das suas características, por isso, reza a lenda que para escapar de suas armadilhas, a pessoa deve fazer um novelo com cipó e esconder a ponta para que possa fugir, já que o Curupira está entretido com o novelo. Os caçadores e lenhadores, até os

dias atuais, costumam oferecer-lhe fumo e pinga quando chegam nas florestas.

Lenda Da Mula Sem Cabeça



É um monstro sem cabeça, que solta fogo pelo pescoço, com ferraduras de aço ou prata, de cor preta ou marrom, que se manifesta quando uma mulher namora um padre ou quando dormia com o namorado antes do casamento.

Costuma correr pelas matas e campos assustando pessoas e animais, relincha e soluça como um ser humano. Para acabar com o encantamento, alguém arrancava os freios ou era furada com um objeto para tirar sangue. A mulher enfeitada voltava à normalidade exausta e ferida e no terceiro cantar de um galo ou por um padre que a amaldiçoa-la sete dias antes de celebrar missas.



A palavra folclore é uma palavra de origem inglesa que significa sabedoria, conhecimento e cultura. É uma manifestação cultural que representa os pensamentos e conhecimentos de um povo.

No Brasil, o folclore é um conjunto de tradições, mitos, lendas e crenças populares, com influências indígenas, africanas e europeias, transmitido entre gerações por meio da oralidade. A cultura nacional é moldada por fenômenos naturais e morais, cujos personagens emblemáticos tornam as narrativas fantásticas. As lendas folclóricas representam o conjunto de histórias e contos narrados pelo povo, especificamente, fazem parte da cultura popular, por isso conhecê-las é uma forma de resgatar tradições do folclore brasileiro. As principais lendas e personagens são:

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CULTURA

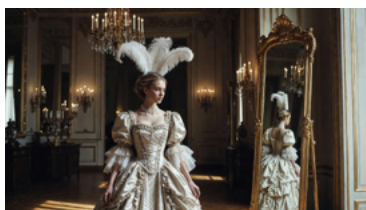
O Desaparecimento da Moda Como Forma De Expressão Cultural



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp

A moda sempre foi mais do que vestimenta



No filme "A Duquesa" (2014), que retrata a vida da duquesa de Devonshire, a personagem demonstra como suas vestimentas são ferramentas de comunicação e expressão feminina em um mundo masculino. Em um dos eventos que participa, a duquesa diz que a enorme pena que usa em sua cabeça tem apenas dois exemplares, aquele e outro em Versalhes, utilizado pela rainha Maria Antonieta. Da mesma forma, o filme de Sofia Coppola "Maria Antonieta" (2006) também expõe a

influência da última rainha da França pelos seus enormes e caros vestidos, que extravasariam os cofres públicos. Ambas representariam uma época e dariam voz pelas roupas que usavam.

A moda, mais do que a representação de um período histórico e a voz de um gênero, especialmente o feminino, também carrega elementos culturais o período Georgiano na Inglaterra e o Rococó da França podiam ocorrer simultaneamente, mas o estilo das vestimentas carregava diferenças sutis que representavam a cultura local, como extravagância e sobriedade, tecidos e cores, acessórios e chapéus. A moda também é um elemento forte na hora de expressar uma identidade nacional, lhe dando poder de se comunicar e visibilidade para transformar.

Entretanto, a função da moda também se associa ao consumo. A moda, hoje, é formada

dentro de ateliês, salas de editores de revistas críticas e de campanhas publicitárias, mas formar opinião das passarelas às lojas de departamento, como Miranda Priestly ensina em "O Diabo Veste Prada" (2006). Acharmos que criamos e consumimos algo único, mas a roupa é feita para consumirmos, antes de comunicar nossa identidade. As francesas se vestem diferente das brasileiras. Os tons pastéis e sóbrios nas coleções Outono-Inverno da Europa não são os mesmos para o território Latino-Americano. Entretanto, a modelagem é similar. Se quer vestir como as potências da moda se vestem (Paris, Milão, Nova York). A moda tem reforçado o que antes já existia: é mais sobre venda de status do que cultura. A representação, porém, está sendo padronizada direto na fábrica.

Na Ásia, por exemplo, essa transformação está mais sutil e a roupa tradicional cultural ainda está presente, como o hanbok para a Coreia do

Sul, ainda sendo um elemento marcante em eventos e cerimônias, além de representado em séries midiáticas. Entretanto, com o movimento pop da Onda Coreana, esta roupa ganha traços mais atualizados e vendáveis para uso diário e ocidental, em releituras que são apresentadas pelos ídolos de K-Pop. Assim, a identidade cultural vem sendo transformada em sua representação, e a moda é só um dos pontos deste processo, em que passado e presente podem transitar para criar novos vínculos fora daquele lugar de origem.

E até os lugares mais isolados também podem ter sua moda inserida no mercado de luxo ocidental e serem reinterpretados, como foi o caso do Butão, o chamado país da felicidade nos Himalaias, que ganhou 13 modelos de sapatos desenvolvidos pela marca Louboutin. O processo iniciou-se pela paixão do criador da marca, Christian Louboutin pelo país,

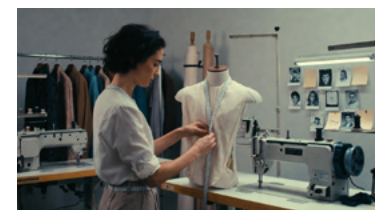
então, em parceria com o governo local, acessa artesãos que criam 13 estampas tradicionais para uma coleção exclusiva que tem o Butão como referência – "LouBouthan" (2012) –, e depois adiciona a costura e o solado vermelho que vende ao mundo luxo e status. Nesse último caso, a cultura tradicional, quando feita à mão, vira luxo, mas também se ocidentaliza, se comercializa por alto valor por sua raridade estética de uma cultura singular.

Por fim, a moda pode carregar elementos culturais e conversar com pessoas e países por conservá-los, entretanto, por estar estreitamente entrelaçada com o status de poder e o consumo, e isso desde sempre (não sendo exclusividade da modernidade), acaba por perder elementos singulares em pró da venda em nichos diferentes. E o consumidor se felicita por acessar algo que pode considerar único aquele país ou cultura – como o kimono (Japão) e o hanfu (China), considerados tradicionais, mas que podem facilmente ser encontrados em lojas de vestimentas na Liberdade, em São Paulo.

Hoje, a unicidade da moda não se resume à cultura, mas sim à individualidade de seu usuário. Os consumidores não querem ser associados à apropriação cultural, mas desejam que a roupa que usam carregue algo próprio de sua identidade pessoal. Por isso, os serviços de customização crescem e marcas que produzem sob medida e com exclusividade também tem maior valorização no mercado. Para se manter dentro da moda, a cultura precisa se fundir às linhas das máquinas massivas e continuar vendável. Entretanto, é desafiador sustentar esses termos e sua unicidade. O maior desafio é descobrir o que torna a identidade cultural vendável sem perder sua essência local.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"



A transmissão da cultura ocidental: por que o passado importa mais do que nunca?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Em uma época marcada pela velocidade da informação, pela troca constante de referências e pela absorção automática de costumes, a preservação da cultura ocidental deixou de ser um assunto restrito às universidades. Hoje essa discussão envolve questões muito mais amplas, ligadas à identidade, à memória coletiva e à continuidade histórica das sociedades.

A tradição ocidental foi construída ao longo dos séculos a partir de diferentes influências, entre elas a filosofia grega, o direito romano e os valores judaico-cristãos. Dessa formação nasceram princípios que moldaram o mundo contemporâneo, como a dignidade humana, a liberdade individual, a racionalidade científica e a ideia de cidadania. Muitos desses conceitos parecem naturais atualmente justamente porque foram incorporados, pouco a pouco, à vida social e política do Ocidente.

Preservar esse legado cultural vai muito além do estudo formal da História. Trata-se de compreender as raízes que ajudaram a formar a civilização contemporânea e de reconhecer o valor da memória histórica em tempos de instabilidade cultural. Em O choque das civilizações, Samuel P. Huntington afirma que as civilizações se sustentam em valores, símbolos e memórias compartilhadas. Quando esses elementos se enfraquecem, cresce também o sentimento de desorientação social e de vazio cultural.

Os vestígios dessa herança aparecem em diferentes aspectos da vida ocidental. As grandes catedrais europeias, por exemplo, revelam a religiosidade de uma época e testemunham avanços artísticos, arquitetônicos e científicos. Na literatura, obras como A Divina Comédia, de Dante Alighieri, Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, e os textos de William Shakespeare permanecem atuais porque tratam de conflitos humanos universais, como amor, ambição, honra, culpa e responsabilidade.

Em Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental, Thomas E. Woods destaca a importância das universidades medievais, dos

mosteiros e da preservação dos textos clássicos para a formação intelectual do Ocidente. Em diversos períodos de crise, essas instituições garantiram a continuidade de conhecimentos filosóficos, científicos e artísticos que poderiam ter desaparecido ao longo da História.

As críticas ao eurocentrismo também precisam ser consideradas. A expansão ocidental esteve associada, em muitos momentos, a processos de dominação política, econômica e cultural. Ainda assim, reconhecer os erros históricos não significa abandonar completamente os valores e produções culturais construídos ao longo dos séculos. O estudo crítico do passado permite compreender falhas, evitar a repetição de tragédias sociais e fortalecer princípios humanitários fundamentais.

Diante disso, transmitir a cultura ocidental às novas gerações torna-se uma tarefa cada vez mais necessária. Sociedades que perdem suas referências culturais costumam enfrentar crises de identidade e o enfraquecimento dos vínculos sociais. Em um tempo marcado pelo imediatismo das redes sociais e pela superficialidade da informação fragmentada, o contato com o patrimônio cultural oferece profundidade, continuidade e senso de pertencimento.

Valorizar o passado, portanto, significa compreender que nenhuma civilização permanece viva sem memória. A cultura ocidental continua relevante porque ainda oferece instrumentos intelectuais, éticos e artísticos capazes de ajudar o homem contemporâneo a compreender o mundo e a si mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

FILOSOFIA

O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer: Análise e Interpretação Nietzscheana



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026"



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar



Arthur Schopenhauer (1788–1860), conhecido por sua filosofia pessimista e por enfatizar a vontade como a força fundamental do mundo, provou ser influente para Nietzsche, que o considerava um verdadeiro “educador filosófico”. Foi o pessimismo filosófico de Schopenhauer que disse a Nietzsche que o homem tinha que cessar a busca pelo significado metafísico de sua vida e lidar com a natureza trágica da mesma. Nietzsche identificou em Schopenhauer o arquétipo do verdadeiro mestre e a articulação do gênio que a educação deve buscar como uma instância de formação humana para os jovens. Mais do que a ideia, foi a atitude filosófica de Schopenhauer que atraiu Nietzsche. Em suma, os temas da vida a vontade de viver contra a vontade de não viver, a felicidade em seu estado mais sublime, o sofrimento contra o tédio são os fios condutores da filosofia e do pensamento de Schopenhauer. Seu pensamento é baseado na experiência vivida; não é um produto do conhecimento, mas uma expressão vital. O sistema filosófico introduzido por Schopenhauer busca não somente explicar como o universo está organizado, mas responder à questão do sofrimento e, mais especificamente, ao fato de que não há justificativa para sua existência. Schopenhauer foi, para Nietzsche, o epitome do pensador livre que não se esquivaria de questões sobre o certo ou errado ou o modo correto ou incorreto de viver, que não poderia ser amarrado aos ditames do que se acreditava ser certo pelos outros.

A perspectiva nietzschiana vê em Schopenhauer o papel de inspirador/provocador, em virtude de defender o cultivo de seres autônomos e criativos, em vez da reprodução sem sentido de sistemas de crenças aceitos. Desta forma, proporcionando autoeducação, uma educação externa que consistiria em emancipação existencial, com o ponto final na maturidade, fecundidade e desenvolvimento harmonioso no ser humano. Nietzsche seleciona Schopenhauer como seu guia ideal porque vê nele três características principais: sinceridade, serenidade e firmeza. Ao fazer isso, ele permite que Schopenhauer se distancie do perfil típico do “acadêmico erudito”, preocupado em agradar instituições e adquirir prestígio.

Schopenhauer dizia que os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fâcos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo. Nietzsche encontra em Schopenhauer alguém que não buscava aprovação; que não se submetia ao sistema, que deliberadamente quebrava os limites esperados dos acadêmicos. É precisamente por essa razão que Schopenhauer serve, para Nietzsche, como um mestre eleito: um personagem cuja independência intelectual

e coragem de pensar por si mesmo inspiram admiração ao seu próprio trabalho em filosofia. O filósofo elege Schopenhauer como seu grande professor, porque somente a filosofia proporciona ao homem um asilo que nenhuma tirania pode alcançar (Nietzsche, 1999, p. 8). Nietzsche identifica três modelos idênticos de homem, como o homem de Rousseau, que personifica o espírito de rebanho e que acreditava que a civilização corrompe o humano; como o homem de Goethe, um revolucionário contemplativo que perdeu seu ideal quando Fausto se torna um servo e deixa de ser livre; e como o homem de Schopenhauer, para quem, segundo Nietzsche, é o humano por essa medida puro no ideal: ele aceita o sofrimento voluntariamente em sua busca pela verdade e grandeza presentemente e não busca a felicidade, mas simplesmente uma vida heroica. Portanto, vê em Schopenhauer a figura que sempre admirou como o herói homérico. Para ele, é o filósofo que é o super-homem: alguém que enfrenta perigos, transcende a si mesmo e que é um libertador, um educador. É uma das contribuições de Nietzsche, finalmente, é a ideia de uma educação na qual é o que o indivíduo constrói em uma gama mais ampla de outras capacidades, sendo mais reflexiva e, portanto, em certo sentido, sensível e menos alienada do conhecimento.

Nietzsche então via Schopenhauer como um educador e um mestre, e assim como um mestre que havia formulado uma crença no que constitui a essência a filosofia que ele desde então trouxe à luz não estava preocupada com “sua substância”, mas sim com a “vontade” e, portanto, uma visão do mundo como parte dela.

Nietzsche via Schopenhauer como um “educador” e um “mestre”, criador de uma filosofia que via a “vontade” como essência do mundo, e abriu caminho para uma percepção filosófica que olhava além das aparências. Sempre invocando

Schopenhauer, parece expressar a gratidão pelo mestre que, ironicamente, lhe abriu o caminho para superá-lo; retratando o filósofo como um modelo de integridade intelectual alguém que vive com suas próprias ideias e assim sugere uma educação enraizada na autenticidade e na busca por uma cultura mais elevada.

Um formador nesta perspectiva é um modelo de ética, de estética, de política, de seriedade frente ao conhecimento científico e à cultura em geral. É, também, um modelo prático de didática e de profícuo desempenho técnico-pedagógico. Mas, paradoxalmente, um modelo para ser superado, não para ser copiado. É uma pedagogia que exige uma tarefa interminável, quer dizer, a autoformação, a educação de si próprio continuamente.

Nietzsche adotou a visão de Schopenhauer de que, no fundo, o mundo é movido por uma vontade cega e irracional. Contudo, ao invés de permanecer nesse pessimismo, ele a reinterpretou radicalmente: transformou a “vontade de viver” schopenhaueriana em sua própria “Vontade de Poder”, uma força ativa, criativa e afirmativa da vida.

Entretanto, o que mais se destaca em Nietzsche sobre Schopenhauer é a exigência constante e imperiosa da autossuperação como uma das máximas fundamentais para a formação do homem. Não estar contente consigo próprio como se é, sem condescender à preguiça ou ao narcisismo, modos próprios de ser do homem contemporâneo, além de outros. Portanto, quem tem consciência do que é a vida não se espantará por saber que a formação e a educação são uma atividade interminável e intransferível.

Schopenhauer foi para Nietzsche o modelo do filósofo que irrompeu contra seu tempo, e

por ter sido o avesso da cultura alemã, seria o educador que iria educar o próprio Nietzsche a irromper contra seu tempo.

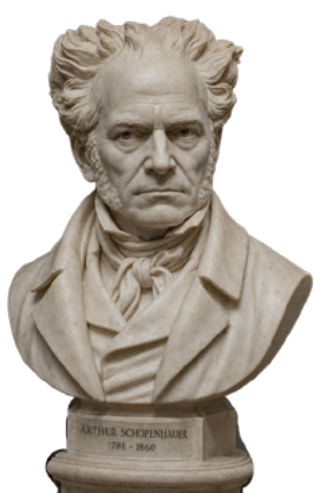


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

FILOSOFIA

A Filosofia do Belo na Arte: Aristóteles vs. Kant



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatCPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"



Por que algumas obras de arte parecem atravessar a alma humana de forma tão profunda? Por que certas músicas provocam lágrimas sem que entendamos exatamente o motivo? O que existe em uma pintura, em um poema ou em uma melodia capaz de interromper, ainda que por alguns instantes, o ruído do mundo dentro de nós?

Desde a antiguidade, filósofos tentam compreender o que é o belo e por que ele exerce tamanho impacto sobre a experiência humana. Afinal, a beleza seria uma característica da própria obra... ou nasceria dentro daquele que a contempla?

Entre os pensadores que mais influenciaram essa discussão estão Aristóteles e Immanuel Kant. Separados por séculos, ambos ofereceram visões profundas e bastante diferentes sobre a arte, a beleza e a emoção humana.

Para Aristóteles, a beleza estava ligada à harmonia, à proporção e à ordem. O filósofo grego acreditava que o ser humano reconhece naturalmente padrões organizados como

agradáveis porque existe uma espécie de inteligência estrutural no universo. Na arte, isso se manifesta no equilíbrio das formas, no ritmo, na simetria e na coerência entre as partes e o todo.

Mas Aristóteles não via a arte apenas como contemplação estética. Para ele, a arte possuía função emocional e transformadora. Em sua análise sobre a tragédia grega, surge o conceito de catarse: a capacidade da arte de provocar uma purificação emocional. Ao assistir uma tragédia, o indivíduo experimentava medo, compaixão, dor e reflexão, reorganizando emoções internas através da experiência artística.

De certa forma, Aristóteles compreendia algo que hoje a neurociência também começa a revelar: a arte modifica estados mentais.

Uma música pode desacelerar o sistema nervoso. Um filme pode despertar memórias profundas. Uma pintura pode induzir contemplação. O belo, nesse sentido, não seria apenas algo "bonito", mas algo capaz de reorganizar a experiência humana.

Talvez seja por isso que civilizações inteiras sempre utilizaram arte, música e símbolos como instrumentos de conexão emocional e espiritual. A beleza nunca ocupou apenas o campo do entretenimento. Ela sempre esteve associada ao mistério, à transcendência e ao sentido da existência.

Séculos depois, Kant amplia essa discussão de maneira revolucionária.

Enquanto Aristóteles associava a beleza à harmonia objetiva das formas, Kant desloca a experiência do belo para dentro do observador. Em sua obra Crítica da Faculdade do Juízo, o filósofo afirma que o belo não existe apenas no objeto, mas nasce da relação subjetiva entre a obra e quem a contempla.

Para Kant, algo é belo quando produz um prazer desinteressado. Ou seja: admiramos não porque aquilo possui utilidade prática, mas porque desperta uma sensação livre de contemplação. O belo suspende, por instantes, as exigências do mundo.

É como quando ouvimos uma música e, por alguns segundos, o tempo parece parar.

Ou quando observamos uma obra de arte e sentimos algo impossível de explicar racionalmente.

Kant entendia que a experiência estética toca uma dimensão profunda da consciência humana. O belo não precisa servir para nada. Seu valor está justamente na experiência sensível que provoca.

E talvez seja exatamente por isso que a arte continue sendo tão necessária em uma sociedade exausta.

Vivemos em um tempo acelerado, funcional e hiperestimulado, onde quase tudo precisa gerar produtividade, resultado ou performance. A arte resiste a essa lógica. Ela nos devolve pausa,

contemplação e presença.

Em meio ao excesso de estímulos digitais, a experiência estética se torna quase um ato de resistência emocional. Sentar para ouvir uma música com profundidade, contemplar uma pintura ou ler poesia sem pressa passou a ser algo raro. E justamente por isso, profundamente terapêutico.

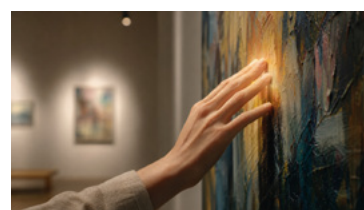
A arte desacelera o cérebro.

Ela reorganiza a atenção, suaviza o estado de alerta e permite que o indivíduo volte a sentir. Talvez o belo seja uma das poucas experiências capazes de lembrar o ser humano de que ele não nasceu apenas para produzir, correr e sobreviver, mas também para contemplar.

Aristóteles nos ensinou que o belo organiza.

Kant nos mostrou que o belo desperta.

E entre organização e despertar, a arte continua sendo uma das experiências mais profundamente humanas que existem.



Comparativos

"Aristóteles e Immanuel Kant"

A disputa intelectual entre Aristóteles e Immanuel Kant define os dois grandes eixos da estética ocidental: a beleza como uma propriedade do objeto versus a beleza como uma experiência do sujeito.



1. Aristóteles: A Estética da Objetividade:

Para Aristóteles, a beleza é uma questão de estrutura e proporção. Ela existe "lá fora", no mundo físico, e pode ser medida e analisada racionalmente.

O Belo como Ordem: Um objeto é belo se possuir simetria, ordem (taxis) e uma dimensão que permita ser apreendido pela visão de uma só vez.

Mimese e Verdade: A arte é uma imitação da natureza que revela verdades universais. Ela tem uma função pedagógica e social, purificando as emoções do público (Catarse).

Ponto Forte: Oferece critérios claros e objetivos para avaliar a qualidade técnica e a harmonia de uma obra.



2. Immanuel Kant: A Estética da Subjetividade

Kant revolucionou a área ao afirmar que a beleza não está na coisa em si, mas no sentimento de quem a observa.

Juízo de Gosto: O belo é o que agrada universalmente sem a necessidade de um conceito lógico. É uma resposta emocional, não um cálculo matemático.

Desinteresse: A verdadeira apreciação estética deve ser livre de interesses práticos (não importa se o objeto é útil ou caro, apenas como ele afeta sua sensibilidade).

Livre Jogo: A beleza nasce do equilíbrio harmonioso entre a nossa imaginação e o nosso entendimento ao contemplar uma forma.

Ponto Forte: Valoriza a liberdade individual e a experiência emocional única de cada ser humano diante da arte.

MÚSICA, CIÊNCIA E EMOÇÕES PARA TRANSFORMAR VIDAS.

DRIKA GOMES

NEUROCIENTISTA DA MÚSICA
PSICANALISTA
HIPNOTERAPEUTA

CRIADORA DO

NeuroMusic®

NEUROCIÊNCIA, MÚSICA E CONSCIÊNCIA A SERVIÇO DA REGULAÇÃO EMOCIONAL E DO BEM-ESTAR.



Unindo neurociência, música e profundidade terapêutica, Drika Gomes desenvolve métodos e experiências que promovem autoconhecimento, regulação emocional e expansão da consciência. Bem-vindo ao universo NeuroMusic®.

CONTEÚDOS, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS



LIVRO
Coisas que a gente faz e põe tudo a perder
Reflexões profundas sobre escolhas, padrões e transformação.



NEUROMUSIC EXPERIENCE®
Imersão ao vivo que ativa emoções, expande a consciência e promove transformações reais.



JORNADA DA ALMA
Processo terapêutico profundo para cura emocional, ressignificação e reconexão com a sua essência.



RÁDIO NEUROMUSIC®
Rádio online 24h com músicas e conteúdos que nutrem, acolhem e elevam a consciência.



YOUTUBE OFICIAL
Vídeos, aulas, entrevistas e conteúdos exclusivos para inspirar e transformar.



INSTAGRAM OFICIAL
Conteúdos diários sobre neurociência, música, emoções e consciência. Conecte-se!

"A música acessa onde as palavras não alcançam e transforma de dentro para fora."

PROGRAMA ALQUIMIA DA MENTE



Programa de desenvolvimento emocional que integra ciência, música e terapias para reprogramar a mente, regular emoções e criar uma vida com mais equilíbrio, clareza e propósito.



ACESSE O PORTAL OFICIAL E ENTRE NO UNIVERSO NEUROMUSIC®
www.drikagomes.com.br



ARTIGOS E CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



AGENDA DE ATENDIMENTOS E EVENTOS



LIVROS E E-BOOKS



IMERSÕES E PROJETOS



E MUITO MAIS DO UNIVERSO NEUROMUSIC®

EDUCAÇÃO

Tecnologias Assistivas: Inovação a Serviço de Alunos com Necessidades Especiais



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

de forma estruturada. Não se tratava de um caso isolado, mas da expressão de um sistema que, historicamente, não foi desenhado para contemplar a diversidade.

Ao longo desse percurso, compreendi, ainda que tardiamente, que aprender não é um processo uniforme. Sou autista, tenho TDAH e baixa visão. Minha experiência, no entanto, não é excepcional; ela dialoga com a de muitos estudantes que, por diferentes razões, encontram barreiras no modo como o ensino ainda está organizado.

É nesse ponto que as tecnologias assistivas deixam de ser um recurso complementar e passam a ocupar um lugar central. No campo educacional, elas são compreendidas como recursos, estratégias e práticas que ampliam o acesso, a participação e a permanência dos estudantes. Funcionam como mediações, no sentido proposto por Lev Vygotsky, ao interligar o sujeito ao conhecimento por meio de instrumentos que reorganizam a forma de aprender.

A presente mediação não é abstrata: ela se materializa em práticas concretas. Para estudantes com deficiência visual, leitores de tela, ampliação digital, contrastes adequados e organização textual acessível não apenas facilitam a leitura, mas a tornam possível. Para pessoas com deficiência auditiva, legendas, transcrições e o uso articulado de diferentes linguagens ampliam o alcance da informação. No caso de estudantes com deficiência física, recursos de acessibilidade motora, como softwares de comando por voz ou dispositivos adaptados, garantem interação efetiva com as atividades propostas.

Há, ainda, estratégias fundamentais para estudantes que demandam suporte na organização cognitiva e na regulação da atenção: a divisão de tarefas em etapas, o uso de agendas visuais, o estabelecimento de rotinas claras e a redução de estímulos dispersores. Essas práticas não simplificam o ensino; tornam-no estruturado e previsível. Por isso, tornam-no mais acessível. Impactam diretamente funções como planejamento, memória de trabalho e sustentação da atenção.

O ponto central é que esses recursos não atuam de forma isolada; incidem sobre diferentes dimensões da aprendizagem, como percepção,



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

linguagem, cognição e autorregulação. Ao fazê-lo, evidenciam um princípio básico que a escola ainda resiste em assumir plenamente: não existe uma única forma de aprender. Assim como não deveria existir uma única forma de ensinar.

A perspectiva se articula com o Desenho Universal para a Aprendizagem, desenvolvido por David H. Rose e Anne Meyer, que propõe a construção de práticas pedagógicas flexíveis desde sua origem. Em vez de adaptar posteriormente, planeja-se considerando a variabilidade dos estudantes; em vez de responder à dificuldade, antecipa-se a diversidade.

Isso implica oferecer múltiplas formas de acesso ao conteúdo, diferentes possibilidades de expressão do conhecimento e estratégias variadas de engajamento. Implica, também, reconhecer que o ritmo de aprendizagem não é uniforme. E que flexibilidade não compromete a qualidade do ensino, mas a fortalece.

Essa é a inovação de que se fala: Não se trata apenas de incorporar tecnologias. Trata-se de transformar a lógica que sustenta o ensino. Trata-se de deslocar o foco do ajuste individual para a responsabilidade coletiva e de reconhecer que

muitas dificuldades atribuídas aos estudantes são, na verdade, produzidas pelas barreiras do próprio sistema educacional.

Ao visitar minha trajetória, especialmente após um diagnóstico tardio aos 28 anos, hoje compreendo com mais clareza que muitas das dificuldades que enfrentei não eram isoladas; elas revelavam um modelo educacional pouco preparado para lidar com a diversidade em sua complexidade.

Tal compreensão ultrapassa a experiência individual. Ela aponta para a urgência de práticas pedagógicas que não dependam do diagnóstico formal para garantir acesso, participação e permanência. Pesquisas na área da educação inclusiva já demonstram que ambientes acessíveis favorecem o desenvolvimento acadêmico, a autonomia e o engajamento de todos os estudantes. Ainda assim, permanece uma distância significativa entre o que se conhece e o que se realiza.

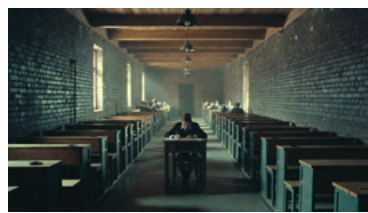
A lacuna não é apenas técnica: ela é, sobretudo, cultural. Está na permanência de práticas padronizadas, na formação docente insuficiente e na dificuldade de reconhecer a

diversidade como elemento estruturante do processo educativo.

Tecnologias assistivas, nesse sentido, não são soluções pontuais; são parte de um projeto educacional que compreende o acesso como direito e a diferença como condição.

Se antes a limitação era de acesso, hoje o desafio é outro: implementação com intencionalidade e compromisso. A inovação que a educação precisa não está apenas na criação de novas ferramentas, mas na capacidade de utilizá-las para construir práticas mais justas, mais acessíveis e mais coerentes com a realidade dos estudantes.

Se a escola foi construída a partir de uma ideia silenciosa de normalidade, é preciso, agora, reconstruí-la a partir de um princípio explícito de diversidade. Aprender não deve ser condicionado à adaptação solitária a um modelo único. Deve ser garantido, desde o início, como possibilidade real para todos.



Foi nesse cenário que iniciei minha trajetória escolar, ainda nos anos 2000, quando o acesso a tecnologias assistivas no Brasil, especialmente no ensino público, era bastante limitado. Mesmo anos depois, já no ensino superior, concluído em 2021, esses recursos seguiram ausentes

Participe do Edital da Revista The Bard

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

39ª
EDIÇÃO

Revista
The Bard
Poesia, arte e música

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Setembro e Outubro aberto até dia 31/07/2026.

EDUCAÇÃO

Olhos nas telas e estantes emboloradas? O futuro das bibliotecas na era digital



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profrenatamunhoz

Desde a Antiguidade, as bibliotecas simbolizam o desejo humano de preservar o conhecimento. A Biblioteca de Alexandria tornou-se um dos maiores exemplos desse esforço ao reunir obras filosóficas, científicas e literárias do mundo antigo. Mesmo após sua destruição, a ideia de biblioteca permaneceu viva ao longo dos séculos. Mosteiros medievais copiavam manuscritos, com muito afino de seus monges, para impedir a perda de textos clássicos; universidades criaram grandes acervos e, após a invenção da imprensa, os livros passaram a circular em escala muito maior. A atual proposta do Google, de arrolar e indexar tudo o que a humanidade sabe, remonta ao sonho dos enciclopedistas no século XVIII. Em todos esses momentos, ocorreram debates sobre a possibilidade de as novas tecnologias substituírem as formas anteriores de acesso ao conhecimento. O mesmo ocorre hoje, diante da expansão do universo digital.

Com o crescimento da internet, dos e-books e da inteligência artificial, muitos passaram a imaginar que as bibliotecas físicas desapareceriam. No entanto, a história demonstra justamente o contrário: as bibliotecas sempre se adaptaram às mudanças tecnológicas sem perder sua essência. O problema não está na tecnologia em si, mas na ideia de que o virtual seria suficiente para substituir completamente os espaços culturais e humanos ligados à leitura.

Essa angústia sempre fez parte dos meus pensamentos também. Diante disso, em uma viagem a Buenos Aires, em 2007, comprei o livro *Nadie acabará con los libros*, que li imediatamente em um café. Na obra, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière defendem que o livro físico dificilmente desaparecerá. Eco argumenta que cada nova mídia transforma as anteriores, mas não necessariamente as elimina. O cinema não acabou com o teatro, a televisão não destruiu o rádio e a fotografia não extinguiu a pintura. Da mesma forma, o ambiente digital não elimina o valor cultural, simbólico e material dos livros e das bibliotecas.

Isso porque as bibliotecas contemporâneas mostram claramente essa capacidade de reinvenção. Muitas passaram a oferecer acervos digitais, empréstimos de livros eletrônicos, acesso remoto a periódicos científicos e espaços

multimídia. Algumas também promovem oficinas tecnológicas, cursos e atividades culturais híbridas. Exemplo disso, é a biblioteca do colégio em que atualmente leciono. Criamos muitas propostas para vincular os alunos ao espaço e à prática de folhear páginas impressas. Nesse sentido, educadores como eu e as bibliotecárias Suely Pfeferman Kagan e Priscila Louro entendemos que as bibliotecas não resistem ao digital por oposição, mas por adaptação. Elas incorporam novas ferramentas sem abandonar sua função histórica de democratizar o conhecimento.

Além disso, as bibliotecas exercem um importante papel pedagógico. Em uma época marcada pelo excesso de informações e pela disseminação de notícias falsas, o acesso rápido aos conteúdos não garante compreensão crítica. Nesse contexto, bibliotecas e bibliotecários tornam-se mediadores fundamentais, ajudando leitores a selecionar fontes confiáveis, interpretar dados e desenvolver autonomia intelectual. Mais do que oferecer livros, esses espaços ensinam a pensar.

Outro aspecto essencial é o valor humano e cultural das bibliotecas físicas. O silêncio compartilhado, a experiência da leitura presencial e a convivência entre pessoas de diferentes gerações criam vínculos que o ambiente virtual dificilmente substitui. Em muitas comunidades, especialmente nas regiões socialmente

vulneráveis, as bibliotecas continuam sendo locais de acolhimento, de estudo e de inclusão social. Exemplo disso é o projeto "Canta o Conto", desenvolvido pelo Paulo Petreca por meio da música na região do Grande ABC paulista.

As bibliotecas também preservam a memória coletiva. Arquivos digitais podem desaparecer por falhas técnicas, mudanças de formatos ou obsolescência tecnológica. Já documentos físicos, manuscritos e obras raras, se bem acondicionados, permanecem como testemunhos materiais da história humana. Assim, as bibliotecas, com suas estantes, continuam protegendo patrimônios culturais indispensáveis para a identidade das sociedades.

Portanto, o futuro das bibliotecas não está em competir com o mundo digital, mas em coexistir com ele. Ao longo da história, esses espaços sobreviveram porque atendem a necessidades humanas individuais e coletivas que são permanentes: aprender, preservar memórias e compartilhar conhecimento.

Neste cotidiano cada vez mais virtual, as bibliotecas seguem como forma de resistência ao domínio social dos robôs, para não nos esquecermos de que somos nós, seres humanos, quem pensamos de maneira criativa.

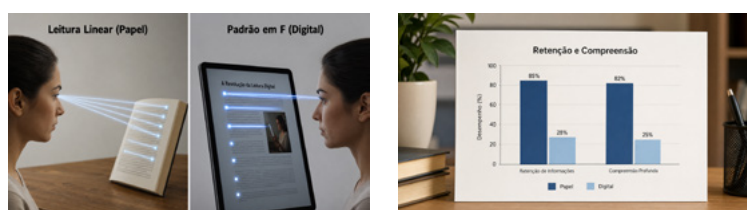
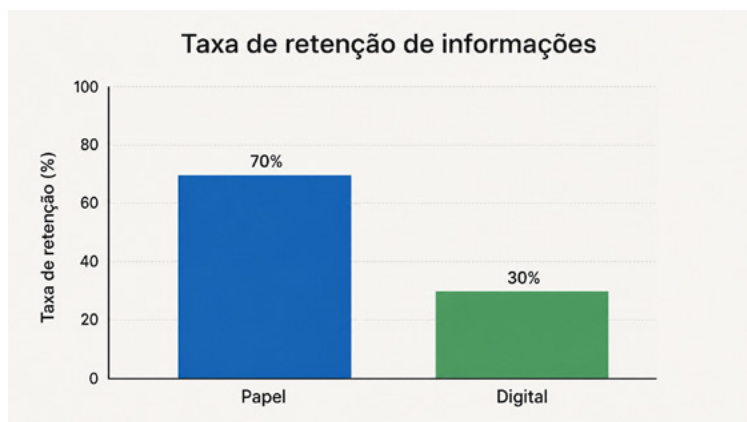


A comparação entre a Memória Espacial e o Fluxo Infinito revela como o suporte físico organiza nossa mente de forma distinta do ambiente digital:

O Livro Físico como Mapa: Ao ler um livro de papel, nosso cérebro cria um "mapa cognitivo" da informação. A materialidade, o peso das páginas, a textura e, principalmente, a posição fixa do texto (canto superior esquerdo, meio da página direita), atua como uma âncora mental. Sabemos "onde" a informação está guardada no espaço físico, o que facilita drasticamente a recuperação da memória a longo prazo.

A Desorientação do Scroll: Nas telas, o texto é fluido e instável. O movimento de deslizar (scroll) elimina as referências espaciais fixas. Sem um "início, meio e fim" palpáveis, o cérebro perde a capacidade de situar a informação em uma estrutura lógica, gerando uma sensação de desorientação. O resultado é uma leitura mais superficial, onde os dados parecem "flutuar" sem se fixar na arquitetura do conhecimento.

Enquanto o papel oferece um território sólido para a construção do saber, o fluxo digital exige um esforço cognitivo maior para manter a orientação, muitas vezes resultando em uma compreensão mais fragmentada da estrutura do texto.

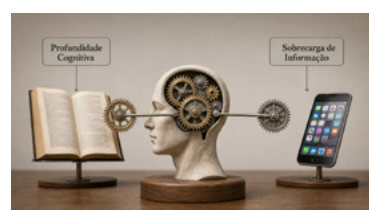


A transição da leitura analógica para a digital representa uma mudança profunda na arquitetura do pensamento humano, conforme analisado no artigo de Renata Munhoz e detalhado nas comparações estruturais entre os dois suportes. Essa evolução revela uma dualidade central entre a profundidade e a agilidade, onde a leitura em papel favorece a imersão e a linearidade, recrutando circuitos neuronais essenciais para o pensamento crítico e a empatia. Em contrapartida, o ambiente digital estimula o escaneamento rápido e o padrão de leitura em F, que, embora eficiente para buscas pragmáticas, acaba por sacrificar a reflexão profunda em favor da velocidade.

Essa diferença se estende para a geografia do conhecimento, evidenciando o contraste entre a memória espacial e o fluxo infinito. O livro físico atua como um verdadeiro mapa cognitivo, utilizando sua materialidade, peso e posição fixa do texto para oferecer âncoras mentais que consolidam a retenção das informações a longo prazo. Já o movimento de deslizar das telas, conhecido como scroll, gera uma desorientação espacial que faz a informação parecer flutuar sem referências de início, meio ou fim, dificultando a construção de uma estrutura lógica de saber. Além disso, a carga cognitiva é severamente impactada pela distração digital, pois enquanto o papel oferece um ambiente de estímulo único, as telas são saturadas de interrupções e multitarefas que fragmentam a atenção e elevam o cansaço mental.

Em última análise, o impacto da leitura na era digital não é apenas uma mudança de formato, mas uma reconfiguração da nossa capacidade analítica. O desafio moderno reside na bi-alfabetização, que é a habilidade de transitar entre a eficiência rápida das telas e a profundidade reflexiva que apenas o suporte físico e linear consegue consolidar plenamente. Compreender essa dinâmica é fundamental para preservar a capacidade de imersão e o pensamento crítico em um mundo cada vez mais dominado pela fragmentação da informação.

A leitura em papel promove a profundidade e a memória espacial através de âncoras mentais fixas, enquanto o ambiente digital prioriza a agilidade e o escaneamento rápido, muitas vezes resultando em fragmentação da atenção e desorientação cognitiva. O equilíbrio entre essas duas modalidades, chamado de bi-alfabetização, é essencial para manter o pensamento crítico na era das telas.



EDUCAÇÃO

O papel da família na formação educacional

Entre os primeiros toques e as primeiras falas, a família constrói, de forma silenciosa e carinhosa, os capítulos iniciais da educação que transforma o indivíduo ao longo de toda a vida.



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universitária-Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),

@fontenellemagna

A família é o núcleo do desenvolvimento humano, onde sentimentos, valores e princípios se encontram e ajudam a formar a pessoa como um todo. É nela que se aprendem as primeiras lições de convivência, respeito e responsabilidade. Como lembra Jean-Jacques Rousseau, a família é a mais antiga de todas as sociedades e a única natural.

Quando a criança convive com a família, ela começa a compreender noções de poder, autoridade e hierarquia, que aparecem nas rotinas do dia a dia, contribuindo para a organização do pensamento crítico e no entendimento das diferenças entre deveres e obrigações. Ao mesmo tempo, ela aprende a seguir regras, a se adaptar a diferentes situações e a lidar com as demandas que surgem ao longo da vida.

Nesse processo, Médiçi (1961) afirma: todo o progresso psicológico acontece, até então, por meio das relações com o outro, principalmente com os pais. No início, a criança se funde com as pessoas que a cercam: ela se identifica com elas e é marcada pela presença dessas referências.

Esse convívio também ajuda a desenvolver várias habilidades, como aprender a falar, organizar as ideias e colocá-las em ordem. Aos poucos, a criança passa a reconhecer o que pode ou não fazer conforme as normas da família, a se ajustar a contextos diferentes, a ser mais flexível e a aprender a negociar.

Dessa forma, a família tem um papel importante nas formas de representar o mundo exterior. É por meio dela que o sujeito se insere nesse mundo e começa a compreender o conjunto de determinações do cotidiano um processo que permite vivenciar o universal de maneira particular e, assim, ir se constituindo.

Mais do que acompanhar tarefas escolares, a família exerce um papel essencial na formação integral do indivíduo. Ela atua como ponte entre o conhecimento formal e a experiência de vida, despertando a curiosidade, incentivando o pensamento crítico e fortalecendo a autoestima. Quando existem diálogo, acolhimento e incentivo, o aprendizado deixa de ser apenas obrigação e se transforma em descoberta.

Nesse sentido, Paulo Freire destaca: a educação não muda o mundo; a educação muda as pessoas. E, justamente por as pessoas transformarem o mundo, a educação se torna tão importante para construir uma sociedade mais humana e ética.

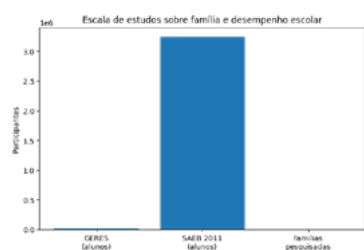
Valores funcionam como um guia firme e confiável quando são mantidos com consistência. Eles sustentam escolhas e ajudam a formar o caráter. Como disse Aristóteles, somos o que fazemos repetidamente; a excelência não é um ato, mas um hábito. Assim, o desenvolvimento ético é um hábito, não um momento isolado. Por isso, o desenvolvimento do caráter ético é fundamental para que as pessoas ajam com justiça, respeito e responsabilidade.

A responsabilidade, por sua vez, é uma expressão madura desse amor e desse cuidado pelos outros e pela comunidade. Immanuel Kant ensinou: aja de tal maneira que você possa desejar que o princípio da sua ação se torne uma lei universal. A ética é, portanto, o ponto de partida do comportamento humano. E é a família, junto com a educação e os valores, que forma a pessoa humana, que, orientada com sabedoria e vontade, pode contribuir para transformar a sociedade em que vive.

A família é o primeiro mundo social do indivíduo, onde se moldam as bases da identidade e da convivência. (Talcott Parsons)



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS



MASCOTE PERSONALIZADO R\$100



EDUCAÇÃO

A educação como caminho de liberdade, inclusão e debate pedagógico



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

EDUCAÇÃO

"A educação, mais que instrumento de mobilidade social, é apresentada como ato de libertação que amplia a capacidade de compreender o mundo, participar coletivamente e decidir com autonomia."



Em tempos marcados por desigualdades persistentes e desafios sociais complexos, a educação continua sendo um dos temas centrais do debate público. Ela costuma ser vista, ao mesmo tempo, como instrumento de mobilidade social, formação cidadã e desenvolvimento humano. Também é frequentemente associada à liberdade, no sentido de ampliar a capacidade de cada pessoa compreender o mundo, participar da vida coletiva e tomar decisões com mais autonomia.

Dentro dessa discussão, o pensamento de Paulo Freire ocupa um lugar importante e amplamente reconhecido no Brasil e em outros países. Sua obra influenciou gerações de educadores ao defender uma pedagogia baseada no diálogo, na escuta e na valorização da experiência do aluno. Em livros como Pedagogia do Oprimido, Freire propôs que ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve também a leitura crítica da realidade. Para seus defensores, essa abordagem fortalece a consciência cidadã e aproxima a escola da vida concreta dos estudantes.

Ao mesmo tempo, é importante observar que a metodologia freireana também é alvo de debates. Parte dos educadores considera que sua aplicação exige muito do contexto escolar, da formação docente e da realidade social em que é inserida. Há quem veja na ênfase política de sua obra uma contribuição indispensável para a formação crítica; há também quem considere que, em certos ambientes, essa abordagem pode ser interpretada de forma excessivamente ideológica ou insuficiente para responder a necessidades mais básicas, como alfabetização, disciplina pedagógica e aprendizagem sistemática. Ou seja, trata-se de uma referência central, mas não de um consenso absoluto.

A discussão, portanto, não está apenas em saber se a educação transforma, mas em como ela transforma. Sistemas educacionais com recursos limitados, currículos pouco conectados à realidade dos alunos e desigualdade de acesso continuam sendo obstáculos concretos. Em muitas regiões, a escola ainda enfrenta problemas estruturais que vão desde a falta de infraestrutura até a evasão escolar. Nesses casos, a capacidade de a educação produzir mudanças sociais depende de fatores que vão além da teoria pedagógica adotada.

Outro ponto relevante é o papel do professor. Independentemente da linha pedagógica, o educador segue sendo uma figura decisiva no processo de aprendizagem. Em algumas correntes, ele é visto como mediador do conhecimento; em outras, como transmissor de conteúdos organizados de forma progressiva e objetiva. Na prática, muitas escolas combinam elementos dessas diferentes visões. Isso mostra que o campo educacional é plural e que propostas distintas podem coexistir, desde que tenham como foco o aprendizado real dos estudantes.

Nas comunidades mais vulneráveis, a escola pode representar um espaço de proteção, convivência e abertura de horizontes. Para muitos alunos, ela é o primeiro lugar em que a palavra circula com mais liberdade, em que opiniões são ouvidas e em que o conhecimento aparece como ferramenta de construção de futuro. Ao mesmo tempo, essa promessa só se concretiza quando a instituição consegue oferecer condições mínimas de qualidade, estabilidade e acolhimento.

A educação também tem uma dimensão social mais ampla. Ela pode contribuir para reduzir desigualdades, fortalecer identidades e ampliar a participação na vida pública. Um país com ensino de qualidade tende a formar cidadãos mais preparados para interpretar informações,

dialogar com diferenças e participar de decisões coletivas. Nesse sentido, há amplo consenso de que investir em educação é estratégico. O debate começa, porém, quando se discute quais métodos são mais eficazes para atingir esse objetivo.

Por isso, em vez de tratar a educação como uma verdade única ou uma solução automática, talvez seja mais produtivo entendê-la como um campo de disputas e possibilidades. Há quem destaque a importância da consciência crítica; há quem priorize a alfabetização estruturada; há quem defenda o ensino por competências; há quem valorize a tradição disciplinar. Nenhuma dessas abordagens resolve sozinha os problemas educacionais. O que parece mais consistente é a combinação de princípios: boa formação docente, currículo claro, respeito à diversidade dos alunos, avaliação séria e compromisso com resultados concretos.

Nesse cenário, o pensamento de Paulo Freire permanece relevante justamente por provocar reflexão. Mesmo entre críticos de sua metodologia, sua influência é inegável. Ele ajudou a colocar no centro do debate a relação entre educação, poder e sociedade. Ao mesmo tempo, a escola do século vinte e um enfrenta desafios novos, que exigem adaptações, evidências e diálogo entre diferentes correntes pedagógicas. Defender a

educação como instrumento de liberdade não significa ignorar suas limitações práticas nem transformar uma teoria em dogma.

A força da educação talvez esteja exatamente nessa capacidade de reunir diferentes dimensões: conhecimento, disciplina, pensamento crítico, convivência, trabalho e cidadania. Mais do que preparar para o mercado, ela prepara para a vida em sociedade. Mais do que transmitir informações, ela pode formar a capacidade de compreender, argumentar e construir. Mas isso depende de escolhas pedagógicas responsáveis, de políticas públicas consistentes e de abertura para o debate.

Em última instância, a educação continua sendo um tema que merece menos slogans e mais seriedade. Ela pode, sim, ampliar liberdades e transformar trajetórias individuais e coletivas. Mas seu impacto real depende de método, contexto e compromisso. Reconhecer a importância de Paulo Freire, sem deixar de lado as críticas e os contrapontos, é uma forma de tratar o assunto com equilíbrio. E talvez seja justamente esse equilíbrio que mais falta ao debate educacional: respeito pelas ideias, atenção aos resultados e espaço para que diferentes visões contribuam para um objetivo comum, que é ensinar melhor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

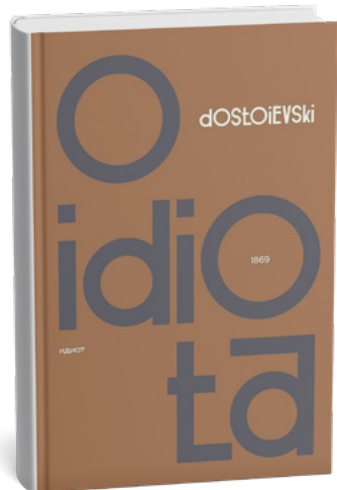
Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"



FAZER DOWNLOAD

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-roda de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

CURIOSIDADES

Por que apertamos as mãos? A origem do Cumprimento mais Comum do Mundo.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Entre versões conflitantes e análises minuciosas, um aperto de mão ganha proporções que ultrapassam o simples cumprimento e se tornam parte de uma narrativa maior.

Hieróglifos foram descobertos em templos egípcios, indicando que um deus estendeu sua mão a um humano para algum poder concedido, ou como uma abordagem para receber as bênçãos dos deuses.

Existem diferentes explicações, afirmando que o aperto de mão começou já nos tempos antigos. Para estes, o aperto de mão era uma forma de indicar a outros homo sapiens que não estavam carregando armas e visavam estabelecer uma relação pacífica entre si.

Historiadores dizem que a versão mais popular explicaria até por que as mulheres não costumam apertar as mãos para se cumprimentar: apenas os homens eram os que tinham braços para enfrentar predadores e as pessoas que consideravam perigosas.

Há outro lado que remonta a um período muito mais recente: a Idade Média. Uma das primeiras coisas que os cavaleiros faziam antes dos duelos era mostrar que não tinham armas escondidas, apenas o que seguravam nas mãos. Mas isso deixaria os competidores um tanto expostos e permitiria que a vítima atacasse seu oponente. Consequentemente, o gesto foi substituído por apertos de mão.

A maioria dos estudos sugere que o aperto de mão foi compartilhado pela primeira vez em civilizações antigas, como os gregos e romanos.

Os gregos até inventaram uma palavra para isso. *Dexiosis* (do grego *δεξιωσις*, que significa "cumprimento" em grego) é o ato de estender a mão direita para cumprimentar.

O aperto de mão pode ser considerado um sinal de concordância mútua, gentileza e paz. Desde a Grécia clássica, este fazia parte do nosso ritual de saudação.

O mais interessante é que, mesmo com as mudanças culturais, esse ato ainda é um dos nossos rituais sociais mais universais. Isso é exatamente o que antropólogos e historiadores enfatizam quando estudam esse ritual social. Alguns leem o aperto de mão como um microritual de "troca simbólica": um contato rápido que demonstra que ambos concordam com o clima de confiança compartilhada, mesmo que apenas por um curto período.

Historicamente, o aperto de mão é um gesto encontrado em muitas sociedades.

- Os romanos empregavam o gesto para finalizar contratos políticos e militares.

- Os povos germânicos o adotaram como um sinal de honra pelos guerreiros.

- Comerciantes medievais já o utilizavam para fechar negócios antes de contratos formais. Para todas as diferentes orientações culturais que impactam comportamentos e práticas sociais em todo o mundo, o gesto básico de um aperto de mão manteve, ao longo dos séculos, um significado surpreendentemente duradouro: sinal de acordo, de respeito, de respeito que permite que o outro seja tratado como parceiro.

A Linguagem Invisível do Aperto de Mão.

Com pequenos gestos, podemos expressar algo que mil palavras teriam dificuldade o aperto de mão é cheio de significado. Por meio dele, podemos avaliar preliminarmente a pessoa que nos recebe. A melhor maneira de iniciar um relacionamento, por mais simples que pareça, é transformar um aperto de mão em um verdadeiro símbolo de companheirismo entre duas pessoas.

Vale lembrar que, como a reverência japonesa diz muito por meio de sua sutileza ângulo da cabeça, posição das mãos, alinhamento do olhar, tudo aponta para diferentes níveis de humildade,

admiração e respeito, também nosso aperto de mão ocidental transmite detalhes.

Nós, ocidentais, temos nossos apertos de mão na sociedade moderna todos os dias, até várias vezes ao dia. A linguagem invisível do aperto de mão é o instante em que duas histórias se encontram, um breve encontro entre mundos instantaneamente compreendidos sem nenhuma palavra. É a sensibilidade do aperto de mão que fala sobre o que ainda não foi dito pela voz.

Um ponto interessante feito pela escritora e pesquisadora Lígia Fascioni (2021) é que apertar as mãos é mais do que contato físico. Estimula a liberação de ocitocina: o hormônio associado à conexão social, que nos faz sentir bem-vindos e emocionalmente próximos ao outro.

A escritora mencionada ilustra esse aspecto, por exemplo: em Gana, o aperto de mão termina com um estalo de dedos; na Nigéria, o mais comum é estalar ou pressionar apenas os polegares (e quanto mais alto, melhor!); na Namíbia, o aperto de mão é precedido por aplausos; os indianos combinam o gesto com a extensão da outra mão ao coração.

O aperto de mão, por mais simples que pareça, continua sendo um dos códigos silenciosos mais poderosos da convivência

humana. Ele revela intenções, estabelece vínculos e traduz emoções que as palavras nem sempre alcançam. Compreender essa linguagem invisível é aprender a ler o outro e, sobretudo, a comunicar quem somos sem precisar dizer nada.

"Não se pode apertar mãos com os punhos fechados". (Indira Gandhi).

O aperto de mão: é quase um pacto.

Um ato que reconhece o outro e faz uma promessa silenciosa por um momento. O aperto de mão ainda serve como um símbolo tangível de que as relações humanas são baseadas em contato, confiança e paz. É mais do que um ato amigável; é um chamado silencioso para a confiança.

Mesmo entre estranhos, um toque, por menor que seja, cria uma ponte que nenhuma palavra consegue construir. Em um momento em que quase tudo é mediado por telas, o aperto de mão continua sendo um dos códigos vitais. E nos diz que nós também, com toda a tecnologia, ainda precisamos tocar para acreditar.

De fato, o aperto de mão forma um vínculo. Ele sela acordos. Ele humaniza. E talvez seja exatamente por isso que é tão indispensável cada vez mais.

"O aperto de mão, gesto aparentemente simples, carrega séculos de história, simbolismo e funções sociais. Desde os templos egípcios até as cortes medievais, ele serviu para sinalizar paz, confiança e acordos."

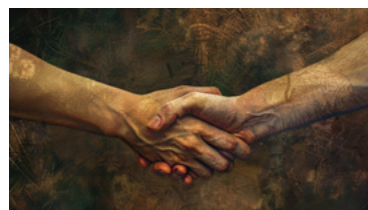


IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026"

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião).
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CURIOSIDADES

A Sinfonia da Alma: como ordens religiosas desvendam o poder curativo do som muito antes da ciência

CURIOSIDADES

- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026"

POR
The Bard News, Redação

“Hoje a neurociência confirma que essas práticas influenciam o sistema nervoso autônomo, reduzem o estresse e fortalecem laços sociais.”



Durante séculos, a religião tratou o som como ponte entre o corpo e o invisível. Em mosteiros, abadias, templos e retiros espirituais, cânticos repetidos, mantras, salmódias e coros não serviam apenas para ornamentar a fé. Eles organizavam o tempo, disciplinavam a respiração, unificavam a comunidade e, muitas vezes, produziam uma experiência subjetiva de calma, concentração e transcendência. Hoje, com a neurociência e a psicologia do estresse avançando sobre temas antes reservados à espiritualidade, cresce o interesse por uma pergunta antiga: haveria, por trás do silêncio sagrado e da repetição sonora, um efeito real sobre o corpo e a mente?

A resposta mais honesta é que sim, mas com nuances. A ciência contemporânea já reconhece que determinadas práticas sonoras podem influenciar a respiração, a frequência cardíaca, a atenção, o nível de estresse e até marcadores fisiológicos ligados ao bem-estar. Isso não significa que cânticos e frequências tenham poderes milagrosos nem que curas instantâneas possam ser atribuídas ao som. Significa, porém, que as tradições religiosas podem ter intuitivamente descoberto um mecanismo poderoso muito antes de a linguagem científica existir para descrevê-lo.

Em várias culturas, o som sempre foi mais do que arte. No cristianismo medieval, especialmente nas ordens monásticas, o canto gregoriano ganhou status de disciplina espiritual. Suas linhas longas, cadência livre e ausência de virtuosismo instrumental criavam uma atmosfera de reco-

limento. Em vez de excitar, o canto parecia acalmar. Em vez de impor velocidade, induzia lentidão. A repetição, a melodia monofônica e o ambiente acústico das igrejas de pedra ajudavam a prolongar a reverberação e a mergulhar os fiéis em uma experiência de escuta mais profunda.



Não era por acaso que arquitetos e religiosos davam tanta importância ao espaço. As grandes catedrais europeias, com arcos altos, naves extensas e superfícies duras, funcionavam como câmaras de ressonância. A voz se espalhava, retornava, pairava no ar. O efeito não era apenas estético. Em contextos de baixa iluminação, ritos demorados e pouca distração visual, o som preenchia o ambiente e ajudava a produzir estados de atenção concentrada. Para os monges, isso fazia parte da oração. Para a ciência atual, pode ser descrito como modulação da excitação fisiológica e indução de relaxamento.

Em tradições orientais, o princípio era semelhante, embora com outras linguagens. No budismo, no hinduísmo e em outras correntes contemplativas, a repetição de mantras é usada para focar a mente, reduzir dispersão e ancorar a atenção em um padrão sonoro estável. O valor do mantra não está apenas em seu significado literal. Está também na vibração produzida pela repetição rítmica, na cadência respiratória e na concentração que ela exige. Em práticas de japa, dhikar e outras formas de vocalização meditativa, o som se torna uma técnica de atenção.

Esse ponto é importante porque ajuda a separar ciência de crença. Quando praticantes falam em energia, alinhamento ou ressonância espiritual, estão descrevendo experiências vividas e sistemas simbólicos legítimos. A ciência, por sua vez, consegue medir alguns efeitos associados: menor ativação do sistema de estresse, sensação subjetiva de tranquilidade, melhora de foco e redução de ruminação mental. O que ela ainda não pode fazer, com a mesma segurança, é confirmar alegações mais amplas sobre cura de doenças complexas ou reparação de DNA por frequências específicas. Essas hipóteses circulam em ambientes de bem-estar, mas carecem de validação robusta e consistente.

Ainda assim, o campo da musicoterapia e da pesquisa em neurociência do som oferece indícios sólidos de que o corpo responde ao ambiente acústico de modo significativo. Rítmicos lentos podem favorecer a desaceleração fisiológica. Vocalizações repetidas podem sincronizar respiração e reduzir a atividade associada ao alerta. Canto coletivo pode reforçar vínculos sociais e diminuir a sensação de isolamento. Mesmo a experiência de ouvir música de modo contemplativo já foi associada, em diferentes estudos, à redução de ansiedade e à melhora do humor em alguns contextos clínicos.

Há também uma dimensão neurológica menos visível, mas igualmente relevante. Práticas sonoras repetitivas podem ajudar a interromper a ruminação, aquele ciclo mental de pensamentos repetidos que costuma acompanhar ansiedade, estresse e sofrimento emocional. Quando a mente se ocupa de um padrão sonoro estável, há menos espaço para a espiral do excesso de pensamento. É uma lógica simples, mas poderosa: a repetição organizada do som ocupa o lugar do ruído interno. Por isso tantas tradições insistem na recitação, no canto e na escuta disciplinada.

O interesse contemporâneo por esses efeitos levou o tema para além dos claustros e dos centros espirituais. Hospitais, clínicas de reabilitação e consultórios têm incorporado práticas ligadas à musicoterapia em apoio a tratamentos convencionais. Não se trata de substituir medicamentos ou terapias clínicas, mas de usar o som como ferramenta complementar. Em alguns ambientes de cuidado, música calma e rítmica ajuda pacientes a relaxar antes de procedimentos. Em outros, a participação em atividades sonoras contribui para aliviar o desconforto emocional em quadros de ansiedade, dor crônica e estresse.

Essa redescoberta moderna, porém, deve ser acompanhada de cautela. Há uma tendência crescente de transformar qualquer prática sonora em promessa terapêutica universal. Isso é um erro. Nem todo som cura, nem toda frequência faz o que a publicidade promete. A popularização de conceitos como frequências “mágicas” e tons capazes de “harmonizar células” costuma misturar ciência real com linguagem mística de consumo rápido. Em vez de rejeitar o tema, o jornalismo responsável deve separar o que é observado experimentalmente do que pertence ao campo da crença ou do marketing.

Mesmo assim, o fascínio persiste porque a experiência humana do som é profunda. Ao contrário de outras formas de estímulo, o som atravessa o corpo. Ele não é apenas ouvido, é

sentido. Vibra no peito, altera a percepção de espaço, modifica o ritmo da respiração e molda a atenção. Quem já participou de um coro, assistiu a uma liturgia cantada ou permaneceu em silêncio dentro de uma igreja com boa acústica sabe que o som pode produzir efeitos difíceis de reduzir a números. O que as ordens religiosas compreenderam, talvez sem fórmulas laboratoriais, foi que a repetição sonora organizada é capaz de criar um ambiente interno e externo de recolhimento.

A arquitetura reforçou esse efeito. Mosteiros e templos não eram apenas cenários da prática sonora, mas instrumentos dela. Corredores longos, abóbadas, pedras frias e espaços vazios aumentavam a reverberação e davam à voz uma espécie de prolongamento sagrado. Em vez de competir com o som, o ambiente o amplificava. Isso criava uma experiência sensorial total, na qual o praticante não apenas ouvia, mas era envolvido pelo som. É uma tecnologia antiga, simples e sofisticada ao mesmo tempo.

Há, inclusive, uma dimensão social nesse uso. O som compartilhado organiza o grupo. Quando uma comunidade canta junto, respira junto e repete a mesma sequência de palavras, produz uma forma de sincronização coletiva. Essa sincronização pode reforçar pertencimento, disciplina e confiança mútua. Em tempos de fragmentação social, não é surpreendente que muitos busquem novamente essas práticas, ainda que em versões laicizadas, como corais, meditação guiada e sessões de escuta terapêutica.

O desafio contemporâneo é não transformar esse legado em superstição nem desprez-lo como mera curiosidade folclórica. As ordens religiosas podem não ter falado em neurotransmissores, sistema nervoso autônomo ou variabilidade da frequência cardíaca, mas observaram efeitos que hoje começam a ser descritos com precisão científica. Em vez de opor fé e ciência, talvez o mais correto seja reconhecer que a fé

preservou, por séculos, uma prática cuja racionalidade só agora começa a ser compreendida em outra linguagem.

Isso não significa que o som substitua tratamento médico, psicoterapia ou mudanças concretas de vida. Significa que ele pode ser um aliado real, sobretudo quando integrado a práticas mais amplas de cuidado. O canto, o mantra, o coral, o silêncio entre as notas e a atenção à respiração podem compor uma ecologia de bem-estar que atue sobre estresse, foco e sensação de presença. O valor disso é enorme, especialmente em um mundo marcado por excesso de estímulo, pressa e dispersão.

No fundo, a história do som sagrado é a história de uma intuição humana persistente: a de que vibração, repetição e escuta podem reorganizar não apenas o ambiente, mas o próprio estado interior. Talvez seja por isso que essas práticas sobreviveram a impérios, reformas religiosas, revoluções tecnológicas e ceticismos de toda ordem. Elas tocam em algo elementar. Antes de ser linguagem de fé, o som é linguagem do corpo. Antes de ser doutrina, é ritmo. Antes de ser explicação, é experiência.

E é justamente essa experiência que explica sua permanência. Em tempos em que a ciência reconhece cada vez mais a relação entre atenção, respiração, emoção e fisiologia, o legado sonoro das tradições religiosas deixa de parecer um enigma místico e passa a ser visto como uma herança sofisticada de cuidado humano. Nem milagre, nem ilusão. Apenas uma forma antiga e surpreendentemente atual de lembrar que ouvir, em certos contextos, também é uma maneira de curar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

COMPORTAMENTO

A História dos Provérbios: Pequenas Sentenças, Grandes Valores



Por Alexandre Câmara
COLUNISTA

Alexandre Câmara é doutorando em Ciência da Informação pela UFPB, onde pesquisa cultura visual e xilogravura popular nordestina na perspectiva da Representação da Informação. Mestre em Comunicação Social e bacharel em Design, escreve a partir das relações entre arte, imagem, memória, linguagem e cultura popular.

@camara1004



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026"

"Os provérbios são fórmulas curtas que condensam gerações de experiência, moral e humor."

Quem a si mesmo se louva, se destouva	A pressa é inimiga da perfeição	Mais vale prevenir que remediar	Apeirão caça remediar
A quitação faz a força	Q união faz a força	A esperança é a última que morre	Quem não risca não marca
Quem não tem cão caça com gato	A palavra é de prata, o silêncio é de ouro	Quem não tem cão com gato	A prática leva à perfeição
			A paciência é amarga, mas o seu fruto é doce

A voz do povo é a voz de Deus." O velho ditado popular reivindica para si autoridade, certeza e a força do conhecimento coletivo. De boca em boca, os provérbios atravessam gerações e surgem não apenas como verdades incômodas ou tiradas bem-humoradas, mas também como palavras de alento, fé e esperança. São pequenas sentenças que parecem chegar sempre na hora exata: resumem uma situação, oferecem um conselho, lançam uma advertência ou devolvem ao mundo uma ironia que, muitas vezes, nenhum discurso longo alcançaria com a mesma precisão.

Certamente você já ouviu alguma dessas pílulas de sabedoria aplicadas no momento certo por avós, pais, tios ou professoras da escola.

Minha avó, por exemplo, encerrava qualquer conversa sobre alguém que fracassou na vida com provérbios como "quem tudo quer, nada tem" ou "da pataca do miserável, o diabo tem um vintém e dez réis", enquanto contava os pontos do seu crochê.

Mas, afinal, o que é um provérbio? Em termos simples, trata-se de um enunciado breve, sonoro e relativamente estável, capaz de fazer sentido por si só. Sua força está em dizer muito com pouco: em fórmulas curtas, memoráveis e fáceis de reconhecer. Por meio delas, uma comunidade preserva conselhos, observações, advertências e modos de ver o mundo no ritmo da fala cotidiana.

A origem dos provérbios se perde no tempo. Eles brotam da vida prática, de acontecimentos históricos, mitologias, reverências religiosas e também dos campos das ciências, das letras e das artes. Filósofos e sábios da Antiguidade recorreram a eles como forma de transmitir conhecimentos e princípios morais. A palavra provérbio possui pelo menos duas acepções: pro (favor) + verbum (palavra), isto é, "a favor da palavra"; e pro (em vez de) + verbo (palavra de Deus), "palavra a serviço de Deus", o que sinaliza, segundo o professor João Ribeiro Júnior (1986), uma possível origem religiosa do termo. Já Latuf Isaias Mucci (2009) o define como uma fórmula breve e memorável na qual uma comunidade condensa experiência, conselho e visão de mundo. A ciência que se dedica ao estudo sistemático dos provérbios recebe o nome de paremiologia.

É impressionante a capacidade que os provérbios têm de atravessar o tempo. A repetição os fixa na memória, e a oralidade os dissemina. Como se ajustam a diferentes situações, também podem ser usados como recursos estratégicos de retórica, inclusive em

sentidos opostos, como acontece nos chamados contraditados. Se alguém diz "Deus ajuda quem cedo madruga", outro pode retrucar, sem perder o fôlego: "mas a pressa é inimiga da perfeição".

É bem verdade que atualizações como "cuspido e escarrado", em vez de "esculpido em Carrara", e "cor de burro quando foge", em vez de "corro de burro quando foge", podem alterar o sentido original da fórmula. Ainda assim, essas deformações mostram que o provérbio não desaparece: ele continua circulando, sendo ouvido, repetido e recriado, mesmo quando a memória coletiva já não conserva com precisão sua forma primeira.

A importância dos provérbios foi tão grande que eles chegaram a integrar materiais de alfabetização. Nas antigas cartas de ABC, como as de Laudelino Rocha e de Antônio Maria Marker, publicadas no Brasil por volta de 1924, respectivamente no Nordeste e no Sul, essas fórmulas apareciam como parte do conteúdo didático. Sua função, além de ensinar a ler, era também difundir valores morais.

Mais do que sobreviver ao tempo, os provérbios se mantêm porque carregam uma autoridade peculiar: a de um saber que parece já ter sido testado pela vida. Sua força não está em provar tudo racionalmente, mas em soar familiar, reconhecível e socialmente validado. Por isso, entram na conversa com facilidade, às vezes para abrir um assunto, às vezes para encerrá-lo de vez.

Se sua confiabilidade se apoia na experiência e nos conhecimentos socialmente partilhados, sua eficácia também depende de uma estrutura verbal precisa. Um bom provérbio costuma ser simples, direto e construído com palavras, personagens e situações facilmente reconhecíveis. Ele precisa funcionar por si só, sem depender de grandes explicações. É como uma boa piada: perde força quando precisa ser explicada.

Outro ponto interessante é a sonoridade. Cadência, repetição de sílabas e até de palavras inteiras ajudam na memorização e no reconhecimento. Provérbios como "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", "quem conta um conto, aumenta-lhe um ponto", "ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão" e "amigos, amigos, negócios à parte" são bons exemplos. Seu cérebro completou algum deles antes do fim da leitura? Aposto que sim.

A lógica dos provérbios, na maioria das vezes, se apoia na relação entre ação e consequência. Em muitos casos, parte-se do princípio de que determinadas atitudes tendem a produzir certos resultados, convidando à reflexão e orientando a conduta. Ao se apresentarem como uma espécie de regra geral sobre o funcionamento da vida, eles não se colocam necessariamente como verdades absolutas, mas como generalizações construídas pela experiência. O contraste entre opostos também aparece com frequência como forma de reforçar escolhas e valores, como em "antes só do que mal acompanhado", "o pior cego é aquele que não quer ver" ou "um dia da caça, outro do caçador".

Há ainda uma lógica de base religiosa muito evidente no livro bíblico de Provérbios. Nele, a sabedoria não depende apenas da experiência prática, mas se ancora na ideia de que "o temor do Senhor" é o seu princípio. Em outras palavras, compreender a vida de forma correta exigiria, antes de tudo, uma postura de reverência, respeito e reconhecimento da autoridade divina. Nesse caso, a sabedoria não aparece apenas como prudência cotidiana, mas como uma orientação de conduta fundada em uma base espiritual.

Embora tenham uma forma consagrada, os provérbios também vivem de reinvenções. No uso cotidiano, na publicidade, no jornalismo e nas redes sociais, eles podem ser parodiados,

distorcidos ou reformulados para produzir humor, crítica ou surpresa. Quando alguém altera um dito conhecido, o efeito costuma nascer justamente do reconhecimento da forma original. É essa tensão entre tradição e desvio que mostra como o provérbio, mesmo tão marcado pela repetição, continua sendo uma linguagem viva.

Nascidos na oralidade, os provérbios encontraram no ambiente digital novas rotas para sua circulação. Hoje, fórmulas breves, reconhecíveis e facilmente replicáveis encontram em mensagens de WhatsApp, memes, legendas, vídeos curtos e bordões um terreno fértil para se desenvolverem com velocidade. O suporte mudou, a lógica permanece: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e ganhar força no reconhecimento coletivo.

Porém, nem todo meme é um provérbio, embora muitas formas atuais de expressão encontrem um lugar próximo a ele. Frases virais, bordões e reformulações irônicas condensam experiências, comentam comportamentos e funcionam como respostas prontas para situações do cotidiano; não raro, transformam excessos, contradições ou deslizes em pequenas cenas de justiça simbólica. Se antes o provérbio era transmitido como herança, hoje muitas dessas fórmulas circulam como tendência. Ainda assim, continuam respondendo à mesma necessidade humana de resumir o mundo em poucas palavras.

Talvez seja justamente por isso que os provérbios continuam tão vivos: porque não pertencem apenas à língua, mas à experiência compartilhada. Eles reaparecem na voz de quem aconselha, adverte, consola ou ironiza; atravessam cozinhas, quintais, salas de aula, feiras, conversas de família e, agora, também as telas iluminadas do cotidiano. Mudam de suporte, de ritmo e até de roupa, mas preservam sua vocação essencial: dizer muito com pouco, fixar-se pela repetição e devolver ao mundo, em forma breve, uma verdade, um riso, um alerta ou uma pequena justiça. Mais do que fórmulas antigas, os provérbios são sinais de uma inteligência coletiva que não se apaga, apenas encontra novas maneiras de circular.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



COMPORTAMENTO

Pequenos Atos de Bondade Que Transformam Comunidades



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: "A história da exclusão das Pessoas com deficiência"; "Memórias de Estágio"; "Problematizando a inclusão do estudante surdo".

@sandraassantiago

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site



No contexto atual, o que significam Atos de Bondade? Para alguns, uma bobagem, total perda de tempo, ilusão de alguns tolos; para outros, soluções simples que potencializam as mudanças que a maioria da sociedade pós-moderna deseja e busca. Para os sonhadores, pode se dizer que são como pequeninas sementes plantadas em terrenos férteis, capazes de transformar comunidades, sociedades, mundos, em lugares melhores para todos.

Nessa perspectiva, pequenos atos de bondade são poderosos agentes transformadores da realidade, pois, resgatam a humanidade dos seres e lhes convidam à comunhão, à solidariedade, à inclusão. Certamente, dito desta forma, parece que os atos de bondade são parte – exclusivamente – dos discursos religiosos, mas, não é bem assim. Vos convido a pensar um pouco mais a respeito.

Em todo o pensamento filosófico, o elemento central é a busca por compreender a existência humana, o mundo e a natureza das coisas. Em sua origem ontológica, é "amor à sabedoria" e a

necessidade de conhecer para discernir, escolher, fazer melhor, aprimorar o espírito humano. Parece estar na essência humana, a busca por um ideal de bem que o faça ser feliz, ainda que o sentido do que seja esse bem em si possa ser diferente a depender do olhar de cada um.

Para Aristóteles, assim como para Kant, o bem é o fim supremo da humanidade e dele deriva a felicidade, pois é guiada pela boa vontade em assim viver para si e para a coletividade. De modo análogo, para Sêneca, o bem é algo interior ao ser humano, mas, com expressão prática, se pauta no desenvolvimento das virtudes, portanto, pode ser visível na conduta humana. De modo geral, se percebe que, embora, tenham vivido em contextos diferentes, para Aristóteles, Sêneca e Kant, a razão é a faculdade humana fundamental para alcançar o bem.

Nessa direção, nos acochamos à concepção desses filósofos para defender que, são os Pequenos Atos de Bondade, possíveis de serem realizados por qualquer indivíduo, que levam à transformação da realidade e, certamente, à felicidade. No passado assim como hoje, sempre se buscou uma sociedade onde fosse possível viver no bem, onde se encontre a razão de existir e se alcance a felicidade. Fora disso, qualquer vida humana, quando refletida se torna vazia.

Dessa perspectiva, comportamentos que se pautam na ética, no respeito e na justiça seriam potencialmente capazes de conduzir ao bem. No dia a dia pode se dizer que o exercício da empatia, da gentileza, do respeito às diferenças, da colaboração e da doação (seja de recursos ou de tempo) são exemplos simples dos pequenos atos de bondade, que todos são capazes de ofertar e, ao mesmo tempo, todos podem necessitar, em algum momento de suas vidas. Portanto, o bem não está posto como ideia inalcançável, nem privilégio de alguns; é uma construção individual e coletiva. Quem não se sente bem ao ser cumprimentado, tratado com amabilidade, com carinho e respeito? Quem não fica feliz ao ser ajudado, quando necessita?

Com tal compreensão, se percebe que num mundo profundamente perturbado pelas desigualdades e injustiças, misérias e conflitos, os pequenos atos de bondade são necessários para a recuperação da esperança na humanidade e, portanto, nas instituições que organizam a vida social. Quando a humanidade está adormecida nas pessoas, ela precisa ser despertada, pois, do contrário, não há sonhar com um mundo melhor, com justiça, equidade, inclusão.

Sem negar as tramas sociais e os desafios de um mundo capitalista exacerbado e violento, qualquer sistema se realiza nas relações entre as pessoas, logo, está nelas o germe da indignação, do inconformismo, mas, sobretudo, o da produção de sentidos, ressignificação da vida e da transformação social. É preciso ofertar ao mundo o que se espera dele. Pessoas doentes constroem e sustentam um mundo doente, onde a destruição é o único destino possível. Sendo



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

assim, é urgente resgatar a dimensão humana em nós para que nos nossos pequenos atos de bondade reconstruamos o mundo. O bem existe no interior de cada um, por vezes, apagado pelas sombras, é verdade. Ainda assim, está lá, então, há esperança! Sonhos podem virar projetos e estes podem mobilizar pessoas e modificar a realidade. Foi assim com o Projeto Aponte.

O Projeto Aponte é uma ação social desenvolvida por um grupo formado por dez (10) voluntárias que oferecem atividades educativas para crianças pequenas (com e sem deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou transtornos de aprendizagem). As atividades se realizam de segunda a sexta-feira, no turno da manhã, no bairro das Indústrias, região periférica de João Pessoa, na Paraíba, Brasil. Nesse projeto, as pessoas são voluntárias e se dividem conforme suas disponibilidades de tempo e de habilidades.

O Projeto Aponte não tem sede própria e, atualmente, funciona num espaço cedido por uma instituição espírita – a FEA (Fraternidade Espírita Allan Kardec), com a qual se compromete em dividir as obrigações com o pagamento da energia, água, material de limpeza etc. Além disso, o projeto oferece às crianças: alimentação, material escolar, fardamento e acompanhamento nutricional, psicomotor, pedagógico e psicopedagógico. E, como o projeto não recebe nenhum tipo de ajuda financeira de instâncias públicas ou privadas, então, para se manter, criou o "Bazar Solidário", um espaço que funciona uma vez por mês, no próprio espaço da FEA.

O Bazar Solidário é uma estratégia que imprime o bem em suas múltiplas dimensões. Primeiro, porque ele recolhe itens os mais

diversos que seriam jogados no lixo, mas, que ainda estando em bom estado de conservação, podem ser aproveitados por outras pessoas por mais tempo. Para tanto, as voluntárias divulgam a ideia junto às pessoas amigas que passam a organizar suas doações mensais. Estas doações são recolhidas pelas voluntárias e levadas ao Projeto Aponte. Lá, são previamente analisadas e organizadas por categorias: adulto, infantil, masculino, feminino, cama, mesa, banho, praia, fitness etc. e vendidas a preços módicos (R\$ 0,50; 1,00 ou 2,00) tornando acessível à comunidade. E no segundo sábado de cada mês, o Bazar Solidário recebe a comunidade, para fazer suas compras. Os valores arrecadados contribuem diretamente na compra da alimentação das crianças ou material de higiene e limpeza e essas compras são feitas no próprio bairro, fazendo com que a economia circule ali mesmo, contribuindo com os pequenos comerciantes e ambulantes do bairro, inclusive, familiares das crianças atendidas.

Todos contribuem e todos usufruem da experiência de fazer o bem: quem doa, quem trabalha, quem compra. Quem doa é beneficiado, pois, encontra um destino melhor para itens que iriam para algum lixão, comprometendo o meio ambiente ou somente se acumulando em seus lares. Quem compra é beneficiado porque tem acesso a itens que não teria como adquirir numa loja. E também o Projeto Aponte se beneficia, pois, encontra os recursos para manter suas ações sociais e colabora com o aproveitamento de recursos duráveis. As crianças que recebem educação de qualidade, alimentação saudável, dignidade e atendimento as suas necessidades básicas de desenvolvimento. A comunidade do bairro das Indústrias que tem sua infância acolhida e sua economia local estimulada.

Como se pode ver, os pequenos atos de bondade não nasceram no interior de nenhuma grande multinacional, mas, da sensibilidade de algumas pessoas que se sentiram convidadas a fazer o bem. Da boa vontade emergente da alma humana (como diria Kant) de alguns, paulatinamente, se formou uma corrente positiva, onde todos são beneficiados de algum modo. Doando, divulgando, colaborando, comprando, cada um é absolutamente importante nesse movimento. Sem dúvida, é uma ação pequenina e talvez não represente muito a nível mundial. Mas, grandes ações só ocorrerão se houver esperança nas pequenas, afinal, a felicidade pode ser feita de pequenos momentos felizes.

Atos de Bondade são absolutamente necessários para nossa sobrevivência nesse planeta, bem como para a própria manutenção do planeta. Triste é reconhecer que eles são mais comuns em momentos de crise coletiva, nas tragédias ou catástrofes, geralmente, quando o desespero toma conta das pessoas, quando não adianta tão somente olhar para si. É, mais fácil nesses instantes, emergir dos seres, aquela humanidade perdida. Ai, a maioria compreende que não há "eu e o outro"; somos um todo, portanto, só existe "nós". Gestos de solidariedade, de gentileza, de compaixão são contagiosos e nos convidam a sair da indiferença e construir o BEM maior. Como dizia Raul Seixas, na música "Prelúdio", "sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só; mas, sonho que se sonha junto é realidade".

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI



COMPORTAMENTO

O Fenômeno do “Eu Compensador”: Virtudes Altruístas ou Exibição Digital?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

Basta abrir qualquer rede social por alguns minutos para encontrar alguém filmando uma entrega de cesta básica, registrando uma visita a um abrigo ou publicando um longo desabafo sobre empatia. Vivemos uma época em que a solidariedade ganhou filtros, legendas estratégicas e trilha sonora. Não basta ajudar; parece existir uma necessidade crescente de tornar a ajuda visível, compartilhável e, sobretudo, admirável.



Em meio a essa dinâmica nasce o chamado “eu compensador”, uma figura cada vez mais presente nas redes sociais e no cotidiano digital. Trata-se daquele indivíduo que transforma gestos altruístas em extensão da própria imagem pública, como se cada ato de empatia precisasse vir acompanhado de validação coletiva.

É impossível negar que a internet ampliou o alcance de campanhas sociais importantes. Muitas pessoas encontram apoio financeiro, emocional e até sobrevivência graças à mobilização online. O problema não está na exposição em si, mas no tipo de relação que começa a se formar entre a virtude e a necessidade de reconhecimento. Em muitos casos, o gesto deixa de existir pelo outro e passa a existir para a construção de uma narrativa pessoal.

Há algo profundamente contraditório nisso. A solidariedade, historicamente associada ao silêncio e à discrição, agora frequentemente se converte em conteúdo. A dor alheia vira enquadramento. O sofrimento ganha iluminação

adequada. E, em muitos casos, a boa ação parece precisar de comentários e compartilhamentos para se sustentar socialmente. Isso diz muito sobre o tempo em que estamos vivendo. É como se parte da sociedade tivesse transformado a consciência social em um grande camarim digital.



Tal comportamento não surge do nada. As redes sociais operam como máquinas de recompensa emocional. Cada curtida funciona como um pequeno selo de aprovação pública. É quase automático: quanto maior a repercussão, maior a sensação de relevância. Aos poucos, cria-se uma cultura em que parecer bom importa mais do que efetivamente produzir mudanças concretas. Não por acaso, vemos pessoas defendendo causas com enorme intensidade virtual, mas demonstrando pouca disposição para atitudes reais quando não há câmera ligada.

Existe ainda outro aspecto delicado: o “eu compensador” frequentemente utiliza a exposição do altruísmo para compensar vazios internos. Em uma sociedade marcada pelo individualismo, pela ansiedade e pela necessidade constante de aceitação, construir uma identidade baseada em virtudes visíveis se torna uma forma rápida de pertencimento. O indivíduo deixa de apenas praticar o bem; ele passa a encenar esse bem para os outros.

Isso não significa que toda ação publicada seja falsa ou interesseira. Generalizações seriam injustas. Muitas pessoas divulgam campanhas porque entendem o alcance transformador da

internet. Outras compartilham experiências solidárias para incentivar mais gente a agir. O ponto central, porém, está na intenção e no excesso. Quando a necessidade de reconhecimento se torna maior do que a própria causa defendida, o altruísmo perde profundidade e ganha aparência.

A consequência desse fenômeno é preocupante. Aos poucos, cria-se uma sociedade emocionalmente teatralizada, em que sentimentos legítimos são confundidos com performance pública. A empatia deixa de ser vivida de maneira íntima e passa a obedecer à lógica da exposição contínua. Em alguns momentos, fica a impressão de que até o sofrimento precisa de audiência para adquirir valor social.

Além disso, o “eu compensador” produz uma espécie de competição moral silenciosa. Quem ajuda mais? Quem demonstra mais consciência social? Quem aparenta ser mais sensível? A solidariedade, então, corre o risco de se transformar em capital simbólico, quase como um troféu emocional exibido em vitrines digitais.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

talvez o maior desafio contemporâneo seja recuperar o valor das ações que não precisam ser anunciadas. Em um mundo obcecado pela visibilidade, agir sem testemunhas tornou-se quase um ato de resistência. Há uma beleza ética no anonimato, no cuidado silencioso, na bondade que não exige aplausos.

No fim, o fenômeno do “eu compensador” talvez revele menos sobre bondade e mais sobre a necessidade humana de ser reconhecido. Em tempos de hiperexposição, muita gente parece ter medo de viver experiências que ninguém verá. Talvez seja por isso que atitudes silenciosas causem tanto estranhamento hoje. Fazer o bem sem transformar isso em vitrine virou quase uma raridade.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

“ Nas redes sociais, a ajuda ao próximo virou espetáculo: vídeos de doações, legendas inspiradoras e filtros que transformam a solidariedade em conteúdo para curtidas.”

Narcisismo Digital: A Vida como Espetáculo Permanente



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

A era das redes sociais mudou mais do que a forma de comunicar. Ela alterou a maneira como muita gente passa a se enxergar. Em vez de apenas viver, registrar e compartilhar, milhões de pessoas começaram a administrar a própria imagem como se estivessem sempre diante de uma plateia. Nesse cenário, o narcisismo digital não é apenas vaidade: é um modo de existência em que a identidade se confunde com a performance, e o valor pessoal passa a ser medido por curtidas, comentários e alcance.

O fenômeno tem raízes claras na arquitetura das plataformas. Redes sociais foram desenhadas para prender atenção, estimular retorno constante e premiar a exposição. Cada notificação funciona como uma pequena recompensa. Cada curtida reforça a sensação de validação. Cada compartilhamento sinaliza que a imagem construída teve efeito. Aos poucos, o usuário deixa de publicar apenas por comunicação e passa a publicar para confirmar a própria relevância.

Esse processo produz uma transformação silenciosa, mas profunda. O cotidiano deixa de ser vivido com espontaneidade e passa a ser filtrado pelo olhar alheio. A refeição precisa render foto, a viagem precisa virar postagem, o momento íntimo precisa ser convertido em conteúdo. O problema não está em registrar a vida, mas em submeter a vida inteira à lógica do registro. Quando tudo precisa ser exibido, a experiência perde densidade e se torna mercadoria emocional.

A comparação social é um dos motores mais corrosivos desse modelo. Ao navegar por perfis editados, iluminados e cuidadosamente selecionados, o usuário compara seus bastidores com os palcos alheios. Vê a dúvida, o cansaço e a frustração da própria rotina, mas observa apenas o recorte mais bonito da vida dos outros. O resultado é uma sensação crescente de insuficiência. A vida comum parece menor, menos interessante e menos digna de atenção.

Pesquisadores do comportamento já observam que esse ciclo pode intensificar sintomas de ansiedade, baixa autoestima e sofrimento emocional. Quando a validação externa se torna a principal régua de valor, a identidade fica instável. A pessoa passa a depender da resposta do público para se sentir confirmada. Se a postagem “vai bem”, há alívio. Se não engaja, surge frustração. O eu, nesse contexto, torna-se frágil e excessivamente sensível ao julgamento.

Há também um custo direto para as relações humanas. Em muitos encontros, a experiência real divide espaço com a necessidade de registrar tudo. Conversas são interrompidas por telas. Momentos afetivos são atravessados pela urgência de publicar. O presente, em vez de ser habitado, é constantemente convertido em material para consumo. Isso enfraquece a escuta, reduz a presença e empobrece vínculos que exigem tempo e atenção.

Outro efeito importante é a chamada tirania da positividade. Nas redes, tristeza, dúvida, vulnerabilidade e fracasso costumam ser escondidos ou suavizados. A imagem dominante é a da felicidade contínua, do sucesso sem esforço, da vida sem falhas. Essa pressão cria uma cultura de inautenticidade, em que emoções legítimas parecem inadequadas para circulação pública. O indivíduo aprende a editar não só fotos, mas também sentimentos.

Nesse ambiente, influenciadores digitais ocupam um papel central. Eles não apenas refletem o narcisismo digital; em muitos casos, o ampliam e o profissionalizam. Ao transformar a própria vida em produto, ajudam a consolidar o ideal de que visibilidade equivale a valor. Para as gerações mais jovens, isso pode reforçar a ideia de que existir é ser visto, e que a intimidade só ganha importância quando se transforma em conteúdo.

Mas o narcisismo digital não é apenas um problema individual. Ele também revela uma mudança cultural mais ampla. Em sociedades cada vez mais conectadas, a aparência ganhou novo peso, e a fronteira entre o íntimo e o público ficou mais porosa. A vida passou a ser narrada em tempo real, o que reduz espaço para silêncio, dúvida e elaboração. Quando tudo é imediato, a profundidade tende a perder terreno para a imagem.

O desafio, portanto, não é demonizar as redes sociais, mas recuperar algum grau de soberania sobre o próprio tempo e a própria identidade. Isso inclui limites claros de uso, curadoria consciente do que se consome, valorização de relações offline e, sobretudo, a aceitação de que o valor de uma pessoa não depende da quantidade de seguidores. A autoestima mais sólida continua sendo aquela que não precisa ser constantemente exibida.

Em última instância, o narcisismo digital revela uma contradição do nosso tempo: nunca houve tanta possibilidade de expressão, e nunca foi tão fácil confundir expressão com performance. Entre o espelho e a tela, entre o eu real e o eu editado, ainda existe espaço para autenticidade. Mas esse espaço exige decisão, disciplina e coragem para existir sem aplauso constante.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Em um mundo onde cada momento é uma potencial postagem, a vida se transformou em um espetáculo permanente, e o indivíduo, em seu próprio curador e protagonista. O narcisismo digital, impulsionado pela arquitetura das redes sociais, não é apenas uma busca por atenção; é uma reconfiguração profunda da identidade humana, onde o valor do ser é substituído pelo valor da exibição. Este artigo mergulha na tirania da comparação, na fragilidade da autoestima artificial e no custo emocional de uma performance ininterrupta. Exploraremos como a busca incessante por validação externa, a edição metódica da realidade e a pressão por uma positividade constante estão desfiando o tecido da autenticidade, deixando-nos com um “eu de vidro” que reflete mais a expectativa alheia do que a verdade interior.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/05/2026”

COMPORTAMENTO

O fim da Cortesia: A Civilização em Conflito com a Impaciência



Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews

COMPORTAMENTO

- Leia o artigo completo no Site



A cortesia, durante muito tempo tratada como detalhe de educação doméstica ou formalidade de etiqueta, hoje revela sua verdadeira função civilizatória. Ela não existe apenas para embelezar a convivência; existe para torná-la possível. Quando alguém diz "por favor", espera a vez na fila, segura a porta ou responde com calma a uma divergência, está praticando algo mais profundo do que boas maneiras. Está reconhecendo que o outro também ocupa o mundo. O que parece simples é, na verdade, um dos fundamentos invisíveis da vida em sociedade.

O problema é que esse fundamento vem sendo corroído pela cultura da impaciência. A aceleração da vida moderna, alimentada por tecnologia, hiperconectividade e pressão por produtividade, transformou a espera em intolerância e a frustração em irritabilidade permanente. A promessa era economizar tempo. O resultado, para muita gente, foi viver em estado de urgência contínua. Nesse ambiente, a cortesia passa a ser vista como perda de tempo, não como investimento na convivência.

A erosão da polidez não aconteceu de uma vez. Ela foi se impondo aos poucos, à medida que a vida cotidiana passou a ser organizada por prazos curtos, respostas imediatas e estímulos constantes. O celular vibra, a mensagem exige retorno instantâneo, o serviço não pode demorar, o trânsito precisa andar, o atendimento precisa ser rápido, a opinião precisa ser postada agora. Em pouco tempo, a civilidade começou a perder espaço para a lógica do atropelo. O outro deixou de ser presença e passou a ser obstáculo.

Esse movimento ajuda a explicar por que a grosseria se normalizou em tantos contextos. No trânsito, buzinas e gestos agressivos se tornaram parte do cenário urbano. No atendimento ao cliente, a impaciência aparece como tom de voz, impessoalidade e pouca disposição para escuta. No ambiente de trabalho, a pressão por entregas rápidas frequentemente apaga a delicadeza e reduz o colega a peça funcional. Nas redes sociais, a desinibição do anonimato facilita insultos que, no contato presencial, talvez jamais fossem ditos. Em todos esses casos, a pressa age como corrosivo silencioso da convivência.

A cortesia, no entanto, sempre foi mais do que um ornamento social. Estudos clássicos sobre civilização e etiqueta mostram que boas maneiras ajudam a regular conflitos e reduzir atritos entre desconhecidos. O sociólogo Norbert Elias, por exemplo, descreveu como os códigos de comportamento se sofisticaram ao longo da história justamente para conter impulsos imediatos e permitir a vida em coletividade. Em termos simples, a polidez funciona como uma tecnologia social de contenção. Ela cria pequenos rituais que diminuem a fricção entre pessoas diferentes e, por isso mesmo, sustenta a vida pública.

Quando esses rituais enfraquecem, a convivência perde previsibilidade. E a previsibilidade é essencial para a sensação de segurança social. Saber que o outro vai esperar sua vez, respeitar seu espaço, pedir licença e responder com alguma consideração reduz a tensão de interações banais. Sem isso, o cotidiano se torna mais hostil, mais desgastante e mais propenso a escaladas de conflito. A incivilidade não se resume ao momento do insulto. Ela mina o ambiente em que todos circulam.

A aceleração digital intensificou esse fenômeno. A comunicação instantânea acostumou as pessoas a esperar respostas no mesmo minuto, como se qualquer demora fosse desinteresse ou descaso. Aplicativos, entregas rápidas, feeds infinitos e notificações incessantes alteraram a percepção subjetiva do tempo. A espera passou a soar insuportável. A pausa, que antes fazia parte da vida, tornou-se quase uma afronta. Nesse cenário, a paciência deixou de ser uma virtude silenciosa e virou uma competência em extinção.

Essa mudança tem efeitos psicológicos importantes. A impaciência crônica aumenta a irritabilidade, reduz a tolerância à frustração e prejudica a empatia. Quando o cérebro se acostuma a respostas imediatas, qualquer interrupção é interpretada como perda. A pessoa passa a reagir ao entorno em modo defensivo, como se estivesse sempre sendo atrasada por alguém ou algo. O resultado é um estado de alerta que empobrece a vida emocional e contamina os vínculos. Pequenos contratempos ganham dimensão desproporcional. O semáforo demora, o caixa trava, a ligação cai, e a reação vem carregada de desdém ou hostilidade.

A neurociência ajuda a entender esse quadro sem simplificações excessivas. O sistema de recompensa do cérebro é sensível à expectativa de alívio ou prazer rápido. Quanto mais a vida se organiza em torno de estímulos instantâneos, mais difícil se torna sustentar a atenção em processos lentos e menos glamorosos, como ouvir, esperar, negociar e ceder. Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de reconhecer

que ela reorganiza hábitos emocionais. Quando tudo se acelera, a civilidade perde o ritmo de seus gestos discretos.

A esfera pública é uma das maiores vítimas dessa transformação. Filas, transporte coletivo, repartições, escolas, hospitais e ruas exigem uma gramática mínima de convivência. Sem respeito ao tempo do outro, esses espaços se tornam arenas de disputa constante. A grosseria, então, se espalha por contágio. Um atendimento rude provoca outro. Uma resposta atravessada convoca retaliação. Um comentário agressivo no ambiente de trabalho contamina a equipe inteira. A impaciência, em vez de ser descarga momentânea, vira clima permanente.

No mundo digital, essa dinâmica se amplifica ainda mais. A ausência de contato direto reduz a percepção das consequências emocionais da fala. Isso facilita o que muitos chamam de desinibição online. Pessoas que não seriam agressivas face a face tornam-se duras, sarcásticas ou cruéis atrás de uma tela. O custo humano dessa prática é real: desgaste emocional, polarização, desconfiança e uma atmosfera em que o desacordo deixa de ser conversa e vira ataque. O espaço público digital, que poderia ampliar o debate, frequentemente reproduz a barbárie em versão rápida.

O custo da incivilidade não é apenas moral. É também econômico e institucional. Ambientes de trabalho marcados por grosseria e desrespeito sofrem com queda de produtividade, aumento de rotatividade e piora do clima organizacional. Equipes hostis colaboram menos, erram mais e adoecem com mais frequência. Instituições públicas e privadas perdem eficiência quando o atendimento é permeado por pressa e impaciência. A grosseria não economiza tempo. Ela o desperdiça, porque cria retrabalho, desgaste e conflito.

Há ainda um custo mais profundo, menos visível, mas talvez mais grave: o enfraquecimento da confiança social. Sem cortesia, a vida em comum fica mais cara emocionalmente. As pessoas passam a se proteger mais, a colaborar

menos e a presumir má-fé com maior facilidade. Esse cenário é tóxico para qualquer sociedade que pretenda ser democrática. Democracia não é apenas voto. É também a capacidade diária de conviver com diferenças sem transformar toda divergência em hostilidade.

Por isso, resgatar a cortesia não é nostalgia de um tempo idealizado. É uma necessidade contemporânea. E esse resgate não depende de grandes solenidades, mas de gestos pequenos e consistentes. Pedir licença, agradecer, escutar sem interromper, responder sem humilhar, reconhecer o esforço alheio, aceitar a lentidão ocasional da vida. Esses atos, embora simples, produzem efeitos concretos na qualidade do convívio. São formas de desarmar o ambiente e devolver à vida pública um mínimo de previsibilidade afetiva.

A educação tem papel central nesse processo. A cortesia não é inata; ela é aprendida, observada, repetida e reforçada. Crianças que crescem em ambientes de respeito tendem a reproduzir esse padrão em outros contextos. Por isso, a escola não deveria ensinar apenas conteúdos, mas também práticas de convivência. Isso inclui escuta, empatia, responsabilidade pela fala e respeito ao espaço do outro. Em tempos de polarização, formar cidadãos sem essas competências é preparar adultos incapazes de sustentar o próprio convívio social.

As famílias também continuam essenciais, ainda que sob enorme pressão do cotidiano. Em casas tomadas pela pressa, pela exaustão e pelo celular sempre ligado, a cordialidade costuma ser a primeira vítima. O que era conversa vira comando. O que era presença vira dispersão. O que era atenção vira impaciência. Recuperar a cortesia no espaço doméstico é, muitas vezes, o primeiro passo para reconstruí-la fora de casa.

Há quem veja nessas discussões apenas romantização do passado. Mas o ponto não é defender formalismos vazios ou hierarquias sociais envelhecidas. O ponto é outro: civilidade é infraestrutura. Sem ela, a vida social endurece.

Com ela, até a diferença se torna habitável. Uma sociedade pode ser moderna, tecnológica, eficiente e ainda assim profundamente rude. O progresso material, sozinho, não produz delicadeza. No máximo, acelera procedimentos. A cortesia continua sendo obra humana, não efeito automático da modernidade.

Também seria um erro imaginar que a gentileza é fragilidade. Em muitos contextos, ela exige mais coragem do que a agressividade. Ser cortês em ambientes hostis, manter a calma diante da provocação e respeitar alguém com quem se discorda requer disciplina emocional. A polidez, nesse sentido, é uma forma de força. Ela não elimina o conflito, mas impede que ele destrua a convivência.

O desafio, então, é reaprender a desacelerar sem abandonar a eficiência. É possível ser rápido sem ser brutal, objetivo sem ser seco, firme sem ser rude. A civilização depende justamente dessa capacidade de combinar competência com consideração. Quando isso se perde, não é apenas o bom humor que desaparece. Desaparece também a confiança básica que permite a milhões de estranhos compartilharem o mesmo espaço sem se tratarem como inimigos.

O fim da cortesia não é inevitável. Mas, para evitá-lo, será preciso reconhecer que a impaciência não é sinal de superioridade nem prova de produtividade. Em muitos casos, ela é apenas um sintoma de esgotamento cultural. A boa notícia é que a cortesia ainda pode ser retomada, gesto por gesto, palavra por palavra, encontro por encontro. Talvez esse seja o verdadeiro teste de uma civilização madura: não apenas avançar tecnologicamente, mas continuar capaz de tratar o outro com dignidade, mesmo quando tudo ao redor convida à pressa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"

SAÚDE & BEM-ESTAR

O Valor do Silêncio para a Saúde Mental e Espiritual



Por **Drika Gomes**
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

📧 @drikagomes_psique

Vivemos cercados por estímulos. Sons, notificações, conversas, vídeos curtos, músicas, opiniões e uma necessidade constante de produzir respostas imediatas. O cérebro moderno raramente descansa. E talvez uma das maiores epidemias emocionais da atualidade não seja apenas a ansiedade, mas a incapacidade de permanecer em silêncio.

O silêncio não é vazio. O silêncio é reorganização. Na neurociência, sabemos que o cérebro precisa de pausas para consolidar memórias, reorganizar emoções e regular o sistema nervoso. Quando permanecemos em estado contínuo de alerta e excesso de informação, a amígdala cerebral, estrutura relacionada ao medo e à vigilância — tende a permanecer hiperativada. Isso gera tensão interna, aceleração mental, irritabilidade e dificuldade de perceber a própria vida com clareza.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

ruído encobre: emoções reprimidas, intuições, dores não elaboradas e até partes esquecidas de nós mesmos.

O explorador e escritor Silence: In the Age of Noise, de Erling Kagge, reflete exatamente sobre isso: a dificuldade contemporânea de encontrar silêncio em uma era dominada pelo excesso de estímulos e pela hiperconexão. A obra mostra que o silêncio não é apenas ausência de barulho, mas uma experiência interna de presença e consciência.

O silêncio revela. Por isso, tantas pessoas evitam ficar sozinhas consigo mesmas. O excesso de estímulo virou uma anestesia emocional socialmente aceita. Rolamos telas para não sentir. Ligamos sons para não entrar em contato com o vazio interno. Mantemos a mente ocupada porque o silêncio, muitas vezes, obriga o encontro com perguntas que foram adiadas por anos.

E, paradoxalmente, é exatamente aí que começa a cura. Não se trata de abandonar o mundo, mas de criar espaços internos de pausa. Pequenos momentos sem excesso de informação

já podem modificar estados mentais. Caminhar sem celular, respirar em silêncio por alguns minutos, observar a natureza sem distrações ou simplesmente permanecer em quietude antes de dormir são práticas que ajudam o cérebro a recuperar equilíbrio emocional.

Pesquisas também indicam que momentos de silêncio favorecem relaxamento, criatividade e reorganização cognitiva. Alguns estudos sugerem inclusive que ambientes silenciosos podem estimular processos ligados à neuroplasticidade e ao desenvolvimento de novas conexões neurais.

E talvez uma das experiências mais profundas que tive com o silêncio não tenha acontecido em um retiro espiritual. Não foram dias de isolamento, não precisei subir nenhuma montanha e nem me confinei em um mosteiro. Descobri que o silêncio pode ser alcançado de forma muito mais simples.

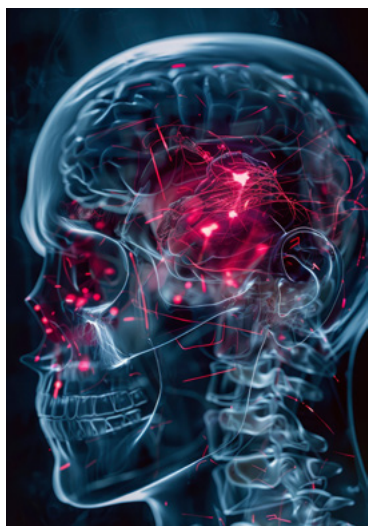
Às vezes, basta uma música suave, instrumental, e permitir que o cérebro seja conduzido pelas ondas sutis daquele som até um estado de quietude interna.

Minha experiência aconteceu ouvindo River Flows in You, de Yiruma. As notas leves como plumas foram me envolvendo lentamente, até que senti como se realmente estivesse flutuando sobre um rio: calmo, sereno e doce. Meu corpo desacelerou. Minha respiração ficou mais profunda. E algo dentro de mim encontrou ordem.

Alcansei o silêncio ouvindo aquele som. Foi como entrar em um espaço interno onde os ruídos emocionais deixaram de gritar. Um estado de presença rara em tempos tão acelerados. Porque o silêncio nem sempre é ausência de som. Muitas vezes, o verdadeiro silêncio é a ausência de ruído interno.

O silêncio também reorganiza a espiritualidade. Ele reduz o ruído externo para que a consciência possa voltar a perceber significado, presença e profundidade. Em um mundo que valoriza velocidade, talvez o silêncio tenha se tornado um dos atos mais revolucionários da saúde mental contemporânea.

Porque algumas respostas não chegam no barulho. Chegam na pausa.



O silêncio atua como um regulador neurofisiológico. Momentos de silêncio reduzem a sobrecarga sensorial e permitem que o sistema nervoso parassimpático seja ativado. É esse sistema que induz estados de relaxamento, recuperação e sensação de segurança interna. Em outras palavras: o cérebro precisa de silêncio para sair do modo sobrevivência.

Relatórios da American Psychological Association apontam que a exposição contínua ao excesso de ruído aumenta níveis de estresse e impacta diretamente a saúde mental. Estudos mostram ainda que períodos de silêncio podem melhorar estados de humor, favorecer relaxamento profundo e ampliar a percepção do momento presente.

Mas existe também uma dimensão mais profunda. Em muitas tradições filosóficas e espirituais, o silêncio sempre foi visto como um portal de percepção. Não porque nele "não exista nada", mas porque é justamente no silêncio que começamos a ouvir aquilo que o excesso de

Participe do Edital da Revista The Bard

INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

39ª
EDIÇÃO

Revista
The Bard
Poesia, arte e música

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Setembro e Outubro aberto até dia 31/07/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

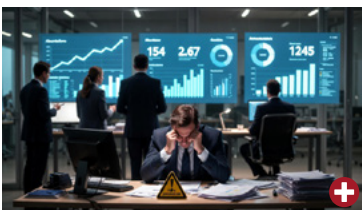
Os Números Não Mentem: Como Os Afastamentos Colocam Empresas No Radar Da Nr-1



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, MBA em Saúde Mental no Trabalho, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais.

@prof.alineabreu



Há épocas em que uma mudança regulatória apenas ajusta procedimentos. Há outras em que ela expõe uma crise moral que já existia, mas era tolerada, escondida ou convenientemente individualizada. A nova dinâmica da NR-1 pertence a essa segunda categoria. Seu alcance não está apenas na esfera técnica, nem se resume à atualização de protocolos internos. O que ela produz é uma inversão incômoda, porém necessária: obriga empresas a olharem para o sofrimento psíquico no trabalho não como fatalidade pessoal, mas como possível sintoma de uma estrutura que adocece.

Esse deslocamento muda tudo porque atinge o coração de uma narrativa histórica muito bem instalada no mundo corporativo. Durante décadas, quando um trabalhador sucumbia ao esgotamento, à ansiedade, ao medo persistente, à depressão ou à ruptura subjetiva causada pela pressão cotidiana, o diagnóstico mais recorrente era quase sempre o mesmo, ainda que formulado com palavras diferentes. Faltou equilíbrio. Faltou preparo. Faltou resiliência. Faltou capacidade de adaptação. A linguagem variava, mas a lógica era estável: o problema estava na pessoa. A empresa, nessa leitura, permanecia como cenário neutro, como palco inocente, como simples contexto de uma fragilidade alheia.

Essa interpretação não era apenas equivocada. Ela era funcional.

Ao reduzir o sofrimento a um déficit individual, preservava-se o sistema que o produzia. Não era preciso rever metas. Não era preciso questionar lideranças abusivas. Não era preciso examinar o impacto de jornadas desproporcionais, cobranças contínuas, instabilidade deliberada, comunicação agressiva, prazos incompatíveis com a realidade e ambientes de medo travestidos de excelência. O custo humano permanecia invisível porque a estrutura havia aprendido a terceirizar a culpa. O trabalhador adocecia, mas o modelo seguia intacto. E, muitas vezes, seguia sendo premiado.

É exatamente esse conforto institucional que a NR-1 ameaça romper.

Ao incorporar formalmente os riscos psicossociais ao gerenciamento de riscos ocupacionais, a norma impõe uma mudança de eixo. Já não basta observar o indivíduo em sofrimento. Torna-se indispensável investigar o modo como o trabalho é organizado. O adoecimento deixa de ser lido apenas como evento biográfico e passa a exigir leitura estrutural. Se os afastamentos crescem, se o absentismo se intensifica, se as licenças médicas se acumulam, se determinados setores revelam desgaste persistente, a pergunta muda de natureza. Não se pergunta mais apenas "quem adoeceu?". Pergunta-se "o que, no interior da

organização, pode estar contribuindo para esse adoecimento?".

Essa é uma pergunta tecnicamente legítima e politicamente explosiva.

Ela é explosiva porque desmonta uma ficção muito conveniente: a de que resultados podem ser avaliados sem que se investigue o preço humano de sua obtenção. Durante anos, o léxico empresarial refinou formas elegantes de normalizar a violência organizacional. Pressão constante virou "alta performance". Sobrecarga virou "comprometimento". Disponibilidade permanente virou "espírito de dono". Competição desmedida virou "cultura meritocrática". O problema nunca esteve apenas nas palavras, mas no uso estratégico delas para higienizar práticas nocivas e torná-las socialmente aceitáveis.

A nova lógica da NR-1, quando levada a sério, desmonta essa higienização.

Ela não permite mais que a empresa se proteja atrás de slogans de bem-estar enquanto preserva, no cotidiano, estruturas de desgaste sistemático. O que passa a importar não é a estética do cuidado, mas a materialidade da gestão. Não basta dizer que a saúde mental é prioridade. Será preciso demonstrar, com método, registro e coerência, que os riscos foram identificados, avaliados e acompanhados. Será preciso provar que há plano de intervenção, responsabilização, revisão de processos e envolvimento concreto da liderança. Sem isso, o discurso se desidrata. Pior: pode se converter em evidência indireta de omissão.

E aqui reside uma das mudanças mais significativas do cenário atual: os números deixam de ser apenas dados administrativos e passam a operar como vestígios institucionais. Eles ganham densidade interpretativa. O aumento de afastamentos não fala somente sobre indivíduos adoecidos. Ele pode falar sobre padrões organizacionais. Pode sugerir que há algo na engrenagem do trabalho produzindo ou agravando o sofrimento. Pode indicar que o problema não está à margem da estrutura, mas instalado em seu centro.

Os números, nesse contexto, tornam-se moralmente perturbadores porque eles têm o poder de desmentir narrativas oficiais.

Uma empresa pode investir pesadamente em campanhas internas, em comunicados sobre acolhimento, em treinamentos de aparência moderna e em apresentações cuidadosamente desenhadas sobre cultura organizacional. No entanto, se os indicadores revelam crescimento persistente de adoecimento, afastamentos frequentes e deterioração das condições subjetivas de trabalho, o verniz institucional começa a rachar. E quando isso ocorre, o que emerge não é apenas um problema de gestão. O que emerge é uma contradição ética.

Não há neutralidade possível quando o sofrimento passa a ser padrão.

Essa constatação é central porque obriga a sociedade, os órgãos de fiscalização, a imprensa e as próprias organizações a abandonar uma visão sentimentalizada e superficial da saúde mental no trabalho. Não se trata de um tema lateral, nem de uma pauta acessória para departamentos de pessoas. Trata-se de uma questão de estrutura, de poder, de governança e de responsabilidade social. A forma como o trabalho é organizado influencia corpos, mentes, relações familiares, estabilidade econômica e dignidade cotidiana. Tratar esse impacto como detalhe é uma forma sofisticada de negar a realidade.

Talvez por isso a resistência empresarial ao reconhecimento dos riscos psicossociais seja, em muitos casos, tão intensa. Admitir a dimensão estrutural do adoecimento significa aceitar que a empresa não é apenas o espaço onde o sofrimento aparece. Ela pode ser o espaço que o produz, o intensifica ou o perpetua. Isso exige coragem técnica, mas também humildade institucional. Exige abandonar a tentação permanente de culpar o elo mais vulnerável. Exige reconhecer que a eficiência celebrada por relatórios e metas pode esconder, em sua base, uma rotina sustentada por medo, hipercontrole, instabilidade emocional e desgaste crônico.

Há, ainda, uma camada mais profunda dessa discussão, frequentemente ignorada por análises apressadas. O adoecimento laboral não é apenas um evento estatístico nem uma falha



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/05/2026"

operacional. Ele é uma experiência humana devastadora. Por trás de cada afastamento existe uma pessoa que, em algum momento, deixou de conseguir sustentar a vida como ela era. Existe alguém que passou a temer o início da semana. Alguém que começou a associar o toque do celular à angústia. Alguém que perdeu o sono, o apetite, a paciência com os filhos, a capacidade de estar presente em casa, a confiança em si mesmo. Existe alguém que tentou continuar funcionando até o corpo ou a mente finalmente recusarem a imposição do desempenho contínuo.

E quando uma organização insiste em tratar isso como efeito colateral inevitável, ela atravessa uma linha perigosa.

A partir desse ponto, já não se trata apenas de má gestão. Trata-se de indiferença institucionalizada.

Indiferença não no sentido de ausência de campanhas ou de omissão discursiva, mas no sentido mais grave: o de aceitar como normal um modo de funcionamento que desgasta seres humanos enquanto celebra produtividade. Há algo de profundamente perturbador em ambientes que se orgulham de metas agressivas sem jamais perguntar quem paga, intimamente, por essa agressividade. Há algo de eticamente falho em estruturas que pedem engajamento absoluto, mas se mostram incapazes de reconhecer os sinais de exaustão que elas mesmas ajudam a produzir. Há algo de cruel em sistemas que exigem que trabalhadores provem diariamente seu valor enquanto tornam invisíveis as condições que tornam esse esforço insustentável.

É nesse ponto que a NR-1 ultrapassa a condição de norma e assume dimensão civilizatória.

Ela força a passagem de uma cultura de

reação para uma cultura de responsabilidade. Em vez de agir apenas depois do colapso, exige monitoramento. Em vez de tratar cada caso como episódio isolado, exige leitura de padrão. Em vez de aceitar o sofrimento como elemento privado, exige investigação das condições que o cercam. Em vez de tolerar improviso, exige evidência. Isso altera profundamente a posição da empresa no debate público. Ela já não pode alegar desconhecimento com a mesma facilidade. Se há sinais, indicadores, repetição de casos e ausência de resposta estruturada, a omissão deixa de parecer acidental e começa a adquirir contornos de escolha.

E escolhas institucionais importam.

Importam porque revelam prioridades reais. Importam porque mostram o que uma organização considera negociável. Importam porque expõem se o compromisso com o ser humano termina no discurso ou alcança a prática concreta da gestão. Uma empresa que monitora seus indicadores, cruza dados de absentismo com fatores organizacionais, revisa fluxos, ajusta metas, forma lideranças e registra suas ações não está apenas evitando passivos. Está assumindo que cuidar da estrutura é parte inseparável de sustentar resultados legítimos. Está reconhecendo que governança sem responsabilidade humana é apenas administração do dano.

Já a empresa que ignora os sinais corre riscos múltiplos. O risco legal é evidente. O risco reputacional é crescente. O risco econômico também é mensurável. Mas talvez o maior de todos seja o risco de revelação. A revelação de que seu desempenho depende, em parte, da exaustão alheia. A revelação de que sua cultura interna premia a disponibilidade sem limite e silêncio do sofrimento até que ele se torne afastamento, ruptura ou saída. A revelação de que o discurso institucional sobre cuidado era, no fundo, uma camada cosmética sobre práticas incompatíveis

com qualquer noção séria de dignidade no trabalho.

Em um cenário de fiscalização mais técnica, essa revelação se torna ainda mais provável. O afastamento deixa de ser apenas consequência e passa a funcionar também como gatilho de verificação. Não se trata mais de um dado enterrado em planilhas de Recursos Humanos ou restrito ao universo privado da gestão de pessoas. Trata-se de um sinal que pode convocar análise, questionamento e cobrança. Quando os números se acumulam, a empresa deixa de ser apenas uma organização enfrentando dificuldades internas e passa a ser observada como ambiente potencialmente produtor de risco. Isso altera o peso institucional do problema. Altera também a urgência da resposta.

Esperar, nesse contexto, é mais do que imprudência. É estratégia fracassada.

Durante muito tempo, muitas organizações operaram sob a lógica de apagar incêndios. Só revisavam processos quando a crise já havia se instalado. Só se preocupavam com liderança quando o conflito explodia. Só discutiam saúde mental quando o dano já era visível, custoso e público. Essa lógica reativa talvez tenha sido tolerada em outros momentos. Agora, ela se revela insuficiente, cara e moralmente pobre. A antecipação deixa de ser gesto de excelência e se torna requisito mínimo de responsabilidade.

Leitura Completa
no Site

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

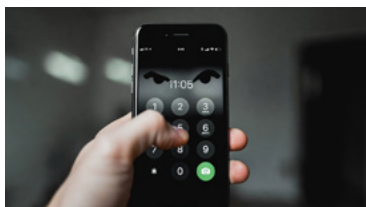
Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

- Leia o artigo completo no Site

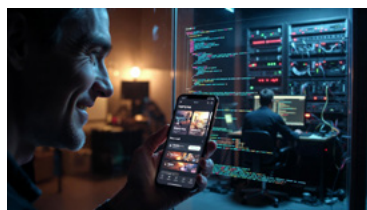
Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que

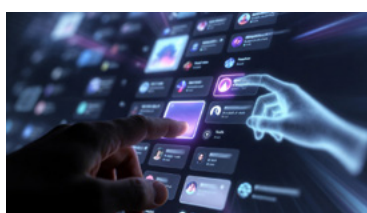
parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, conseqüentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.

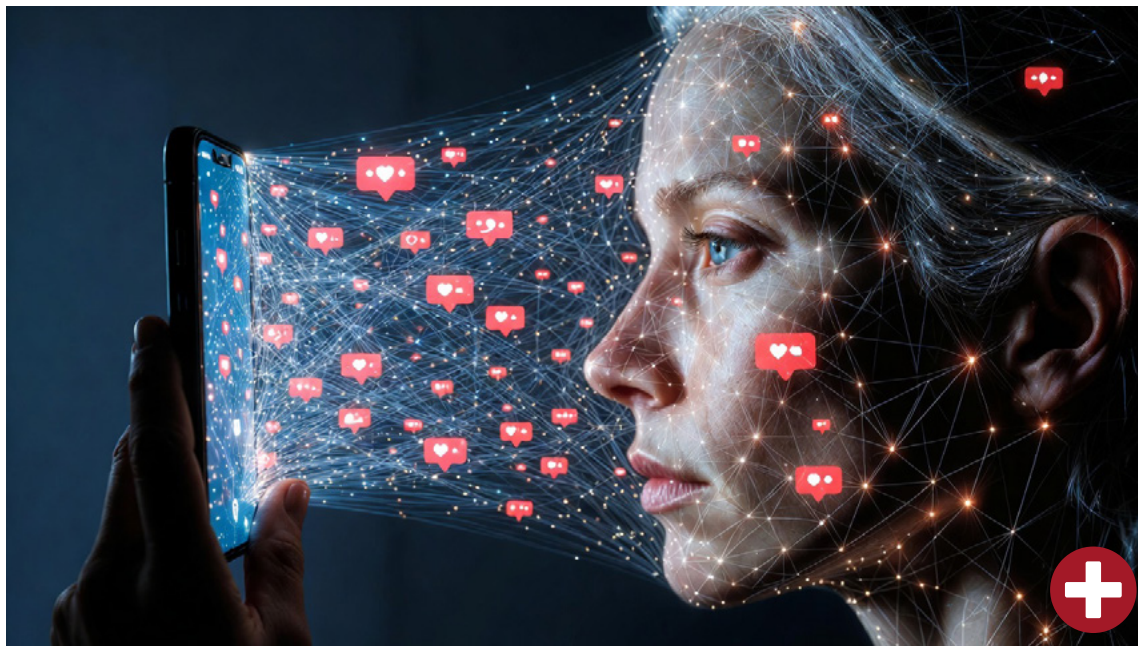


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas conseqüências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, conseqüentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser

entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

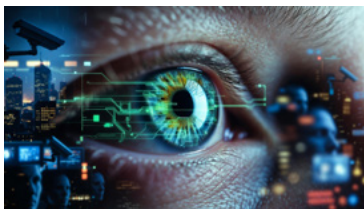
CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia



Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem “quem é você?”, calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.

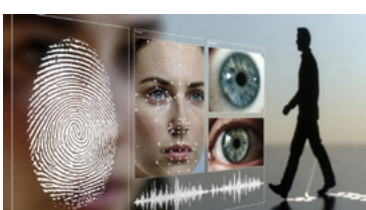
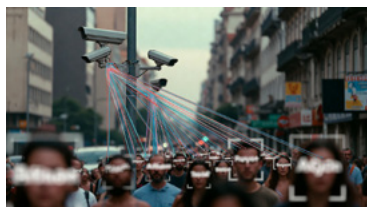


IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepick sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna-se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém,

o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança

o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar-se pode significar exclusão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepick sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa



Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews

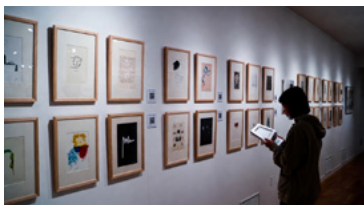
"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA

- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava-se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias,

pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não "entendem" o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta-lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de "parceria criativa", em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador,

uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas "intermediárias" na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produzem variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí-las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma

espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando-lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna-se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá-la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA *usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026*



CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

CRÍTICA

Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela, a autocensura e a busca por estabilidade aparente, enquanto o medo de exposição, o julgamento rápido das redes e a associação rígida entre ideias e identidades retraem a disposição ao confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e

amplificadas. O ambiente digital contribuiu para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribuiu para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar controvérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa,

antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/04/2026"

VITRINE THE BARD



[Clique aqui para anunciar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



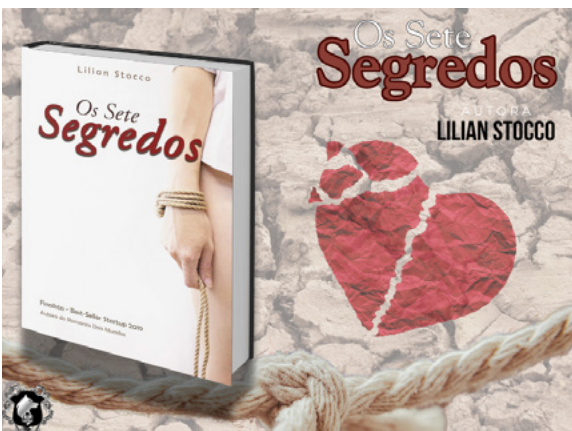
[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para acessar](#)



[Clique aqui para Anunciar](#)



[Clique aqui para acessar](#)

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

**CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR**

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br**

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300



FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920

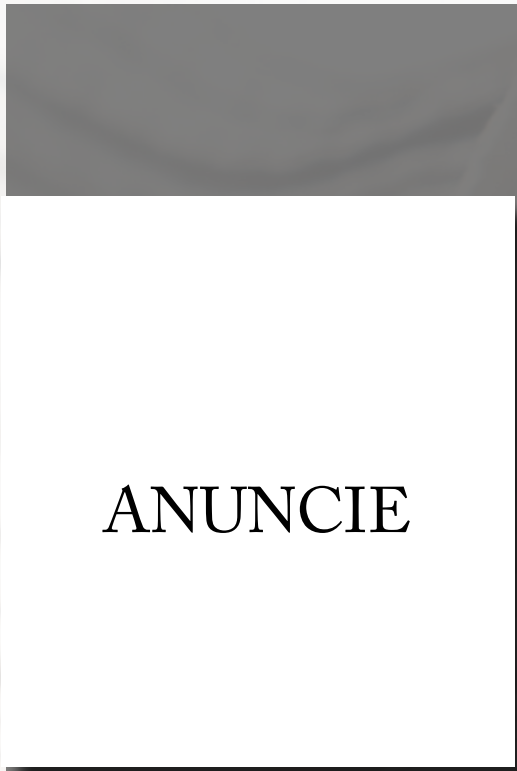


FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1



Pub2



Pub3



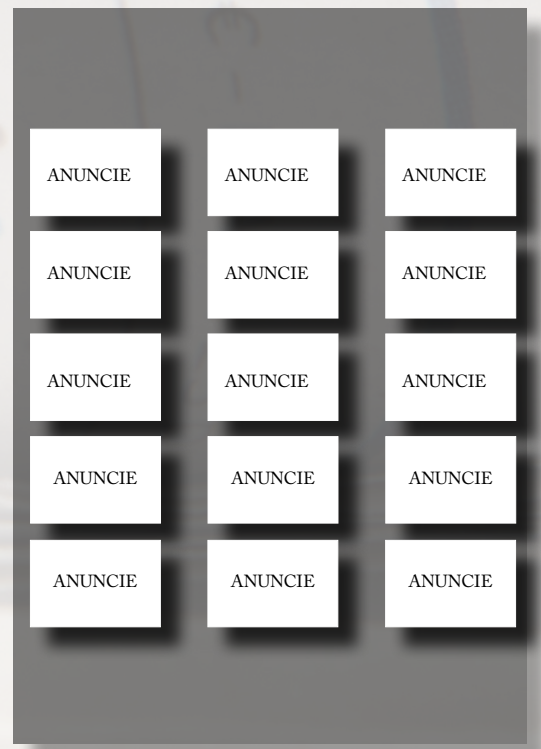
Pub4



Pub5



Pub6



Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 15 de junho de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 10ª edição do **Jornal The Bard News®**, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O **The Bard News** nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação.

Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O **The Bard News** nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.

Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O **The Bard**

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação - The Bard News



BAIXE NOSSO APLICATIVO

QR CODE

1

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

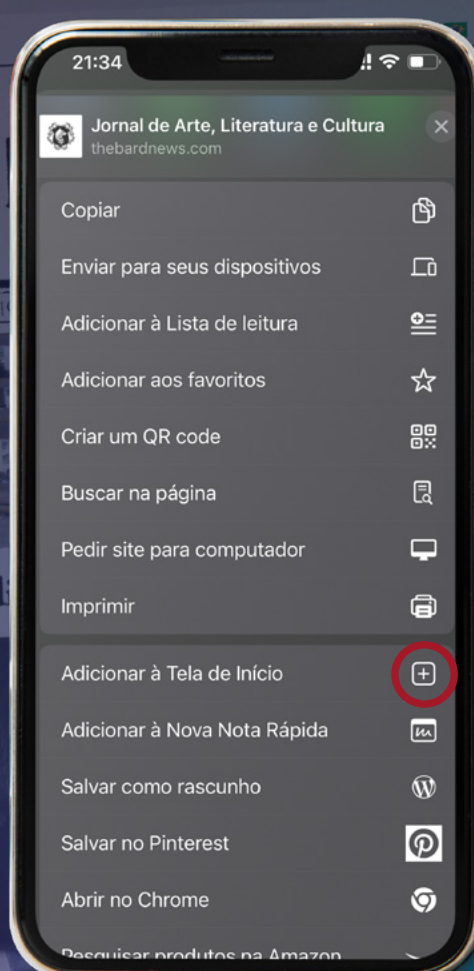


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

